



JULIANA PUGLIESE CHRISTMANN

**MEMÓRIAS DE PESCADORES ARTESANAIS SOBBRE POLÍTICAS PÚBLICAS
PARA A PESCA (2013-2019):
PRAIA DO PAQUETÁ, ILHA DA PINTADA E LITORAL NORTE DO RIO GRANDE
DO SUL**

CANOAS/RS, 2020

JULIANA PUGLIESE CHRISTMANN

**MEMÓRIAS DE PESCADORES ARTESANAIS SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS
PARA A PESCA (2013-2019):
PRAIA DO PAQUETÁ, ILHA DA PINTADA E LITORAL NORTE DO RIO GRANDE
DO SUL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória e Bens Culturais da Universidade La Salle, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Memória Social e Bens Culturais. Linha de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade.

Orientação: Prof.^a. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin

Coorientação: Prof.^a. Dra. Maria de Lourdes Borges

CANOAS/RS, 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C555m Christmann, Juliana Pugliese.

Memórias de pescadores artesanais sobre políticas públicas para a pesca (2013 – 2019) [manuscrito] : Praia do Paquetá, Ilha da Pintada e litoral norte do Rio Grande do Sul / Juliana Pugliese Christmann – 2020.

170 f.; 30 cm.

Tese (doutorado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2020.

“Orientação: Profª. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin”.

1. História oral. 2. Memórias. 3. Pescadores artesanais – Rio Grande do Sul. 4. Políticas públicas – pesca artesanal. I. Graebin, Cleusa Maria Gomes. II. Título.

JULIANA PUGLIESE CHRISTIMANN

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do título de doutora, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
Universidade La Salle



Prof. Dr. Moises Waismann
Universidade La Salle



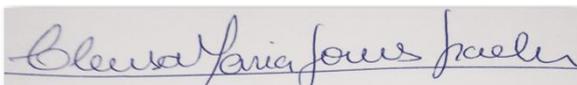
Prof. Dr. Rafael Victorino Devos
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof.ª Dr.ª Tatiana Silva da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Prof.ª Dr.ª Maria de Lourdes Borges
Coorientadora - Universidade La Salle



Prof.ª Dr.ª Cleusa Maria Gomes Graebin
Orientadora e Presidenta da Banca - Universidade La Salle

Área de concentração: Memória Social e Bens Culturais

Curso: Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 27 de março de 2020.

Dedico este trabalho às mulheres que me deram a vida, umas pelo sangue, outras pelo coração. Minhas mães, madrinha, avós, tias, primas, irmãs, amigas e professoras. Dedico, ainda, a todas mulheres que me antecederam, e deposito minha fé nas que vão me suceder.

Esse é um trabalho que revela a luta diária de homens e mulheres, pescadores artesanais do Rio Grande do Sul, que tem as águas como parte de suas vidas. Entrego a minha singela luta a vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos pescadores que gentilmente me cederam suas vozes e me permitiram embarcar nas suas belas memórias de luta e histórias de vida por meio de suas narrativas. Conhecer essas vidas que me foram narradas me mostrou felicidade, simplicidade, amor, solidariedade, sentimento de comunidade e sem eles essa tese não seria possível.

RESUMO

Este é um trabalho de História Oral com pescadores artesanais da Praia do Paquetá (Canoas), da Ilha da Pintada (Porto Alegre) e de Capão da Canoa, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul. A pesquisa, inserida no campo de estudos em memória social é uma continuação do trabalho desenvolvido no Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais da Unilasalle, na Linha de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade. Levou em consideração, pontos sensíveis do cotidiano desses trabalhadores, em termos do seu perfil, suas percepções sobre políticas públicas para a pesca, sua relação com as autoridades instituídas e com entidades que os representam. A tese partiu do pressuposto de que os pescadores artesanais não percebem sua representatividade efetiva na elaboração das políticas públicas para a pesca. A investigação contou com a contribuição de estudos desenvolvidos no Brasil e no Rio Grande do Sul, junto a pescadores artesanais, os quais levam em consideração a construção de suas memórias sobre a pesca e seus modos de vida. Teoricamente, apoiou-se em concepções que compreendem memória como construção processual, a partir de demandas do presente, permeada por lembranças, esquecimentos, negociações e representações. Metodologicamente, foi escolhida uma linha de História Oral que trabalha com um processo transcritivo o qual se fundamenta no conceito/procedimento chamado de cápsula narrativa. Foram realizadas sete cápsulas narrativas com quatro pescadores e três pescadoras artesanais entre 2013 e 2019. Neste processo, os narradores têm a escolha de por onde iniciar a sua fala e qual será o seu eixo narrativo. A leitura das narrativas deu-se por meio de uma abordagem que buscou sentidos e significados, construção identitárias e pelas experiências dos pescadores. Essas evidenciaram pontos em comum em percepções sobre políticas públicas e gestão dos territórios para a pesca artesanal, o sentido que os pescadores dão para suas entidades representativas, os laços entre eles e o ambiente em que vivem ao descreverem suas vidas nas beiras dos rios e lagoas, espaços esses que foram identificados em suas memórias. Suas falas reforçam a falta de suporte governamental, mas, mesmo em frente às dificuldades, existe uma persistência em se manterem na pesca artesanal.

Palavras-chave: Pescadores artesanais. Rio Grande do Sul. História Oral. Memórias. Políticas públicas para a pesca artesanal.

ABSTRACT

This is an Oral History work with artisanal fishermen from *Praia do Paquetá (Canoas)*, *Ilha da Pintada (Porto Alegre)* and *Capao da Canoa*, in *Rio Grande do Sul's* North Coast. The research, inserted in the social memory field study, is a continuation of the work developed in the *Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais da Unilasalle*, at Memory, Culture and Identity Line of Research. Taken in consideration, sensitive points of these workers daily life, according to their profile, perceptions about fishing public policies, relation with the instituted authorities and with entities that represent them. The thesis had assumed that the artisanal fishermen do not notice their effective representativity on the elaboration of fishing public policies. The investigation counted with the contribution of studies developed in Brazil and *Rio Grande do Sul*, together with artisanal fishermen, which taken in consideration the construction of their memories about fishing and their way of life. Theoretically, support in conceptions that comprehend memory as a processual construction, as of demands from the present, pierced by remembrance, oblivion, negotiations and representations. Methodologically, it has been chosen a line of Oral History which works with a transcreative process that grounds on concept/procedure called narrative capsule. It was realized seven narrative capsules with four artisanal fishermen and three artisanal fisherwomen between the years of 2013 and 2019. On this process, the narrator has the right to choose from where to start its speech and which will be its narrative axis. The narrative reading occurred through an approach that searched for senses and meanings, identity construction and by the fishermen's experiences. Those highlighted common points between the perceptions about public policies and territory managing for artisanal fishing, the meaning they give to their representative entities, the bonds between the fishermen and the environment that they live when describing their lives on the edges of rivers and lagoons, locations which were identified in their memories. Their speeches reinforce the lack of governmental support, although, even facing difficulties, there is a persistence on keeping themselves in artisanal fishing.

Key-words: Artisanal fishermen. *Rio Grande do Sul*. Oral History. Memories. Public policies for artisanal fishing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Proposições sobre o campo de estudos em memória social.....	33
Figura 2 - Principais legislações da pesca (nível federal e estadual).	46
Figura 3 - “Singrando” pela Praia do Paquetá – Canoas/RS (agosto/14).	56
Figura 4 - Reunião no Fórum Delta do Jacuí – Porto Alegre/RS (janeiro/17).	58
Figura 5 - Reunião no CONGAPES – Porto Alegre/RS (julho/17).	58
Figura 6 - A porta de casa do Paulo – Canoas /RS (agosto/14).	62
Figura 7 - Dona Mosa na frente de casa – Canoas /RS (outubro/14).	63
Figura 8 - Miro na Praia do Paquetá – Canoas /RS (agosto/14).	64
Figura 9 - Nego retirando a embarcação – Canoas /RS (janeiro/15).	65
Figura 10 - Jaque na sua casa – Canoas /RS (agosto/14).	66
Figura 11 - Aula de navegação – Capão da Canoa/RS (abril/19).	67
Figura 12 - Méia com a esposa e filha (julho/19).	68
Figura 13 - Matéria Pesca irregular SEMA-RS (dezembro/19).	85
Figura 14 - Enchente na Ilha da Pintada – Porto Alegre/RS (agosto/15).	113

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estudos de memória de pescadores artesanais no RS (2007-2019)	16
Quadro 2 - Estudos de memória de pescadores artesanais no Brasil (2006-2019) ..	17
Quadro 3 - Marcos da História Oral no Brasil (1950-1990)	36
Quadro 4 - Obras de Alberto Lins Caldas sobre História Oral (1998-2016)	38
Quadro 5 - Noções em História Oral, a partir de Alberto Lins Caldas.	39
Quadro 6 - Trabalhos desenvolvidos a partir do conceito de Cápsula Narrativa.....	40
Quadro 7 - Linhas teóricas sobre políticas públicas	42
Quadro 8 - Marcos Históricos da Pesca Artesanal no Brasil.....	43
Quadro 9 - Regiões Hidrográficas e os fóruns de pescadores artesanais do RS.....	49
Quadro 10 - Temáticas das políticas públicas para a pesca artesanal no Brasil.....	54
Quadro 11 - Informações sobre os narradores plenos	60
Quadro 12 - Exemplo das Temáticas das políticas públicas nas narrativas.....	148

LISTA DE SIGLAS

Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA
Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento – BIRD
Centrais de Abastecimento do Rio Grande do Sul - CEASA
Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC
Centro de Tradições Gaúchas - CTG
Conselho Gaúcho de Aquicultura e Pesca Sustentáveis – CONGAPES
Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT)
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES
Fundação de Economia e Estatística - FEE
História Oral - HO
Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA
Instituto de Estudos Socioeconômicos - INESC
Instituto Nacional do Seguro Social - INSS
International Oral History Association - IOHA
Master of Business Administration - MBA
Ministério da Pesca e Aquicultura - MPA
Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais - MPP
Núcleo Estudos em História Oral da USP NEHO-USP
Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura - FAO
Organização Internacional do Trabalho - OIT
Rede Brasileira de Informação Ambiental - REBIA
Registro Geral da Pesca - RGP
Relações Públicas - RP
Rio Grande do Sul - RS
Salão Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão da Uergs - SIEPEX
Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo do Estado do Rio Grande do Sul – SDR
Secretaria Especial da Aquicultura e Pesca - SEAP
Semana Científica da Unilasalle - SEFIC
Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial -SENAI
Superintendência de Portos e Hidrovias - SPH

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC

Universidade de São Paulo - USP

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Universidade Federal de Rio Grande - FURG

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Universidade Luterana da Brasil - ULBRA

Zoneamento Ecológico-Econômico do Rio Grande do Sul - ZEE-RS

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
SINGRADURA.....	21
1 NAS MARGENS DO RIO, PREPARANDO A PESCARIA	32
2 JOGANDO AS REDES: POLÍTICAS PÚBLICAS, A PESCA E OS PESCADORES ARTESANAIS	42
3 OS PASSOS DA PESCARIA	55
4 AS NARRATIVAS	70
5 NAVEGANDO NA LEITURA.....	122
6 HORA DE RECOLHER AS REDES E CONCLUIR A PESCARIA.....	146
REFERÊNCIAS.....	153
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	164
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – IMAGENS.....	165
APÊNDICE C – Carta de Apresentação da Pesquisa	166

APRESENTAÇÃO

Pescador, onde vais pescar esta noite:
 [...]

 Está tão perto que eu não te vejo pescador, apenas

 Ouço a água ponteando no peito da tua canoa...

 (Pescador, Vinícius de Moraes)¹

Este estudo, inserido no campo de estudos em memória social, é resultante de um projeto de pesquisa em História Oral (HO) com pescadores artesanais², na Praia do Paquetá (Canoas), na Ilha da Pintada (Porto Alegre) e em Capão da Canoa, no Rio Grande do Sul. Nele, defendo a tese de que estes não percebem sua representatividade³ efetiva na elaboração das políticas públicas para a pesca.

O trabalho foi elaborado por meio de sete narrativas (de três pescadoras e de quatro pescadores) e seus pontos sensíveis⁴ concentraram-se a partir das seguintes questões:

Qual é o perfil de pescadores artesanais das seguintes localidades no Rio Grande do Sul: Praia do Paquetá, Canoas; Ilha da Pintada, Porto Alegre; e Capão da Canoa, RS?

Quais as percepções sobre políticas para a pesca por parte dos pescadores artesanais dessas localidades?

¹ Publicado originalmente no livro POEMAS, SONETOS E BALADAS São Paulo, Edições Gavetas, em 1946. Disponível em <https://www.portalsaofrancisco.com.br/obras-literarias/pescador> Acesso em 20.jan.2020.

² A Lei 11.959, de 29 de junho de 2009, que dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, define atividade pesqueira, no Cap. II, na Seção II, Art. 4º, compreendendo [...] todos os processos de pesca, exploração e exploração, cultivo, conservação, processamento, transporte, comercialização e pesquisa dos recursos pesqueiros”. Como pesca artesanal, considera [...] os trabalhos de confecção e de reparos de artes e petrechos de pesca, os reparos realizados em embarcações de pequeno porte e o processamento do produto da pesca artesanal”. Sobre a natureza da pesca, no Cap. IV, Seção I, Art. 8º, classifica a pesca como artesanal “quando praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de pequeno porte”.

Disponível em: <http://www.cppnacional.org.br/sites/default/files/legislacao/LEI-N%C2%BA-11959-09-Lei-da-Pesca-e-Aq%C3%BCultura.pdf> Acesso em 27.fev.2020.

³ Por representatividade, entendo, aqui, a participação dos pescadores artesanais na gestão integrada de agendas de políticas públicas para a pesca.

⁴ De acordo com Fabíola Holanda Barbosa os pontos sensíveis surgem a partir da própria narrativa. São marcas que o narrador imprime em cada fala, as quais guiam as escolhas do oralista na sua leitura. Esta autora apoiou-se em Barthes, na sua noção de *punctum*, ou seja, do que é pungente numa fotografia, que provoca reação no espectador, detalhes que fascinam seu olhar, que parte da cena e transpassa quem a vê (2002).

Como se dá o seu acesso ao conhecimento sobre as ações públicas dirigidas à pesca?

Os pescadores conhecem suas entidades representativas? Consideram-se amparados por essas entidades?

Quais suas percepções sobre a gestão dos territórios para a pesca nessas localidades?

Como percebem suas experiências de representatividade junto aos poderes públicos e nos espaços de discussão sobre pesca artesanal?

Para melhor responder a estas inquietações, formulei os objetivos a seguir.

Geral:

Compreender percepções de pescadores artesanais no Rio Grande do Sul sobre políticas públicas para a pesca e sobre sua representatividade junto aos poderes públicos e nos espaços de decisão.

Específicos:

- Caracterizar o perfil dos pescadores artesanais das seguintes localidades do Rio Grande do Sul: Praia do Paquetá, Canoas; Ilha da Pintada, Porto Alegre; e Capão da Canoa.

- Apontar, a partir das narrativas orais dos pescadores, suas percepções sobre políticas públicas, gestão dos territórios de pesca; entidades representativas;

- Verificar sua presença ou ausência nos diferentes espaços que tratam de políticas públicas;

- Analisar as suas experiências de representatividade.

Como situação posta por estudos já desenvolvidos no mestrado⁵, havia constatado que a articulação entre os pescadores ocorre por meio de suas colônias e fóruns de pesca, espaços a partir dos quais tratam sobre as repetidas dificuldades enfrentadas em suas trajetórias profissionais. São exemplos: a ausência de suporte governamental; o avanço de outras atividades econômicas; a falta de infraestrutura básica nas localidades onde habitam; a dependência de políticas públicas, como por

⁵ CHRISTMANN, Juliana Pugliese. **Pescando memórias na praia do Paquetá**. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11690/881>. Acesso em 22.jan.2020.

exemplo, o seguro defeso⁶ e as proibições de pesca de determinados locais e espécies.

Para ampliar informações sobre o tema, busquei trabalhos desenvolvidos por pesquisadores que abrangessem a situação de pescadores artesanais no Brasil e, especificamente no Rio Grande do Sul. A seguir, no Quadro 1, trago uma síntese de investigações realizadas no estado.

Quadro 1 - Estudos de memória de pescadores artesanais no RS (2007-2019).

Autor(es) Ano	Localidade	Título	Discussões
Rafael Devos (2007)	Ilhas do Delta do Rio Jacuí	A “questão ambiental” sob a ótica da antropologia dos grupos urbanos, nas ilhas do Parque Estadual Delta do Jacuí, Bairro Arquipélago, Porto Alegre, RS	Cotidiano dos pescadores, conflitos de uso do território e as possíveis reconstruções sociais que estimulassem a preservação ambiental.
Juliana Christmann (2015)	Praia do Paquetá, Canoas	Pescando memórias na praia do Paquetá	Memórias sobre suas atividades cotidianas com as águas.
Loyvana Carolina Perucchi e Gabriela Coelho-de-Souza (2016)	Bacia do Rio Tramandaí	Cartilha do Pescador Artesanal: Etnoecologia, Direitos e Territórios na Bacia do Rio Tramandaí	Qualificação e auxílio aos pescadores na compreensão da temática contemplando a cultura, a economia e as políticas da pesca artesanal.

⁶ Benefício ao Pescador Artesanal durante o período em que fica impedido de pescar em razão da necessidade de preservação das espécies. Disponível em: <https://www.inss.gov.br/beneficios/seguro-desemprego-do-pescador-artesanal/>. Acesso em 22.jan.2020.

Autor(es) Ano	Localidade	Título	Discussões
Juliana Mazurana (2016)	Bioma Pampa	Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa	Abordou a pesca artesanal com os principais pontos identificados nos relatos dos pescadores e pescadoras do RS: Identidade e saberes; atividade transmitidas; os territórios da pesca; a relevância da atividade econômica que garante a sobrevivência; os conflitos de usos com as demais atividades nas águas; as mudanças climáticas; e as políticas públicas para a pesca.
Ederson Pinto da Silva e Tatiana Walter (2018)	Lagoa Mirim	Pesca Artesanal e Participação na Gestão Territorial: a Realidade dos Pescados	Trabalho sobre a pesca artesanal e participação na gestão territorial na Lagoa Mirim. Avaliou a participação dos pescadores na gestão ambiental e de como grupos sociais com interesses conflitivos se inserem nas arenas políticas que tratam da questão ambiental.
Sammer Maravilha Chagas Gilio Dias (2019)	Litoral Norte do RS	Conhecimento ecológico local dos Pescadores artesanais sobre bagre (<i>Famíliaariidae</i>), no litoral norte do RS	A situação da pesca do Bagre e o conhecimento ecológico local dos pescadores artesanais no litoral norte gaúcho. Neste estudo foi analisada a relação das leis pesqueiras vigentes, a possível contribuição dos pescadores artesanais para aprimorá-las e o uso dos recursos pesqueiros.

Fonte: Autoria própria, a partir das obras consultadas.

A compilação apresentada não pretende esgotar o todo das pesquisas sobre pesca artesanal no Rio Grande do Sul e sobre pescadores. Foram selecionados os que mais se aproximavam do meu interesse, ou seja, a construção de memórias. Na sequência, no Quadro 2, trago trabalhos realizados sobre pescadores em outras regiões do Brasil.

Quadro 2 - Estudos de memória de pescadores artesanais no Brasil (2006-2019).

Autor(es) Ano	Localidade	Título	Discussões
Christian Nunes da	Pará	Territorialidades e modo de vida de	Explorou as territorialidades e modo de vida de pescadores do Rio

Autor(es) Ano	Localidade	Título	Discussões
Silva (2006)		pescadores do rio Itaquara, Breves – PA	Itaquara. Verificou na prática pesqueira, uma diversidade de atores: pescadores, comunidades pesqueiras, associações de pesca, intermediários do pescado e órgãos de fiscalização. Cada um deles se relacionava de modo diferente com a obtenção e uso dos recursos naturais e delimitação do território.
Joycelaine Aparecida de Oliveira (2009)	Rio São Francisco	1982 - Ciclo de águas e vidas: o caminho do rio nas vozes dos antigos vapozeiros e remeiros do São Francisco	Estudou o Rio com base nas lembranças de pessoas que trabalhavam nos vapores e barcas. Os conceitos vistos foram de espaço, lugar, percepção e memória, que permearam as lembranças, a partir dos campos da Geografia, Antropologia e História. Segundo a autora, o aspecto mais significativo foi o processo de diálogo estabelecido com os entrevistados e o sentimento de afeto entre o homem e o Rio São Francisco.
Luciana Yokoyama Xavier (2010)	Litoral Norte de São Paulo	A Participação de comunidades de pescadores tradicionais na implementação do Zoneamento Ecológico-Econômico Marinho e suas implicações: Um estudo de caso	O levantamento de dados deu-se por meio de entrevistas, em duas comunidades de pescadores artesanais. Analisou a participação social na elaboração e implementação do ZEE e suas consequências. Como resultado, identificou a baixa influência dos pescadores na definição das zonas, o que gerou conflitos na aceitação do ZEE. Concluiu que há necessidade de fortalecer as representações locais.
Andréia Duarte Alves e José Sterza Justo (2011)	Região sudeste de Mato Grosso do Sul	Espaço e Subjetividade: Estudo com Ribeirinhos	Abordaram as transformações vividas por uma comunidade ribeirinha afetada pela construção de uma usina hidrelétrica no Rio Paraná. Os pesquisadores concluíram que não são apenas os ribeirinhos que têm suas vidas diminuídas ou anuladas quando retiram o rio de suas existências. Entendem que o ser humano perde um componente essencial para a vida.

Autor(es) Ano	Localidade	Título	Discussões
Pedro Rapozo e Antônio Carlos Witkoski (2011)	Baixo-Solimões, Amazonas.	Pescadores e as Transformações Sociais do Trabalho na Amazônia Brasileira: Memória Social e as Dinâmicas de Apropriação Comum dos Recursos	A partir da percepção de memórias dos pescadores, procuraram compreender a relação entre o desenvolvimento da atividade pesqueira comercial na Amazônia e sua relação com as transformações sociais do trabalho, por meio da inserção do capital na economia regional.
Marta Coutinho Caetano (2012)	Pará	Memória das Águas: práticas culturais e educativas de pescadores artesanais nas Ilhas de Abaetetuba	O estudo analisou a prática educacional por meio das memórias de pescadores artesanais. Constatou que a memória de quem trabalha na atividade pesqueira reconstrói novos horizontes para história da educação.
Veronica Macedo dos Santos e Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti (2013)	Ubaitaba, Bahia	Relação e Vivência de Canoístas e Caminhantes com o Rio das Contas em Ubaitaba-BA.	Procurou compreender por meio de sujeitos que o vivenciam cotidianamente, a importância do Rio em suas vidas e seu bem-estar. Como conclusão da pesquisa, apontaram que entender como as pessoas vivenciam o Rio, no seu dia a dia, foi fundamental para compreender a importância de cuidar dos rios.
Manuela Chagas Manhães e Júlio Ramos Esteves (2018)	Arraial do Cabo	Uma Reflexão Sobre Memórias e Elementos Culturais da Comunidade Tradicional em Arraial do Cabo: Pesca Artesanal e Isolamento Social e Geográfico	Estudo sobre memórias sobre a pesca e o isolamento social e geográfico. O artigo discutiu o contexto cultural dos ribeirinhos, seus símbolos e modo de vida em comunidade. A conclusão apontou que as modificações socioculturais, ambientais e econômicas foram necessárias para a sua sobrevivência.
Ivo Raposo Gonçalves Cidreira-de Neto, Marília Lacerda Barbosa Fragoso e Gilberto Gonçalves Rodrigues (2019)	Paraíba	Pesca Artesanal do Marisco no Litoral Paraibano: Relações Socioambientais e Tecnologias Sociais	Investigação sobre a pesca artesanal e as relações socioambientais por meio de tecnologias sociais. Nesta pesquisa foram descritas as técnicas e estratégias socioambientais desenvolvidas, identificado seus padrões e singularidades. Verificou, ainda, que as tecnologias sociais fazem parte da identidade do pescador artesanal e, por diversas vezes, o trabalho foi relacionado com seu bem-estar.
Mayra Laborda Santos, Marina Hastenreiter Silva e Bruna	Rio Amazonas	Memória Coletiva, Cogestão de Recursos Comuns e Turismo no Amazonas	Refletiu sobre a influência das memórias coletivas e como contribuem para a formação de arranjos institucionais para gestão de recursos comuns e implantação do turismo nas regiões. Verificou, em sua incursão memorial, um histórico de utilização do espaço ligado

Autor(es) Ano	Localidade	Título	Discussões
Ranção Conti (2019)			às práticas da pesca, tanto artesanais, quanto comerciais e esportivas. Outro ponto foi a narrativa sobre degradação ambiental sofrida com o uso exploratório sem preservação do espaço.

Fonte: Autoria própria, a partir das obras consultadas.

Os trabalhos selecionados trazem diferentes abordagens teóricas e metodológicas sobre a pesca artesanal, tanto no Rio Grande do Sul, quanto no restante do país. Foram essenciais na pesquisa exploratória para a aproximação com o tema da tese.

A escolha do objeto e sujeitos do estudo esteve atrelada à minha atuação profissional. Foram experiências que propiciaram o envolvimento pessoal com comunidades tradicionais ribeirinhas, bem como a expectativa de auxiliar, de alguma maneira, a trabalhadores(as) que vivem exclusiva e/ou parcialmente da pesca artesanal.

Sendo assim, desde que iniciei a trabalhar junto a pescadores artesanais, tratou-se de um *navegar por águas nem sempre tranquilas, cuja singradura*⁷ apresento na sequência. Esta etapa traz os marcos que considero relevantes na minha trajetória, centrados em aspectos profissionais e acadêmicos. Ressalto que durante toda a construção textual da tese, tomei a liberdade poética de colocar títulos e subtítulos com analogias à pesca e à navegação ou, ainda, às águas, uma vez que foi por onde esta tese fluiu.

⁷ Segundo definição do Michaelis (2015) singradura é o caminho percorrido por uma embarcação num dado período de tempo.

SINGRADURA

O exercício de escrever sobre si é complexo, pois envolve experiências pessoais, profissionais e acadêmicas que se inter cruzam e se relacionam. Mesmo sendo um ato usual em minha rotina, tanto na vida acadêmica, quanto na profissional, por conta da atuação em empresas de Consultoria Ambiental, escrever em primeira pessoa — são mais de 10 anos utilizando em relatórios e outros documentos a terceira pessoa na conjugação de verbos — causa um estranhamento. Assim, o ato de escrever sobre mim, usando o “eu”, assumindo-me como autora e expondo minha assinatura, imprimiu ao texto acadêmico, o esforço, a mobilização, a paixão pelo tema, pelos colaboradores da pesquisa e pelos autores e autoras lidos, por mim apropriados e reescritos com minhas palavras.

Assim, inicio com uma narrativa, resultante de um trabalho de memória sobre minha trajetória profissional e acadêmica. A cada trecho escrito e posterior leitura, revivi aquele momento descrito e já o via sob outra perspectiva, como coloca Halbwachs (1990). É como se eu tivesse um filtro em meus olhos, compreendendo que uma construção memorial, de fato, é sempre a perspectiva do que estou vivendo naquele momento em que estou a lembrar. Jô Gondar informa que a memória

[...] não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que nós fazemos, que fazemos a ele, questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados. (GONDAR, 2005, p. 18).

Portanto, tendo em vista uma justificativa para o desenvolvimento desta pesquisa, apresento aqui uma releitura da minha caminhada e as inúmeras transformações pelas quais passei até chegar à finalização e entrega da tese.

Passados quatro anos desde o início do doutorado, entendo os inúmeros relatos de quem está ou esteve nestas mesmas circunstâncias, falando das mudanças e dos percalços passados durante este período. Este processo, ao que me parece, contribuiu para meu amadurecimento em relação ao objeto de estudo. Lembrando sobre o período em que cursei o mestrado e iniciei o doutorado, uso como analogia as fases da vida: infância, adolescência e a chegada à vida adulta. Neste momento, sinto como se vivesse a minha maturidade acadêmica. Sou grata pela oportunidade de estudar e por ter chegado na conclusão do doutorado, lugar de poucos privilegiados.

Feitas aqui estas primeiras considerações de como me sinto, passo a relatar a singradura. Para tanto, construí um relato sobre episódios que me marcaram, os quais acredito serem balizadores essenciais que deram direção à minha jornada acadêmica. O ponto de partida foi a decisão a respeito do curso a ser seguido na graduação.

A escolha pela graduação: eu quero ser RP!

Aos 15 anos decidi que seria Relações Públicas (RP). Falar muito e ser questionadora eram características que davam pistas para o campo profissional que eu seguiria. Não havia nenhuma dúvida de que era a Comunicação Social. Com a chegada do então Segundo Grau, comecei a pesquisar sobre as áreas de atuação dos profissionais de comunicação. Eu não me via como um profissional de criação, vinculada à Publicidade, e nem como jornalista em veículos de comunicação. Mas então, o que eu queria? Pesquisando sobre profissões, encontrei a de Relações Públicas. Dentre suas principais atribuições estavam o planejamento estratégico de comunicação, os assuntos e ações que dizem respeito aos aspectos institucionais de uma organização e o gerenciamento do relacionamento com os seus mais diversos públicos de interesse. Em 1998, também comecei a trabalhar como estagiária. Conciliava meu primeiro emprego, na função de atendente de telemarketing, com os estudos da escola, no turno inverso. Fiquei neste emprego até a minha entrada na faculdade, o que me leva ao próximo tópico.

Cursar o ensino superior: um árduo caminho

Entrar no Ensino Superior e fazer a minha colação de grau foi sempre sonho de adolescência, mas realizar este projeto não seria uma tarefa fácil. Cursei a graduação em universidade particular, com crédito educativo. O curso de Relações Públicas só existia em poucas instituições de ensino superior e a mais próxima a oferecê-lo em Canoas, cidade na qual residia, era a Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). No início, fiz poucas disciplinas, enquanto aguardava o benefício do crédito, mas uma das primeiras coisas que percebi ao ingressar na faculdade foi a de que eu precisava de experiências profissionais na área para que pudesse ser uma profissional diferenciada, vivenciando, na prática, o que era ensinado na academia. E assim começou a próxima meta que era a de atuar no campo profissional.

O tecer das redes: as experiências em comunicação social

Iniciei em 2002, as atividades na minha área profissional na Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado do RS, onde desempenhei atividades por dois anos. Ao longo do tempo, fui trocando de um estágio para outro, sempre priorizando os que me trariam mais conhecimento profissional. Com o passar dos anos na graduação, eu já podia me considerar uma profissional experiente. No meu último ano do curso, já havia trabalhado em empresas privadas, governo estadual (em duas gestões) e municipal, organização do terceiro setor e em universidade. Assim, já havia singrado diferentes águas, onde eu poderia atuar quando estivesse formada. Esta foi a minha rotina até o último ano da faculdade, o que nos leva ao próximo tópico que é a escolha do tema do trabalho de conclusão de curso: o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Desbravando a área ambiental: a decisão do TCC

Ao finalizar a graduação, em 2006, a coordenação do curso de Relações Públicas da Ulbra indicava aos alunos que fizessem seus trabalhos de conclusão de curso com um tema que não fosse vinculado à atividade que estavam desenvolvendo no momento. Assim, percebi a possibilidade de aproximar-me de discussões sobre Sustentabilidade — assunto que começava a surgir naquele momento. Possuía muitos amigos que estudavam Engenharia Ambiental e, em nossos encontros, esse era um tema recorrente. Passei então a buscar empresas que já adotavam práticas ambientais e que contassem, também, com um profissional de RP atuando.

Foi em uma visita promovida pelo programa de uma disciplina que escolhi o meu estudo de caso para o TCC. Na saída a campo, foi-nos apresentado o Setor de Comunicação da Transpetro, afiliada da Petrobras e responsável pelos dutos subterrâneos no município de Canoas. Naquela oportunidade, falei da minha intenção de escrever sobre este trabalho, coletei materiais que me subsidiassem e iniciei a articulação para as entrevistas. Minha primeira produção acadêmica foi intitulada, “As ações da Transpetro relacionadas ao meio ambiente sob o enfoque de relações públicas”. O TCC foi um processo de grande aprendizado e foi produtivo teorizar sobre um conteúdo novo, o qual me trouxe novas formas de pensar e de ver as ações de

comunicação social com um objetivo de preservar o ambiente e de auxiliar as comunidades envolvidas no processo.

Ecodesign⁸: o primeiro encontro do ambiente natural e o mercado de trabalho

Minha primeira experiência profissional depois de formada foi a de coordenar equipe de montagem, em uma empresa de pequeno porte de Comunicação Visual, que atendia a uma grande multinacional no ramo de supermercados. Em função das exigências do mercado internacional, nosso principal cliente propiciou aos seus fornecedores um treinamento de cuidados ambientais, a partir de formação em Ecodesign. Era um grupo de trabalho que envolvia todos os prestadores de serviço em comunicação visual, tanto os de execução, quanto os de planejamento, além de consultores da área ambiental, para pensar o conceito de lojas verdes. Fui a responsável por essa articulação na empresa e minha tarefa era intermediar a troca das informações técnicas, bem como efetivá-las junto à equipe de produção. Esta experiência significou soma da teoria com a prática que me colocou no próximo desafio.

A cor da minha sorte é verde: o encontro da comunicação social e ambiente natural

Em 2010, por indicação da coordenação do meu curso de graduação, participei da seleção para integrar a equipe da gestão ambiental das obras de implantação da BR-448⁹. O meu TCC de 2006 acabou por ser a minha referência para o processo seletivo, somado ao conhecimento sobre o município de Canoas e da minha experiência profissional variada. Mesmo atuando no campo da Comunicação Social desde o início da graduação, esse foi o momento que passei a atuar como RP de fato. A equipe da qual eu fazia parte era multidisciplinar, formada por profissionais com as mais diversas formações, incluindo as da área ambiental e das engenharias. Então,

⁸ Processo que contempla os aspectos ambientais onde o objetivo principal é projetar ambientes, desenvolver produtos e executar reduzindo o uso dos recursos não renováveis ou minimizar o impacto ambiental dos mesmos durante seu ciclo de vida. Disponível em <https://www.mma.gov.br/informma/item/7654-ecodesign.html>. Acesso em 21.jan.2020

⁹ Trata-se da Rodovia federal, conhecida também por Rodovia do Parque, construída entre 2010 e 2013, que tem 22,4 km de extensão e liga os municípios de Sapucaia do Sul, Esteio e Canoas e termina no Bairro Humaitá, em Porto Alegre/RS. Disponível em: <http://www.rodoviadoparque.com.br/index.php/component/content/article?id=3>. Acesso em 25.jan.2020

passei a integrar o núcleo de comunicação e educação ambiental e, naquele contexto, a interação com os demais núcleos era fundamental para a execução das minhas atividades. O processo de aprendizagem inicial teve de ser intenso, pois afinal, como comunicar aquilo que não se conhece?

É senso comum que o exercício fundamental do profissional de comunicação social, independente da sua habilitação (relações públicas, jornalismo, publicidade e propaganda) entender minimamente o objeto de seu ato/estratégia/produto de comunicação. Para transmitir algo é preciso conhecer, então foi um período de muita atenção e busca por conhecimentos no campo de trabalho ambiental, amplo e complexo. No findar do meu primeiro ano (2010), surgiu mais um contrato no qual eu trabalharia: a execução do Plano de Bacia Hidrográfica¹⁰ do Rio Taquari-Antas, que percorre 119 municípios do interior do RS, sendo a minha atividade voltada a planejar a mobilização social de todos os atores sociais¹¹ envolvidos no estudo ambiental.

A cada dia que passava, aumentava o meu interesse e desejo de estar mais preparada para as discussões ambientais. Pensar em mobilizar as pessoas a se preocuparem com o ambiente em que viviam, atentar para os cuidados com o seu semelhante, mas também com a fauna, flora e recursos hídricos que são necessários para a vida humana. Não era tarefa fácil, mas eu já estava completamente convencida de que era possível e que eu me prepararia mais ainda para desempenhar o meu trabalho. Para tanto, busquei especializar-me na área ambiental.

A sede de conhecimento: o ingresso na especialização em gerenciamento ambiental

O que me levou a buscar a especialização não foi, inicialmente, a dedicação à pesquisa e sim expandir meus conhecimentos para a atuação profissional. Optei por cursar a Especialização em Gerenciamento Ambiental, também na Ulbra, mesma universidade em que fiz a graduação. Para além da formação continuada, a

¹⁰ Previstos pela Política Nacional de Recursos Hídricos são documentos que definem a agenda dos recursos hídricos de uma região, incluindo informações sobre ações de gestão, projetos, obras e investimentos prioritários. <https://www.ana.gov.br/gestao-da-agua/planejamento-dos-recursos-hidricos> Acesso em 25.jan.20

¹¹ De acordo com o Dicionário de Políticas Públicas (UEMG, 2012) atores sociais é uma denominação para aqueles que se envolvem na participação de eventos políticos e sociais que impactam sobre o coletivo, e que contribuam nas decisões. Trata-se de um marco introdutório da democratização, que promove a ação coletiva; políticas populares em detrimento das políticas elitistas; e a efetiva participação popular.

coordenação da empresa em que eu trabalhava valorizava a socialização das experiências profissionais. Como eu estava estudando novamente, passei a me interessar em produzir, junto com a equipe onde eu trabalhava, *papers* para eventos acadêmicos. Verifiquei que era possível produzir academicamente sobre as experiências profissionais, mas foi o olhar atento do meu orientador da especialização que vislumbrou em mim um perfil de pesquisadora. Finalizei esta etapa em 2012 com meu Trabalho de Conclusão intitulado “A estratégia de Comunicação Social como ferramenta da Gestão Ambiental de rodovias através do estudo de caso: a gestão ambiental da BR-448”, já naquele momento estava convencida a seguir estudando, o que me levou ao mestrado.

Um mestrado para chamar de meu: o início em um mestrado profissional interdisciplinar

Optei por fazer uma especialização completamente fora do meu campo de formação e pensava que fazer um mestrado sem ligação com a minha base seria de pouca valia. Então o que fazer? Que alternativa havia para inter cruzar estes caminhos, para mim tão próximos, mas com campos de conhecimento tão distantes? Eis que surgiu nas buscas por programas de pós-graduação em instituições de ensino superior, o Mestrado de Memória Social e Bens Culturais da Unilasalle, com linhas de pesquisa que despertaram o meu interesse e que convergiam com as minhas atividades, além de oferecer um mestrado profissional e interdisciplinar. Era tudo que eu esperava. Oferecia espaço para uma RP, que procedia das Ciências Sociais Aplicadas, que se tornou especialista em gerenciamento ambiental, habituada a transitar nos campos de estudos das Ciências Biológicas e no das Exatas. Nesse espaço foi possível propor e enriquecer ainda mais as possibilidades de intercruzamento entre as áreas, por mais diferentes que fossem entre si; ali elas encontraram um espaço para convergir.

A sementinha da docência: estágio voluntário

Dentre as muitas oportunidades oferecidas por um Programa de Pós-Graduação interdisciplinar tive a possibilidade do estágio docente voluntário, no qual eu acompanhei uma disciplina com a supervisão de um professor do curso de Engenharia Ambiental da Unilasalle. Assim, fiz o estágio docente na disciplina de

Planejamento Ambiental, obrigatória da Engenharia Ambiental, mas eletiva para as demais engenharias e para o curso de Ciências Biológicas. Durante seis meses acompanhei a turma e apresentei para os acadêmicos o conteúdo sobre Planos de Bacia Hidrográficas - conceitos e sua aplicação. Estar em sala de aula, colocando-me na posição de docente deu-me mais motivações para seguir com os estudos acadêmicos.

O divisor de águas: término do mestrado tendo como produto a obra “Pescando Memórias na Praia do Paquetá-Canoas, RS”

A construção e a adaptação do meu objeto de estudo na pesquisa do mestrado constituíram um processo de amadurecimento e de muito aprendizado. Trabalhar com a metodologia da História Oral, me fez ouvir melhor o próximo, a dar valor para as coisas simples e a entender, na prática, o quanto os saberes das chamadas comunidades tradicionais¹², como a dos pescadores artesanais são fundamentais na orientação das práticas da pesca, no manejo ambiental e dos recursos pesqueiros.

Tive a grata experiência de ouvir alguns pescadores da Praia do Paquetá em Canoas (RS). A ideia inicial era a de que minha pesquisa deixasse algo de construtivo para a comunidade, mas o que aconteceu foi o contrário: os pescadores é que deixaram algo de concreto para minha vida e, conseqüentemente, para minha pesquisa. Eles me emprestaram suas vozes, repartiram comigo as suas lembranças, as suas experiências e deram-me o presente de traduzi-las em palavras, imagens que constituíram os capítulos da minha dissertação, depois adaptada em livro.

Como relatei anteriormente, meu interesse sempre foi o do relacionamento com os sujeitos sociais a que se destinam políticas públicas e as relações com comunidades, com certeza, é o que me desafia e encanta. Encerrar o mestrado foi muito difícil, porque o meu objeto de pesquisa era vivo, pulsante, sempre com alguma novidade, um novo relato, novas demandas e desafios. Diferente do momento, quando concluí a especialização, eu já estava certa de que continuar a pesquisar e

¹² São comunidades ou povos tradicionais, os grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/direito-a-alimentacao/povos-e-comunidades-tradicionais>. Acesso em 27.jan.2020

trabalhar com memórias de pescadores não findaria com a conclusão da dissertação e foi o que em poucos meses aconteceu.

A terceira margem do rio: o início do doutorado e o embarque para novos desafios profissionais

Parafraseando o título de uma das obras de Guimarães Rosa, autor que conheci cursando o doutorado, utilizo a referência do personagem “A terceira margem do rio¹³”, ou seja, a figura do homem nessa relação íntima entre o ser humano e a natureza. E no ano de 2016 os pescadores e pescadoras que já circulavam pela minha vida acadêmica voltaram a fazer parte da minha vida profissional.

O objeto de pesquisa no doutorado emergiu no segundo semestre de 2016, quando passei a atuar profissionalmente em uma consultoria ambiental para realizar atividades de mobilização social e organização de consultas à população no Zoneamento Ecológico-Econômico do Rio Grande do Sul¹⁴, contrato financiado pelo Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento – BIRD. Cabe destacar, a título de esclarecimento, que este tipo de estudo deve seguir diretrizes internacionais que referem-se às salvaguardas sociais. É neste item que estava com destaque a presença de comunidades tradicionais, dentre elas os pescadores artesanais. Aqui neste ponto, mais uma vez, meu caminho teve o cruzamento dos interesses profissionais com os acadêmicos e tive a oportunidade de seguir trabalhando com mobilização social em articulação com comunidades tradicionais.

Assim, fui responsável pelo planejamento e organização das consultas à população, o que me colocou em uma posição privilegiada para observar a sua articulação. Posteriormente foi possível trazer as percepções para o campo da pesquisa, complementando e investigando como se deu processo de participação por meio dos relatos de memória dos pescadores em uma política pública em desenvolvimento.

¹³ Referência a obra ROSA, João Guimarães. “A terceira margem do rio”. In: _____. Ficção completa: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

¹⁴ Trata-se de uma obrigação legal dos Estados prevista no Artigo 13 da Lei Federal nº 12.651/2012 que regulamentou o código florestal, instrumento permite ao poder público e os agentes econômicos antever quais atividades devem ser desenvolvidas em determinada região. O ZEE-RS é uma ferramenta para ajudar no planejamento e ordenamento territorial, que reconhece as peculiaridades, vulnerabilidades e potencialidades do Rio Grande do Sul. <https://codexremote.com.br/home/projetos/zee-rs/>. Acesso em 27.jan.2020.

Nesta nova fase comecei a perceber a oportunidade de produzir, não somente artigos para eventos, mas para revistas científicas, capítulos em livros, realizar cursos e demais produções para socializar os saberes construídos. Afinal, trata-se de uma maneira de contribuir, como bolsista, na modalidade taxa, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com a melhoria de condições de cidadania das comunidades com quem trabalho. Foi o que fiz nos primeiros anos de doutoramento: cursos de curta duração ministrados, palestras, apresentações de artigos em eventos nacionais e internacionais e as primeiras publicações de artigo em revista e capítulos de livros.

- Capítulos em livro: Pescadores da praia do Paquetá: a transmissão de saberes e fazeres entre gerações (2017); História oral e memória (2016);
- Artigos em periódicos e em eventos: Memórias familiares do Quarto Distrito: relatos sobre a cultura e economia do início do século XX (2017); Os pescadores da praia do Paquetá (Canoas, RS): memórias sobre mobilização social (2016);
- Parecerista das Revistas Diálogo, Mouseion e Desenvolve (corpo editorial), publicações do Unilasalle; corpo editorial e parecerista da REBIA; das edições do VII SIEPEX, III Jornada de UERGS e II Seminário sobre territorialidade de 2017; banca do SEFIC (2017, 2018);
- Ministrante de oficinas, cursos, palestras: Oficina de produção de artigo científico (2017); Curso sustentabilidade no cotidiano escolar (2016); Minicurso - produção cultural e curadoria (2016); Oficina de história oral: transcrevendo e transcriando (2016); palestra: Cartografia social e história oral: contextos e aplicações destas tecnologias sociais, (2016); palestra sobre inovação social e o desenvolvimento de tecnologias sociais (2016); palestra biologia – técnicas de cartografia social, 2016; palestra marketing – tecnologias sociais - novas frentes em estratégias de marketing social e ambiental (2016); Quem não vive a segunda, não merece a sexta (2019);
- Professora convidada do Unilasalle: na graduação Planos de bacia hidrográficas - conceitos e aplicação (2016, 2015); e no MBA Gestão Socioambiental (2018);

“A correnteza do rio vai levando aquela flor”¹⁵: para onde o rio me levou.

Ao visitar todas as regiões funcionais¹⁶ do Rio Grande do Sul, verifiquei que necessitava ampliar meu contexto de estudo. Foi em 2018, depois de ter apresentado meu projeto de tese, após ter realizado mais de 43 oportunidades de reuniões públicas¹⁷, deparei-me com a baixa participação de pescadores nessas consultas. Nos poucos encontros em que os pescadores estavam presentes, registrei a sua presença em apenas quatro oportunidades. Ainda, percebi que suas necessidades eram de caráter mais imediato. Portanto era preciso tratar de temas palpáveis e não somente de planejamento, alvo da discussão da política pública de zoneamento.

Decidi então ampliar o cenário da pesquisa para entender o processo de inserção de interesses das políticas públicas de forma mais geral. Dito em outras palavras, conhecer as temáticas que lhes são relevantes e deixar que falassem sobre o que, para eles merecia destaque. Ainda assim, o exercício de investigar sua participação em construção de agenda para uma política pública de planejamento, pautada por normas internacionais, permitiu-me colocar o pescador artesanal em um contexto mundial, a partir da inserção e do destaque para os saberes tradicionais que envolvem sua atividade. A ampliação do contexto não alterou a relação com os pressupostos da Linha de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade, na qual a pesquisa está inserida, visto que a sua essência está nas narrativas dos pescadores.

Fim da narrativa da singradura. “Pois bem, cheguei”¹⁸!

Aqui encerro este memorial da minha caminhada profissional e acadêmica, esperando ter explicitado as redes de acontecimentos que me levaram à construção

¹⁵ JOBIM, Antônio Carlos. Correnteza. Ano 1976. Álbum Urubu. Disponível em: <https://genius.com/Antonio-carlos-jobim-correnteza-lyrics> Acesso em 09.mar.2020

¹⁶ Os Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) são regiões de planejamento criadas em 1994, totalizando 28 os Coredes que foram agregados em nove Regiões Funcionais de Planejamento. PESSOA, M. L. (Org.). Regiões do RS. In: _____. **Atlas FEE**. Porto Alegre: FEE, 2017. Disponível em: < <http://atlas.fee.tche.br/rio-grande-do-sul/territorio/regioes-do-rs/> >. Acesso em: 2.fev.2020.

¹⁷ Realizei reuniões públicas durante o período de 2016 a 2019 que contemplaram os seguintes municípios: Porto Alegre, Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Uruguaiiana, Bagé, Santa Rosa, Pelotas, Três Passos, Osório, Palmares do Sul, Santo Ângelo, Alegrete, Passo Fundo, São Luiz Gonzaga, São Jerônimo, Carazinho, Santana da Boa Vista, Santana do Livramento, Canoas, São Leopoldo, Lajeado, Capão da Canoa.

¹⁸ MAIA, Tim. O Descobridor Dos Sete Mares. Ano 1983. Álbum O descobridor dos sete mares. Disponível em: <https://analisedeletras.com.br/tim-maia/o-descobridor-dos-sete-mares/> Acesso em: 09.mar.2020

desta tese. Agora, iniciar outra singradura, navegando pelos resultados da pesquisa, mas para tanto, discorro na sequência, sobre a organização da tese.

Início o trabalho com uma *Apresentação*, na qual trato, de forma sucinta, a tese que aqui defendo, o problema de pesquisa, seus pontos sensíveis e objetivos. A seguir, justifico minha relação com o tema, a partir de um memorial que integrou trajetória profissional e acadêmica. Após, é apresentada a organização da tese.

No capítulo *Nas margens do rio, preparando a pescaria*, faço um relato sobre minha aproximação com o tema, bem como com os autores cujos estudos deram as bases teóricas e metodológicas para a pesquisa. Para tratar sobre memória social, apresentei proposições discutidas por Jô Gondar, pressupostos de Maurice Halbwachs (memória coletiva) e de Michael Pollak (memória relacionada à questão identitária). Em se tratando dos aspectos metodológicos, indico a escolha pela História Oral, seguindo a Alberto Lins Caldas e suas concepções sobre o tratamento do passado e do presente como realidades vivas.

Na sequência, no capítulo *“Jogando as redes: políticas públicas para a pesca no Brasil e os pescadores artesanais”*, apresento considerações gerais sobre políticas públicas para a pesca, as principais tensões em termos ambientais, principalmente no que se refere à gestão do território no âmbito federal e no Rio Grande do Sul.

Quanto ao percurso metodológico, denominei-o *“Os passos da pescaria”*, capítulo no qual explicito detalhadamente os rumos da pesquisa.

No capítulo *“As Narrativas”*, trago uma transcrição das narrativas de pescadores e pescadoras artesanais atuantes nas localidades escolhidas para a pesquisa. As suas análises compõem o capítulo *“Navegando na Leitura”* das memórias de pescadores artesanais, no qual exploro os pontos sensíveis sobre políticas públicas e representatividade que emergiram nas falas dos pescadores.

Nas *“Hora de Recolher as Redes e Concluir a Pescaria”*, apresento um breve resumo dos resultados da pesquisa, tendo por base a tese defendida, os problemas de pesquisa e os objetivos. Teço reflexões sobre as contribuições para a área interdisciplinar, para o campo de estudos em memória social e para os pescadores artesanais no Rio Grande do Sul. Indico as implicações práticas do trabalho, as suas limitações e aponto sugestões para futuras investigações.

1 NAS MARGENS DO RIO, PREPARANDO A PESCARIA

Durante 2013 e 2019, tanto na vida profissional quanto na pesquisa acadêmica, ouvi relatos, a partir dos quais me deparei com a realidade do pescador artesanal no Rio Grande do Sul: falta de suporte para desenvolver suas atividades laborais, problemas na gestão de recursos pesqueiros e ambientais, ainda o avanço de outras atividades econômicas que se sobrepõe às áreas tradicionais de pesca, como os usos das indústrias, esgotamento sanitário das áreas urbanas e atividades agropastoris em localidades rurais. Ainda a carência de infraestrutura básica, acesso a serviços e a equipamentos urbanos, uso da terra e designação de espaços específicos para a pesca. Percebi que essas situações necessitam de suporte, por meio de agendas para políticas públicas. Entendo, neste trabalho, que as políticas públicas englobam instrumentos, planos e a própria gestão da pesca

Estes foram os pontos de partida da presente pesquisa que iniciou na localidade canoense da Praia do Paquetá, expandindo-se posteriormente para a Ilha da Pintada em Porto Alegre e Capão da Canoa no Litoral Norte, no Rio Grande do Sul. Para tanto, realizei um trabalho de memória, como informa Cláudio Andrade (2015, p. 18), “tornando presentes testemunhos, tecendo e retecendo” as tramas das experiências de pescadores artesanais, com foco em pontos sensíveis como: suas trajetórias de vida e os seus interesses, o conhecimento sobre as entidades representativas bem como as suas próprias experiências de participação em relação à pesca artesanal.

Considerações sobre memória social

Um das primeiras considerações que me cabe fazer é sobre memória social, conceito que é tido como polissêmico, isto é, que possui mais de um significado. Introduzindo uma discussão sobre isto, reporto-me às considerações de Gondar (2016). De acordo com esta autora, a memória social se constitui como campo de estudos, não tendo uma definição única, que dê conta da sua circulação para qualquer área do conhecimento.

A memória é, simultaneamente, acúmulo e perda, arquivo e restos, lembrança e esquecimento. Sua única fixidez é a reconstrução permanente, o que faz com que as noções capazes de fornecer inteligibilidade a esse campo devam ser plásticas e móveis. (GONDAR, 2016, p. 20).

Esta autora desenvolve cinco proposições sobre memória social, explicando a sua multiplicidade e movimento, as quais organizo, a seguir, na Figura 1.

Figura 1 - Proposições sobre o campo de estudos em memória social.



Fonte: Autoria própria a partir de Gondar (2016).

Estas proposições indicam que: para lembrar, a presença do esquecimento é necessária e, que a construção do campo de estudos em memória social é contínua. Para Halbwachs, memória, espaço (meio social com delimitação espacial) e grupos sociais estão interligados. O entorno do indivíduo, o ambiente em que vive, que recebe

marcas do grupo, representa estabilidade e permanência (HALBWACHS, 2002). Destaco aqui, que conforme este autor, a lembrança é produto de um processo coletivo, a partir de um grupo de referência - uma comunidade afetiva - com o qual o indivíduo estabelece vínculos e comunidade de pensamentos. O ato de lembrar não é mera reconstituição de acontecimentos de forma linear. Trata-se de reconstrução e reconhecimento, a partir de preocupações e demandas do momento presente de quem lembra, localizado num determinado espaço e imerso em relações sociais. De acordo com Halbwachs (1990, p. 9-10),

[...] é impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomamos para ponto de aplicação os quadros sociais reais que servem de pontos de referência nesta reconstrução que chamamos memória.”

Pollak (1992), partindo de Halbwachs, problematiza a perspectiva coletiva da memória, destacando a relevância do indivíduo na sua construção e apontando seu caráter negociado. Tratam-se de escolhas sobre o que é dito, portanto parciais, selecionadas dentre diversas lembranças. Para este autor, o indivíduo acessa memórias, tendo participação nas reconstruções das recordações dos diferentes grupos dos quais faz parte.

Neste processo, espaços, pessoas e acontecimentos são elementos presentes nas narrativas memoriais. Para Pollak (1992), o espaço é onde se produz a memória, sendo a síntese entre o cotidiano e a experiência vivida. Portanto, trata-se de uma leitura a partir de lugares frequentados ou incorporados indiretamente às experiências. As pessoas (ou personagens) podem ter participado efetivamente da vida do indivíduo ou serem próximas como figuras públicas relevantes. Os acontecimentos podem ter sido vividos, com participação direta, ou vivenciados “por tabela”, isto é, a partir de vivências de membros do seu grupo de convívio.

Para Caldas (2005, p. 4), a memória trata de

[...] composição, fluxo rítmico de anexação e criação, momento narrativo, momento textual: determinada ordem “escolhida”, certa maneira de ler e dizer a experiência com e no vivido: é a experiência singular do sujeito ao dizer-se em movimento e relação: é a ficção segunda de uma vivência entre as ficcionalidades do mundo social: é a maneira singular de dizer e ordenar essas ficcionalidades: a memória é relação como momento textual não é nem o passado nem uma narrativa definitiva: é um momento do sujeito que se traduz em ordem narrativa, em ordem de palavras [...] daquilo que é a dobra do presente, síntese viva entre todos os passados e suas atualizações na expressão de imediato do presente, é a memória enquanto concepção maior, além do pessoal e singular.

Caldas (1999) indica o caráter ficcional da memória, por meio das escolhas tomadas por quem narra, destacando as interações entre o indivíduo e o grupo de convívio. Trata-se de uma experiência de um sujeito que uma vez narrada desdobra-se em diversas imagens, como ocorre em uma sala de espelhos; um vivido como dimensão do presente.

O que os autores Halbwachs (2002), Pollak (1992), e Caldas (1999; 2005) nos trazem foi que nos movimentamos de um quadro social da memória para o outro, por isso estamos em constante transformação e fazendo releituras do passado, a partir das relações de espaço e tempo. Isto significa que as nossas memórias são construídas, também, a partir das memórias dos outros, pois com o passar do tempo mudam as referências, mas ficam os marcos. O que nos chegou de outras gerações e experiências no ambiente social que nos permitem reconhecer o que fica registrado na coletividade.

Retornando à questão da relação memória e espaço, esse se constitui como um cenário para a construção/reconstrução de memórias. Não se fala de pescar sem ter em mente o espaço em que ocorre a atividade. Neste sentido, refiro-me tanto ao espaço habitado, quanto ao das águas. Um como o outro podem ser percebidos como uma construção social visto que só tomam sentido a partir das relações com ele estabelecidas pelo ser humano.

A ambiguidade que permeia o conceito de espaço é relatada por Santos (1994), de forma que não há uma definição única para espaço, ou mesmo para território, pois são delimitações teóricas flexíveis, que permitem transformações, mutações e estão sujeitas às mudanças históricas. Portanto, existe uma pluralidade de sentidos, consistindo um exercício desafiador aplicar estas categorias às mobilidades das águas e das memórias.

A importância da relação espaço e memória é enfatizada por Arendt:

[...] é apenas um dos modos do pensamento, embora dos mais importantes, é impotente fora de um quadro de referência preestabelecido, e somente em raríssimas ocasiões a mente humana é capaz de reter algo inteiramente desconexo. (ARENDR, 2007. p. 31).

A partir desses pressupostos, faço uma conexão entre o processo de lembrar de um indivíduo, inserido em um determinado espaço, vivendo em um tempo, com os movimentos de um rio ou do mar, em constante mudança pelo ir e vir das águas. O mesmo efeito se dá com a construção de memórias, pois nunca são a mesmas, uma

vez que o ponto de partida, no caso o presente, também é constantemente mutável. Para trabalhar com essa perspectiva optei por utilizar a História Oral, entendida aqui como forma de narrar experiências vividas.

Discussões teórico-metodológicas sobre história oral

A História Oral (HO) chegou no Brasil, na década de 1950. Para acompanhar seus principais marcos no país, trago o Quadro 3 a seguir.

Quadro 3 - Marcos da História Oral no Brasil (1950-1990).

Décadas	Marcos relevantes
1950	Entre os anos 1951 e 1952 foi criado o Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo por iniciativa do sociólogo francês Roger Bastide. Onde encontra-se o início das discussões sociológicas.
1970	Em 1971, conforme registro localizado em ata, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Joinville/SC, institui o Centro de Estudos Históricos de Joinville, congregando alunos “para efetivação de trabalhos de História Regional” ¹⁹ . No mesmo Estado, em 1974, foi realizado o trabalho de memórias familiares na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) sob coordenação do Professor Carlos Humberto Pederneiras Corrêa. No ano de 1975 é criado o mais conhecido e ainda referência no país o Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC ²⁰) da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, coordenado pela professora Aspásia Camargo.

¹⁹ Registro encontrado no Laboratório de História Oral da Univille - LHO. Disponível em: <http://lhouniville.wixsite.com/novo/historia-do-lho>. Acesso em: 21.08.2017

²⁰ Criado em 25 de junho de 1973. Seus primeiros arquivos foram o de Getúlio Vargas e o de Oswaldo Aranha, que iniciaram, assim, o Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC#) da Fundação Getúlio Vargas.

Décadas	Marcos relevantes
1990	Nesta década, surgem os estudos mais relevantes, inicia com a produção dos Livros: “ <i>Usos e Abusos da História Oral</i> ” organizado por Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira e o “ <i>Manual de História Oral</i> ” de Verena Alberti. No ano seguinte, em 1991, é criado o Museu da Pessoa na cidade de São Paulo tendo como diferencial ser um museu virtual, para registrar, preservar e comunicar histórias de vida de qualquer pessoa, neste mesmo ano tem a criação do Núcleo Estudos em História Oral da USP (NEHO-USP). Em 1994 surge o primeiro grupo que congrega os pesquisadores desta área com A fundação da Associação Brasileira de História Oral, e a fundação da Associação Internacional de História Oral e internacionalmente em 1996 é realizada a fundação da <i>International Oral History Association</i> (IOHA) com a participação do Brasil. E no ano de 1998 é feita a primeira abordagem teórica do Conceito de Cápsula Narrativa de Lins Caldas.

Fonte: Autoria própria a partir de Graebin, Christmann e Chala (2016); Caldas (1998).

Revisitar estes marcos sobre HO elucidam o contexto da metodologia escolhida. De acordo com Joutard (2000, p. 36), “o termo história oral é equívoco e ambíguo, impreciso, mas é simples e, sobretudo, tem agora a antiguidade a seu favor. [...] o ser equívoco e de múltiplos sentidos não reflete a imagem da realidade que procura alcançar?”

Na HO, conforme este autor, encontramos diferentes linhas de estudos: as que consideram a narrativa como fonte para suprir lacunas não preenchidas pela falta de documentação escrita, as correntes que valorizam a relação entre memória e história, as que dão primazia para o estudo das representações, as que entendem ser a gravação em áudio e/ou vídeo, o documento por excelência, as que trabalham com a tradição oral (aquilo que foi transmitido) (JOUTARD, 2000).

Como já apontado por Neto, Machado e Montenegro (2009) existem as linhas que trabalham a crítica histórica a partir das fontes orais, ressaltando que a relação entre entrevistador/entrevistado pode influenciar na sua análise. Outra ponderação se refere à possibilidade de generalização de um testemunho ou ainda, analisar a singularidade da fala, apartada do todo social e do espaço de vivência do entrevistado.

Joutard chama a atenção para a grande divisão ideológica e epistemológica da HO: militante, dando voz aos excluídos de um lado; acadêmica, do outro, com respeito aos narradores, mas distanciando-se deles, transformando memória em história. De qualquer forma,

[...] todos os empreendimentos têm sua utilidade e sua forma de legitimidade. Trazem à luz memórias orais distintas, mas todas têm interesse, com a condição de que não se perca de vista essa diversidade, e de que não haja mistura de gêneros. (JOUTARD, 2000, p. 38).

Para esta tese, escolhi outros pressupostos, que levam em consideração uma construção a dois - narrador/oralista - este último, envolvendo-se como cidadão, auxiliando no fortalecimento dos indivíduos/comunidades com as quais trabalha. Trata-se de algo relativamente novo que permite o protagonismo do entrevistado, sem julgar se os ditos são a verdade, se o acontecimento narrado, realmente ocorreu. Enfrenta-se um limite ao utilizar essa metodologia, pois a valorização das vivências, do conhecimento e saberes empíricos, ainda são alvo de questionamentos quanto a sua relevância acadêmica. Aqui, evidencia-se a importância dos valores da transmissão oral do conhecimento, das técnicas ancestrais, do contato com a natureza e dos saberes populares.

Como trabalhei com pescadores artesanais, usar a HO se mostrou o caminho que mais valorizou os seus saberes e fazeres. O teórico que, no meu entendimento, mais se adequou a este estudo foi Alberto Lins Caldas. Caldas (1999a) afirma que a HO não é o uso de entrevistas ou ainda a busca pela fala dos excluídos ou ainda da gente ordinária. Também discorda que seja a produção de fontes orais, uma maneira de estudar grupos ou uma forma de apoio a pesquisas em Ciências Humanas. Para o autor, a HO é uma forma singular de enfrentar o presente, tendo como suportes a experiência individual transformada em texto, por meio de um processo de colaboração, gerando uma estrutura textual que será a dimensão para um específico trabalho interpretativo, sem perder a individualidade do sujeito. Além do protagonismo, existe a importância do momento presente na narrativa dos colaboradores da pesquisa.

Na busca de aprofundar conhecimentos sobre os pressupostos de Caldas foi consultado um conjunto de suas obras, as quais exponho no Quadro 4, organizadas em ordem cronológica de publicação.

Quadro 4 - Obras de Alberto Lins Caldas sobre História Oral (1998-2016).

Ano	Obra	Síntese
1998	Seis ensaios sobre história oral	Primeira obra que introduz o conceito de cápsula narrativa na História Oral.

Ano	Obra	Síntese
1999	A Noção De Cápsula Narrativa	Reflexões teóricas da captura do presente
1999	Transcrição em História Oral	Retrospectiva do tema em outras abordagens, apresentando a sua proposta de História Oral.
1999	Para Ler a História Oral	Discussão sobre Hermenêutica do Presente.
2003	Outra História Oral	Crítica da forma com que a História Oral, até então foi interpretada e os rumos que passa a adotar, a partir dos estudos de José Carlos Sebe Bom Meihy.
2008	Pontuação em História Oral	Conceito que pretende garantir ao narrador o sentido que quer exprimir em seu relato.
2009	Cápsula Narrativa em História Oral	Conceitos da cápsula narrativa e sua articulação com a História Oral.
2011	Geografia Oral	Aproximação entre a História Oral e a Geografia Humana utilizando os conceitos da cápsula narrativa.
2013	Experiência e narrativa: uma introdução à História Oral	Relações da História com a História Oral e o conceito de hipertexto.
2016	Espaço e Oralidade	Aplicação da História Oral na perspectiva da Geografia Humana.

Fonte: Autoria própria a partir das obras publicadas de Alberto Lins Caldas (1998, 1999a, 1999b, 1999c, 2003, 2008, 2009, 2011, 2013, 2016).

A partir dessas leituras, sintetizei noções desenvolvidas por Caldas em relação à HO, no Quadro 5 a seguir.

Quadro 5 - Noções em História Oral, a partir de Alberto Lins Caldas.

Conceito	Definição
Cápsula Narrativa	O conceito aparece no Caderno de Criação (Caldas, 1998). Trata-se do momento narrativo, da constituição de uma matéria de contato com o imediato do presente, com os discursos, a ficcionalidade de cada um, ao narrar sobre si mesmo. O sujeito da atenção do oralista é o outro que em seu tempo se impõe, narra o vivido, resiste-lhe. Na sua singularidade, imprime seu eixo narrativo e sua temporalidade pessoal. “Uma cápsula narrativa tem estrutura única, temporalidade específica, é tecido aberto, poroso, vivo, múltiplo e polifônico” (2009, p. 54).

Conceito	Definição
Hermenêutica do Presente	A Hermenêutica do Presente, de acordo com Caldas (1997) não é de integração ou a simples interpretação, mas ela é crítica e desintegradora. São meios para decompor, sintetizar, compreender, criar, destruir e recriar criticamente "determinado presente". Busca tanto o como, quanto o porquê das coisas. Tenta apreender o presente, criar e interpretar e não somente descrever o passado ou o espaço.
Narradores Plenos	Caldas (2009), citando Benjamin, informa que o narrador pleno é aquele que consegue intercambiar as ações da experiência; "são hipertextos que exigem estrutura, forma e interpretação próprias que consigam perseguir sua polidimensionalidade" (p. 60). Este coloca-se no centro da investigação e o oralista conversa com ele em movimento, no seu ritmo, no seu tempo. Para além da vida particular de um narrador pleno, a partir de sua fala, pode-se tocar o tecido social e suas ficcionalidades, "[...] a narrativa desdobra outros eus em outros tempos: ao narrar, o narrador cria a si mesmo e um mundo - duas dimensões discursivas" (p. 64). A ficcionalidade é entendida como virtualidade histórico-social que pode ser modificada, por estar em movimento, no momento mesmo em que é narrada.
Oralista	O oralista (pesquisador) compreende que é do narrador a autoria do material textual, auxiliando apenas, no formato da essência. A sua leitura é somente uma das possíveis. Os textos se desdobram para múltiplas interpretações ao mesmo tempo. Tanto a escritura quanto a leitura acontecem no agora, num mesmo tempo.
Entrevista	É mais do que um diálogo. Caldas (2009) a trata como a raiz do processo narrativo, que coloca o narrador pleno, como singularidade, num momento hermenêutico. O processo se dá entre pessoas que estão em seus próprios tempos, corpos, imaginários, poderes, vozes etc. O autor concebe a entrevista como práxis

Fonte: Autoria própria, a partir de Caldas (1998, 1999a, 1999b, 2000, 2008, 2009, 2011).

Para além das discussões teóricas e metodológicas propostas pelo autor, busquei produções (artigos, dissertações, teses) que exploraram a utilização do conceito de cápsula narrativa, conforme expostas no Quadro 6.

Quadro 6 - Trabalhos desenvolvidos a partir do conceito de Cápsula Narrativa.

Ano	Título	Tipologia	Temática	Autor
2002	Seringueiros da Amazônia – Sobreviventes da Fartura	Tese	Relatos de vida de filhos dos trabalhadores da Borracha na Amazônia	Nilson Santos

Ano	Título	Tipologia	Temática	Autor
2006	Experiência e Memória: A Palavra Contada e A Palavra Cantada de Um Nordestino na Amazônia	Tese	Narrativa da História de vida de um colaborador a partir de sua perspectiva e a do pesquisador	Fabiola Holanda Barbosa
2016	Filhos-de-Santo, História e Candomblé: Narrativa e Experiência do Xangô em Alagoas	Dissertação	Por meio de cápsulas narrativas buscam-se os relatos. O narrador é o centro da condução das falas.	Adriana Luzia Lima
2016	Lagoa da Areia dos Marianos: História, Memória e Oralidade	Dissertação	Memória (individual e coletiva), narrativa e oralidade de práticas culturais e religiosidade.	Simone Lopes De Almeida
2018	O lugar da História e dos historiadores nas amazônias - a pinga, a famosa cachaça: consolo e remédio para os migrantes na abertura das terras rolimourenses (1970-1980)	Capítulo de Livro	Utilizou o conceito de cápsula narrativa como método de investigação com os historiadores ouvidos.	Maria Aparecida da Silva, Odete Burgeile, em Veronica Aparecida Silveira Aguiar (organizadora)

Fonte: Autoria própria, a partir de Santos (2002); Barbosa (2006); Lima (2016); Almeida (2016) e Aguiar (2018).

Todos os trabalhos citados demonstram como ocorreu a construção da cápsula narrativa. Também são explicitadas as possíveis dificuldades encontradas pelos pesquisadores. Constatei que a maioria dos trabalhos foram desenvolvidos com comunidades tradicionais que valorizam a tradição oral.

Após as reflexões teóricas sobre memória e as considerações teórico-metodológicas a respeito da HO, realizei uma revisão bibliográfica sobre políticas públicas, pesca e pescadores artesanais, descrita na sequência.

2 JOGANDO AS REDES: POLÍTICAS PÚBLICAS, A PESCA E OS PESCADORES ARTESANAIS

Neste capítulo, explorei o contexto geral das políticas públicas para a pesca no Brasil e no Rio Grande do Sul, a fim de descrever o cenário em que se dão os processos de participação (ou não) de pescadores artesanais.

Políticas públicas para a pesca

Os estudos sobre políticas públicas iniciaram nas décadas de 1950 e 1970, nos Estados Unidos e na Europa, respectivamente conforme exposto nos levantamentos de Frey (2000), Souza (2006), e Höfling (2001). No Brasil, as pesquisas surgem na década de 1990, tendo como foco, instituições e a caracterização dos processos de negociação das políticas setoriais específicas (FREY,2000). No Quadro 7 destaco as principais correntes teóricas e seus autores.

Quadro 7 - Linhas teóricas sobre políticas públicas.

Autor(a)	Definição
Lawrence Mead	Campo dentro do estudo da política que analisa o governo a partir de grandes questões públicas.
Laurence Lynn	Conjunto de ações do governo que irão produzir efeitos específicos.
Guy Peters	Soma das atividades dos governos, que agem diretamente ou através de delegação, e que influenciam a vida dos cidadãos.
Thomas Dye	Escolha do que o governo decide fazer ou não fazer.
Harold Lasswell	Decisões e análises sobre política pública implicam responder às seguintes questões: quem ganha o quê, por que e que diferença pode fazer com sua implementação.
Bruno Jobert e Pierre Muller	Estado implantando um projeto de governo, através de programas, de ações voltadas para setores específicos da sociedade.
Ede Höfling	Responsabilidades atribuídas ao Estado que envolvem em suas decisões órgãos públicos e sociedade.

Fonte: Autoria própria, a partir de Frey (2000) Souza (2006) e Höfling (2001).

De acordo com Souza (2006), em síntese, os modelos demonstram que existe diferença entre o que o governo pretende e o que consegue de fato fazer. No campo das políticas públicas estão presentes vários atores e diferentes níveis de decisão. Ainda que sua efetividade se materialize por meio dos governos, as participações

formais são igualmente importantes. Trata-se, portanto, de uma ação intencional, com objetivos a serem almeçados a longo prazo. Considerando estes conceitos basais, exploro esses nuances gerais das políticas públicas aplicados a pesca artesanal e aos pescadores artesanais.

A pesca é uma atividade tradicional que aparece em registros longínquos. No Brasil a atividade já era prática comum dos indígenas, antes do “Descobrimento dos Portugueses”. A evidência deste fato se dá pelo registro de pesca em sua alimentação e a própria formação dos sambaquis em todo litoral. Posteriormente, a pesca foi expandindo da área litorânea para áreas ribeirinhas. Em muitos locais do país a cultura da pesca é conhecida por uma denominação específica como o jangadeiro, no litoral nordestino, a da caiçara, no litoral na região Sudeste (entre o Rio de Janeiro e São Paulo); e a do açoriano, no litoral de Santa Catarina. No Rio Grande do Sul as principais origens étnicas são os açorianos e os afrodescendentes (PERUCCHI, 2015).

Em relação aos aspectos legais, a pesca artesanal é atividade econômica definida na lei Nº 11.959 de 2009 que dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, nela está a regulação das atividades pesqueiras, e revoga a Lei nº 7.679, de 1988, e dispositivos do Decreto-Lei nº 221, de 1967. Na lei a pesca artesanal é definida como prática executada “diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de pequeno porte”. Com o intuito de entender o contexto burocrático da atividade buscou-se inicialmente seus marcos históricos no Brasil, conforme disposto no Quadro 8 a seguir.

Quadro 8 - Marcos Históricos da Pesca Artesanal no Brasil.

Ano	Marco
1919	As colônias surgiram com o objetivo de contribuir para a proteção nacional. O Governo entendia os pescadores como os detentores do conhecimento das águas.
1920	Criação da Confederação dos Pescadores do Brasil. As relações entre pescadores e Estado eram guiadas pelas políticas de paternalismo e pelo assistencialismo.

Ano	Marco
1923	Surge o primeiro estatuto das colônias de pescadores. As colônias eram definidas como “agrupamento de pescadores ou agregados associativos”, os pescadores eram obrigados a se matricular nas colônias para exercer sua atividade.
1933	O decreto nº 23.134 deste ano criou a Divisão de Caça e Pesca que gerenciava a pesca e também transfere a atividade para o Ministério da Agricultura.
1942	Aproximadamente nove anos depois do decreto anterior, é emitido o Decreto-Lei nº 4.890 que transfere novamente a Pesca para o Ministério da Marinha e insere as organizações da pesca artesanal.
1967	Durante a ditadura militar foi promulgado o Decreto nº 221 estabelecendo as normas para o exercício da atividade da pesca.
1973	Neste ano a pesca retorna para o Ministério da Agricultura e é feito um novo estatuto para as colônias de pescadores, ficam sob a tutela de sociedade civil, porém, subordinadas ao controle do Estado, das Federações e da Confederação Nacional de Pescadores.
1985	A Confederação Nacional de Pescadores realizou uma convocação em todo país para a categoria se unir e apresentar uma proposta de inclusão dos pescadores artesanais na nova Constituição.
1988	Na nova constituição as colônias foram equiparadas, em seus direitos sociais, aos sindicatos de trabalhadores rurais. Também permitiu que as colônias elaborassem seus próprios estatutos. Ainda a artigo 8º da Constituição tem destaque para os assuntos referentes às colônias e aos sindicatos de trabalhadores rurais.
1993	Com a criação do Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal, a pesca artesanal migra para este Ministério.
1998	Cinco anos depois a pesca artesanal retorna para Ministério da Agricultura.
2003	A criação da Secretaria Especial da Aquicultura e Pesca (SEAP) foi a origem do Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA).
2009	Promulgada a Lei Nº 11.959 que dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca e das atribuições do MPA.
2015	Extinção do MPA e retorno da Pesca Artesanal para o Ministério da Agricultura.

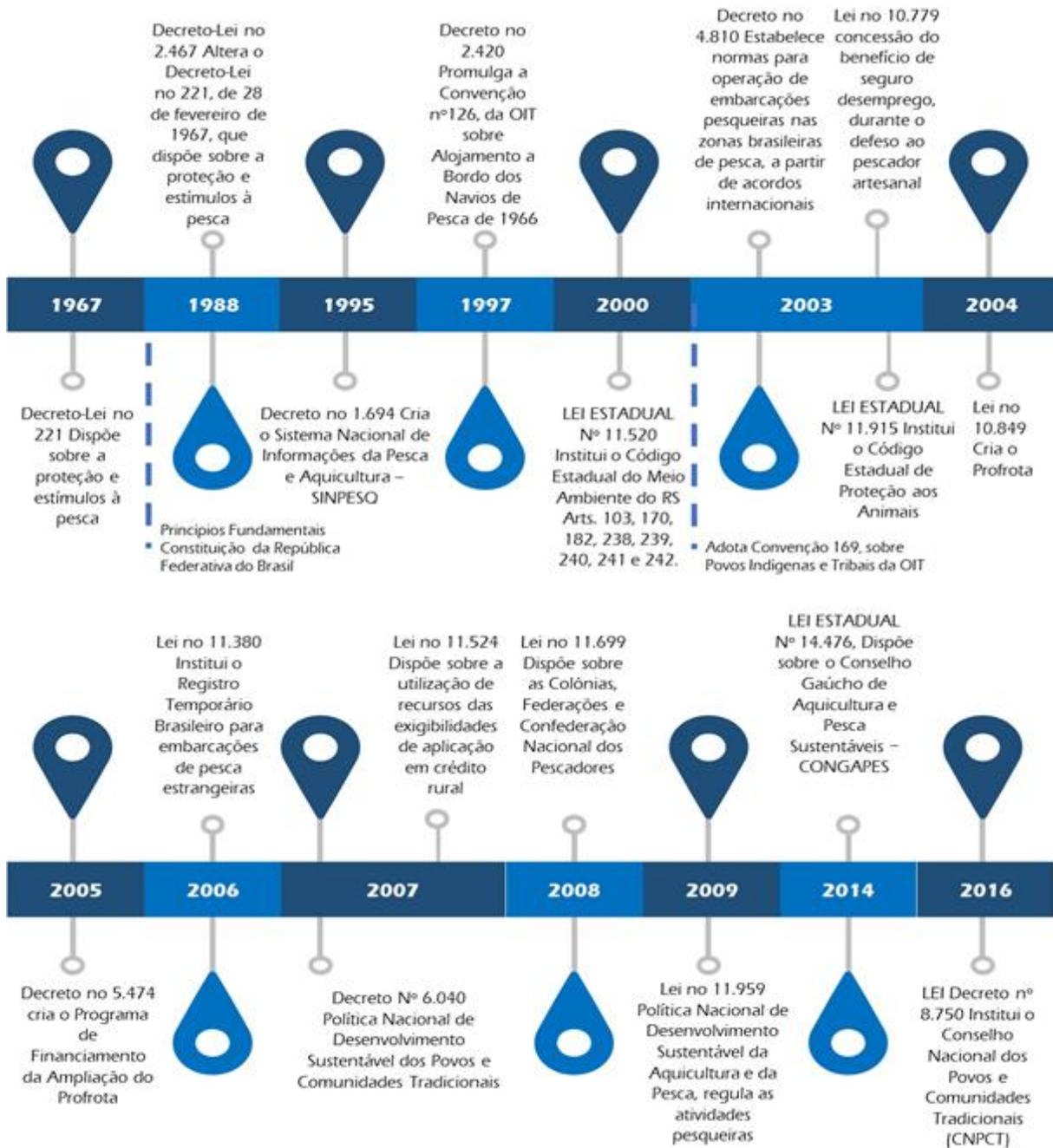
Ano	Marco
2017	O Decreto nº 9.004 transferiu a Secretaria de Aquicultura e Pesca do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e a Secretaria Especial da Micro e Pequena Empresa da Secretaria de Governo da Presidência da República para o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, alterando assim mais uma vez a tutela da Pesca Artesanal.
2019	Retorna ao Ministério da Agricultura com criação da Secretaria de Aquicultura e Pesca que tem como objetivos formular as diretrizes da ação governamental para a política nacional da aquicultura e da pesca. Ainda verificar a Portaria nº 445 do Ministério do Meio Ambiente que determina as espécies proibidas para a pesca.

Fonte: compilado pela autora com dados de Moraes (2001); e artigos e definições previstos nas leis nº 10.683/2003; nº 11.958 /2009; lei Decreto Nº 9.004/17, Ministério da Agricultura (2019).

Averigui, a partir do estudo da legislação, que a pesca tem ocupado diferentes tutelas em órgãos federais. Isso dificulta a continuidade das políticas para o setor. Esta situação somada a uma organização imposta como no caso as colônias de pesca, deixam evidente a dificuldade na articulação da representatividade dos pescadores artesanais e sua participação em construção de agendas. No Rio Grande do Sul, a pesca artesanal, bem como suas políticas de fomento estão vinculadas à Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural e são executadas pela Divisão da Pesca e Aquicultura (RIO GRANDE DO SUL, 2020).

Cabe acrescentar, nesta conjuntura, a legislação vigente sobre a atividade da pesca artesanal. Os principais marcos legais são expostos na Figura 2 a seguir.

Figura 2 - Principais legislações da pesca (nível federal e estadual).



Fonte: Autoria própria, a partir de Senado Federal (2014); Moura (2012); Lei Estadual nº 14.476 (2014); Mazurana (2016)); Decreto Federal nº 9.465 (2018).

Verifica-se que houve um aumento de regulações que não garantem melhorias para atividade, como se pode observar as constantes trocas de sua tutela demonstram que há uma busca de estabilidade da atividade. Mesmo com as inconstâncias, existem conquistas, cabe destacar alguns pontos no que se refere a legislação que dizem respeito às comunidades tradicionais, que são:

a) O Brasil tem papel relevante referente aos direitos de povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, exposto na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT, presente no Decreto no Nº 5.051 de 2004. Onde fica estabelecido a consulta junto a povos indígenas e outras populações tradicionais sobre decisões que interfiram em seus direitos (INESC, 2015). O mesmo foi atualizado no Decreto Nº 10.088 de 2019 que dispõem sobre a promulgação de convenções e recomendações da OIT ratificadas pela República Federativa do Brasil.

b) A Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), estabelecida no Decreto nº 6.040/2007, deve garantir aos grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, com suas próprias organizações social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

c) O Decreto nº 8.750/2016 – Institui o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT). Este é um órgão de caráter consultivo, integrante da estrutura do Ministério dos Direitos Humanos (tutela alterada pelo Decreto nº 9.465, de 2018). Uma das suas atribuições é promover o desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais, reconhecer, fortalecer e garantir os seus direitos, em termos territoriais, socioambientais, econômicas, culturais, saberes e fazeres tradicionais, suas formas de organização e suas instituições.

Ainda em tramitação, no âmbito federal, registra-se a existência de um Projeto de Lei de Iniciativa Popular de Território e Comunidade Pesqueira, “que dispõe sobre o reconhecimento, proteção e garantia do direito ao território de comunidades tradicionais pesqueiras, tido como patrimônio cultural material e imaterial sujeito a salvaguarda, proteção e promoção, bem como o procedimento para a sua identificação, delimitação, demarcação e titulação” (MPP, p.1, 2012). A atividade foi lançada em 2012 com a Campanha Nacional pela Regularização do Território das Comunidades Tradicionais Pesqueiras pelo Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais (MPP) no ano de 2020, o projeto ainda encontra-se na fase de articulação e coleta de assinaturas.

No que diz respeito à situação da pesca artesanal no Brasil, enquanto atividade econômica, deve-se destacar as grandes diferenças regionais que a compõem como

as relações sociais, econômicas e ambientais. A pesca artesanal no contexto nacional é de suma relevância para a manutenção da biodiversidade, pois necessita do equilíbrio e manutenção dos ecossistemas e das comunidades ribeirinhas. Tendo assim uma dependência intrínseca de modelos democráticos de gestão uma vez que precisa garantir a conservação dos estoques de pescado com vistas a perpetuação como atividade econômica (SILVA, 2014).

Os saberes tradicionais na pesca artesanal conforme Diegues (2004), são elaborados a partir da experiência, imbuídos de uma intencionalidade, e transmitidos oralmente ao longo de gerações, que ouvem e os ressignificam, a partir de diferentes dinâmicas. O autor ainda ressalta outras características das comunidades tradicionais pesqueiras, como as relações simbólicas com a terra e a água; o território ocupado; e os laços familiares ali estabelecidos. Portanto o manejo dos recursos naturais é mais do que a relação mercantil da pesca, é identitária. É uma a reprodução cultural e social que contempla percepções e representações em relação ao mundo natural marcadas pela ideia de associação com a natureza e dependência de seus ciclos (DIEGUES, 1999).

Caracteristicamente os pescadores são conhecedores dos movimentos da natureza, como as fases da lua, marés, ventos. Esses saberes fazem parte de seu cotidiano e influem diretamente na conservação dos ecossistemas, propiciando um manejo sustentável. O pescador não domina somente a arte do pescar, mas tem conhecimento do funcionamento natural. A partir disso se tem algumas características comuns aos pescadores artesanais que são o estabelecimento de relações com o ambiente natural, isto é: o que rege as águas, espécies de peixes, ciclos naturais baseados nos saberes tradicionais e a ocupação territorial de geração para geração por meio de da transmissão dos saberes baseados na oralidade e núcleos familiares ou em comunidade visto como forma garantir o sustento da família através do trabalho ligado à natureza (PERUCCHI, 2015).

Estes aspectos também foram apontados por Litle (2002) e Diegues (1996) em outras localidades do Brasil, como utilização dos recursos naturais por comunidades. Estas características vão influenciar os usos que os pescadores artesanais fazem de seus territórios: tanto os terrestres como os aquáticos. Tendo explorado os aspectos

históricos e arcabouço atendido pela legislação federal encaminha-se para o contexto estadual.

Pescadores artesanais no rio grande do sul

No Rio Grande do Sul, conforme estudo da Universidade Federal de Rio Grande - FURG, a atividade econômica da pesca artesanal passa por inúmeros conflitos ambientais com outras atividades que são o agronegócio; atividades portuárias; barramentos; espécies invasoras; especulação imobiliária; esportes náuticos; pesca amadora e industrial; e unidades de conservação. Salienta-se ainda a perda de territórios tradicionais em que desenvolviam as suas atividades, muitas vezes ocasionados por políticas públicas de cunho econômico que priorizam outras demandas com mais rentabilidade financeira. Deve-se, portanto, buscar os direitos constitucionais garantidos aos pescadores artesanais que possibilitem manter seu modo tradicional de vida (SILVA; WALTER, 2015).

Chama a atenção que os territórios são imbuídos de características físicas, no que diz respeito ao caráter geográfico. As organizações territoriais previstas na Lei estadual (nº10.350/1994) em relação as águas são as regiões hidrográficas, composta por suas bacias hidrográficas. Outras organizações são utilizadas pelo Governo federal, como por exemplo, as colônias de pescadores, pois são 43 instituições registradas no Estado (SEMA, 2017b). Ressalto que esta organização de registros da pesca é uma instância federal, na qual é feito o Registro Geral da Pesca (RGP), fonte dos números oficiais dos pescadores artesanais. Além disso, os fóruns de pesca artesanal, são iniciativas que provém dos próprios pescadores, que são os fóruns de pesca artesanal, formando organizações segmentadas, por regiões hidrográficas, apresentadas no Quadro 9, a seguir.

Quadro 9 - Regiões Hidrográficas e os fóruns de pescadores artesanais do RS.

Região Hidrográfica	Fórum
Litoral	Litoral Norte
	Litoral Médio
	Comirim

	Lagoa do Peixe
	Lagoa dos Patos
	Norte da Laguna dos Patos
Guaíba	Delta do Jacuí
	Lago Guaíba
Uruguai	Rio Uruguai

Fonte: compilado pela autora com informações da SEMA (2017b) e FEPAM (2017).

A regionalização do Estado do RS e suas respectivas Regiões Hidrográficas, que são estabelecidas pela sua caracterização física (drenagem das águas, características geomorfológicas), esta divisão se apresenta da seguinte forma:

a) Região Hidrográfica do Guaíba: formada pelas bacias do norte e centro do Estado que drenam para o Lago Guaíba. São os rios Gravataí, Sinos, Caí e Baixo Jacuí; outras bacias drenam para o Baixo Jacuí, são elas: Alto Jacuí, Taquari-Antas, Pardo, Vacacaí e Vacacaí-Mirim. O recebimento das águas de toda esta bacia é a Laguna dos Patos.

b) Região Hidrográfica do Litoral: formada pelas bacias do Leste e do extremo sul do Estado. Estão aqui a Laguna dos Patos e a Lagoa Mirim; algumas bacias desta região drenam diretamente para o Oceano Atlântico: Mampituba, e Tramandaí; para a Laguna dos Patos drenam as bacias do Camaquã, Litoral Médio e Mirim -São Gonçalo.

c) Região Hidrográfica do Uruguai: formada pelas bacias do extremo norte e oeste do Estado, composta pelos rios Apuaê-Inhandava; Passo Fundo; Várzea; Turvo-Santa Rosa -Santo Cristo; Ijuí; Butuí-Piratinim-Icamaquã; Ibicuí; Quaraí; o Rio Santa Maria, Rio Negro. (FEPAM, 2017).

A atividade da pesca artesanal também é prevista na legislação estadual e na federal no que diz respeito a compatibilização dos usos da água. Mas Little (2002) ressalta que os povos tradicionais, que vivem da extração dos recursos pesqueiros de forma artesanal, ainda têm dificuldade de ter o reconhecimento de suas áreas de ocupação e uso, pois não se trata de terra, bem como ainda não há uma legislação adequada que reconheça essas particularidades de uso.

Dentre os estudos oficiais produzidos no Estado está o financiado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO)²¹, datado de 2013, que diz respeito das Condições Técnicas, Econômicas e Ambientais da Pesca de Pequena Escala no Estuário da Lagoa dos Patos. Sendo que o mesmo não tem abrangência de todo o Estado, focou apenas no recorte citado. Tratou-se de uma avaliação preliminar das informações sobre a governança da pesca artesanal local, por meio da consulta aos atores sociais. O resultado evidenciou deficiências em informações básicas, como o número de pescadores, o esforço e práticas de pesca e a produção pesqueira. Também indicou a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre os meios de vida, vulnerabilidades e adaptação em frente às novas necessidades dos pescadores (KALIKOSKI, 2013).

Outro projeto consultado trata da “Análise das Cadeias Produtivas do Pescado oriundo da Pesca Artesanal e/ou da Aquicultura Familiar no Estado do Rio Grande do Sul”, realizado em 2011, por meio de convênio entre a Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo do Estado do Rio Grande do Sul – SDR (extinta em 2019) e FURG. O estudo identificou os entraves, potencialidades e perspectivas, para propiciar uma qualificação das políticas deste setor no Estado (FURG, 2012).

No estudo mais abrangente realizado pelo Estado foi o produzido por Garcez e Sanchez-Botero (2005), o objetivo deste foi caracterizar as comunidades de pesca artesanal do estado do Rio Grande do Sul. De acordo com eles, no Estado são comercializadas pelo menos 35 espécies de peixes. Dentre os principais problemas enfrentados pelos pescadores está a ausência de documentação, analfabetismo, baixa renda, conflitos com outros usuários do sistema hídrico, poluição e a modificação de *habitats* que interferem nas atividades da pesca. No levantamento, constatou-se que a atividade de pesca artesanal normalmente tem início na infância, em continuidade à principal atividade e ou profissão dos pais. Conforme Garcez e Sanchez-Botero (2005), durante os períodos de defeso (proibições de pesca), são buscadas opções econômicas, como serviços informais para não se perder o seguro desemprego (benefício governamental que permite auxílio financeiro temporário aos pescadores artesanais durante o período de defeso). Ainda de acordo com os autores,

²¹ A FAO é a agência especializada do Sistema ONU que trabalha no combate à fome e à pobreza por meio da melhoria da segurança alimentar e do desenvolvimento agrícola. Disponível em: <<http://ois.sebrae.com.br/comunidades/fao-organizacao-das-nacoes-unidas-para-a-alimentacao-e-a-agricultura/>>. Acesso em: 28 jul.17

não há uma política de longo prazo para o setor pesqueiro no Rio Grande do Sul, assim como em todo o território brasileiro, sendo a pesca normalmente tratada de forma emergencial, isto é, na iminência de alguma situação conflitante que necessite de uma resolução a curto prazo.

Complementando estes dados, em pesquisa de Paula e Suertegaray (2013) sobre a situação na região do Delta do Jacuí (Rio Jacuí, afluentes e Lago Guaíba), verificou-se que é comum a migração de pescadores entre áreas de pesca. Contudo, constatou-se que cada comunidade ainda se identifica com as áreas tradicionais de uso. Nesse espaço, tem-se discutido as principais problemáticas relacionadas com a pesca da região e pode-se verificar que são as mesmas já abordadas nos demais estudos sobre a situação da pesca no Rio Grande do Sul. Destaca-se as atividades geradoras de conflitos nas percepções dos pescadores que em ambas as oportunidades relataram que são: a pesca predatória, efluentes domésticos, resíduos sólidos, mineração, agricultura, atividade industrial e a fiscalização ambiental (PAULA E SUERTEGARAY, 2013; GARCEZ E SANCHEZ-BOTERO, 2005).

Soma-se a estas caracterizações da pesca artesanal aqui expostas, o estudo realizado em 2012 pelas Nações Unidas (KALIKOSKI, 2013) no estuário da Lagoa dos Patos, de diagnóstico da atividade, onde foi possível verificar algumas características que extrapolam a comunidade analisada e as considerações deste levantamento são:

- o registro precário de sua documentação; a falta de investimento tecnológico nas embarcações e no armazenamento do pescado;
- o reconhecimento da relevância da pesca artesanal na economia local; ainda é presente a realidade da venda por meio de atravessadores do pescado;
- a necessidade do fortalecimento de lideranças comunitárias;
- o nível de renda ainda baixo;
- os pescadores artesanais não conseguem se manter exclusivamente da pesca;
- o seguro defeso é a principal garantia de renda;
- a predominância masculina na atividade da pesca, mas as mulheres desempenham uma série de atividades relacionadas ao processamento;
- o pouco envolvimento dos jovens na atividade pesqueira;
- a taxa de analfabetismo é alta entre os pescadores e bastante acima da média estadual;

- as comunidades têm acesso ao saneamento ambiental, coleta de resíduos, saúde e serviços de transporte;
- o fórum dos pescadores é um ponto positivo e favorece os arranjos multissetoriais. Um dos méritos do Fórum foi o estabelecimento de normas para a exploração dos recursos com base em um processo participativo (KALIKOSKI, 2013).

Pode-se afirmar que a situação da pesca artesanal, ao se coadunar os diversos estudos aqui consultados refletem a situação no Rio Grande do Sul. Somou-se a estes levantamentos regionalizados o Mapeamento Temático Identifica a presença de populações tradicionais no Rio Grande do Sul realizado em 2017. No estudo estão identificados os municípios em que ocorrem a pesca artesanal, foram levantadas informações a respeito da quantidade de pescadores cadastrados no Registro Geral da Pesca (RGP), de entidades representativas e de características das embarcações (SEMA, 2017b).

A população de pescadores artesanais no RS era de 16.854 em 2015, considerando os que possuíam registro de atuação distribuído em 249 municípios do RS. De acordo com o relatório Mapeamento Temático Identificando a Presença de Populações Tradicionais, esses pescadores, além de atuarem na região litorânea, estão presentes também nos sistemas lagunares, de forma mais concentrada na Laguna dos Patos, Lagoa Mirim e Lago Guaíba; ao longo dos rios Jacuí e Uruguai (SEMA, 2017b).

Como criticidade verificou-se que os estudos desenvolvidos atuaram de forma regionalizada e que boa parte das informações foram advindas de dados secundários, isto é, sem incursão de campo. Ainda assim, eles refletem uma similaridade de situações encontradas o que corrobora para a constatação de um cenário de carência de infraestrutura da pesca, embora exista um aparato legal que necessita de instrumentalização para se tornar efetivo.

Para elucidar as principais temáticas que emergiram como alvo das políticas públicas proponho a organização por eixos temáticos conforme Quadro 10 a seguir.

Quadro 10 - Temáticas das políticas públicas para a pesca artesanal no Brasil.

Eixo temático	Características
Produtivo	Corresponde à comercialização, consumo, estímulo a renda, linhas de crédito e financiamentos. Contemplam ainda os custos da pesca (ex. barco, insumos para produção, armazenamento).
Ambiental	Reflexões sobre as questões ligadas à natureza, como a utilização do território, questões biológicas ligadas a fauna e flora. Também englobam as discussões de usos diversos das águas, por vezes conflitantes, como indústria, turismo, saneamento e que deveriam coexistir. Ainda situações com fiscalização, restrições de áreas e pescado.
Sociocultural	Dizem respeito às práticas sociais e culturais da pesca artesanal como identidade, práticas, memórias, religiosidades e todos os aspectos de tradições que são salvaguardadas por lei.

Fonte: Autoria própria a partir de informações do Decreto Federal nº 4.887/2003, Banco Mundial (BIRD, 2014), Silva e Walter (2015), Lei Estadual nº 15.223/ 2018.

Expostos aqui os temas identificados como os mais relevantes nas políticas públicas que envolvem os pescadores artesanais passo a descrever o percurso metodológico.

3 OS PASSOS DA PESCARIA

Ô canoeiro
bota rede,
bota rede no mar
ô canoeiro
bota rede no mar.

Cerca o peixe,
bate o remo,
puxa corda,
colhe a rede,
ô canoeiro
puxa rede do mar.

(Pescaria, Dorival Caymmi)²²

Aqui apresento meu diário de campo, com as etapas da pesquisa. Parafrazeando a canção de Dorival Caymmi, como canoeiro pescador, joguei redes no Rio dos Sinos, na faixa litorânea norte do Rio Grande do Sul, em Capão da Canoa e no Rio Jacuí, a partir da Ilha da Pintada, buscando a realização de todos os passos para uma boa pescaria. Neste caso, a rede — um caderno com anotações — e outro instrumento, — uma caneta —, não saíram da minha bolsa ou mochila desde 2013, quando iniciei a singradura para chegar aos narradores plenos — os pescadores artesanais.

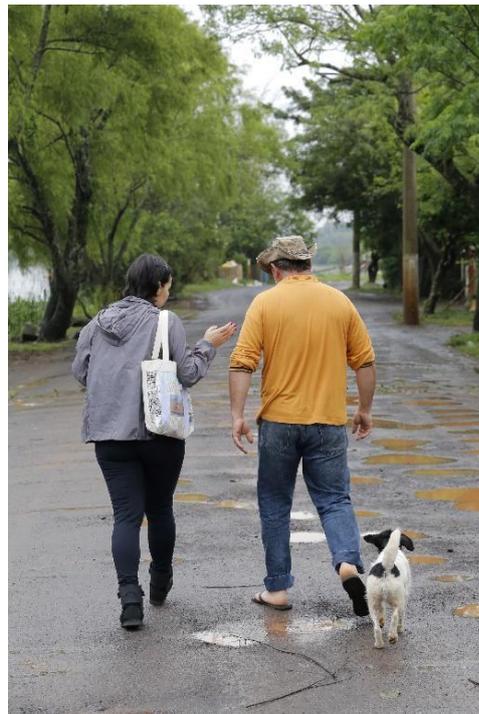
O diário de campo não tem a intenção de fazer parte do trabalho final, mas guarda as anotações do pesquisador, doravante denominado como oralista (CALDAS, 1999). O registro escrito também me permitiu voltar a pequenos textos e observações feitas entre uma entrevista e outra, auxiliando-me a preservar as percepções que tive durante a pesquisa.

Como já foi citado, trabalhei com a comunidade da Praia do Paquetá, Canoas, uma pequena localidade de pescadores nas margens do Rio dos Sinos, no extremo oeste de Canoas/RS, com a qual já havia construído proximidade, em função de minha atividade profissional como mobilizadora social e da pesquisa para a dissertação de mestrado. Nessa trajetória, fiz diversas visitas informais, profissionais e com motivações acadêmicas às famílias de pescadores ali residentes. Minhas andanças ficaram registradas em uma imagem (Figura 3), captada por Claiton Dornelles. Foram conversas em dias de chuva e de sol, em finais de semana, nas residências daqueles

²² CAYMMI, Dorival. Pescaria. Série Retratos. Disponível em <https://www.vagalume.com.br/dorival-caymmi/pescaria.html> Acesso em 18 jan. 2020.

e daquelas dispostos a me receber, permeadas por interrupções do cotidiano de quem está tecendo redes, vendendo pescado ou caminhando em direção ao seu barco. Tempos de muito movimento, em finais de tarde e em tempos de festa. É importante destacar que participei de algumas das celebrações dos pescadores, como a Festa de Navegantes (fevereiro/15) e outras oportunidades públicas que me foi feito o convite.

Figura 3 - “Singrando” pela Praia do Paquetá – Canoas/RS (agosto/14).



Fonte: cedida por Claiton Dornelles.

A segunda comunidade visitada foi no litoral norte em Capão da Canoa que, conforme Verlindo (2020) tem seus primeiros registros em 1900 com o nome de Arroio da Pescaria. Seu povoamento inicial deu-se com o surgimento dos primeiros ranchos à beira-mar, habitados por pescadores e servia de pouso para tropeiros e viajantes. O município possui 11 balneários, com 19,1 km de praia.

A terceira comunidade foi a da Ilha da Pintada em Porto Alegre, localidade que faz parte do Bairro denominado por Arquipelago. A Ilha tem 2.301 habitantes de acordo com último Censo de 2010, a população adulta com mais de 25 anos no local eram 3,92% de analfabetos, 63,26% com o ensino fundamental, 40,66% possuíam o ensino médio completo e 7,22%, o superior completo (ATLAS BRASIL, 2013). Em

relação ao dia a dia da Ilha há uma intimidade e naturalização das cheias do rio, momento já retratado por Devos (2009, p.298):

Em períodos de cheia dos rios e de enchentes a água une todos sob o encanto com a dinâmica cíclica do ambiente do Delta e a dificuldade de enfrentar o mesmo cotidiano de navegar pelas ruas alagadas e salvar a casa, os bens e a saúde da água que toma conta das ilhas. Mas no resto dos dias, para alguns, a proximidade com a água é parte fundamental do seu modo de vida, transitando pelo espaço entre o pátio com a casa erguida sobre palafitas, a estrada que liga os terrenos costeiros à ponte e às estradas, e a margem do rio onde se encontra uma embarcação.

Na Praia do Paquetá, Ilha da Pintada, Porto Alegre, e na faixa litorânea norte em Capão da Canoa cada dia foi especial. O diário de campo é mais do que a minha percepção em relação às conversas, reuniões que participei e idas e vindas às comunidades ribeirinhas. Ele também relata o meu amadurecimento em relação à investigação e aos narradores plenos, buscando, o que indicou Lins Caldas (2008): a mim mesma, as sociabilidades, as redes virtuais e imaginárias que convergem para os pescadores e a partir deles se abrem, as suas narrativas, a vida, a experiência em movimento.

Entre 2014 e 2015, realizei uma série de entrevistas para a pesquisa do mestrado. A necessidade de realizar novas explorações sobre memória e narrativa, relacionadas às políticas públicas para a pesca artesanal, levou-me ao doutorado. O eixo então, voltou-se para os narradores e suas singularidades - o pescador enquanto narrativa.

Entre 2016 e 2019, percorri, em razão dos meus compromissos profissionais, mais de 20 cidades do Rio Grande do Sul, participando de reuniões setoriais que discutiam políticas públicas de zoneamento e planejamento de território. Como articuladora desses encontros, verifiquei, na maioria deles, a ausência dos pescadores. No entanto, percebi ao longo do tempo, que não era por falta de interesse na temática, mas sim, uma questão de priorização de suas necessidades, inclusive, do que despender de tempo para participar de discussões. Foi esse fato que me levou a ampliar a investigação sobre diferentes aspectos em relação a pescadores artesanais, no campo das políticas públicas.

Figura 4 - Reunião no Fórum Delta do Jacuí – Porto Alegre/RS (janeiro/17).



Fonte: Acervo particular da autora.

A Figura 4 é o registro da realização de encontro com os pescadores artesanais em sua localidade no Lami em Porto Alegre /RS e na Figura 5 a apresentação no governo estadual, também na capital para discutir políticas públicas de gestão territorial, ambas em 2017.

Figura 5 - Reunião no CONGAPES – Porto Alegre/RS (julho/17).



Fonte: Acervo particular da autora.

A partir dos encontros que participei e do acompanhamento da agenda de discussões com pescadores, optei por utilizar as cápsulas narrativas de 2014 com pescadores de Canoas. Assim, complementei com outras duas com pescadores da

Ilha da Pintada em Porto Alegre e no Litoral Norte, em Capão da Canoa. Cabe elucidar que no decorrer dos anos (2013-2019) acompanhei a movimentação da pesca, e nem todas as conversas renderam narrativas. Na Ilha cheguei por intermédio de duas colegas de trabalho que são netas de pescadores e em Capão um tio meu foi pescador amador e conhece vários na cidade e assim cruzo dos rios para o mar.

Apresento a seguir a estruturação de minhas cápsulas narrativas. Utilizo a sequência proposta por Lins Caldas (1998, 2001).

A concepção do projeto

De acordo com Caldas (1999a, 1999b), a entrevista não é uma fonte de pesquisa fazendo parte de um *corpus* documental. Trata-se do encontro com o presente do narrador, com a sua fala, sua ficcionalidade, a consequência do vivo ou do que foi vivido. A minha atuação se dá acompanhando o narrador afirmando-se no tecer de suas redes, no trilhar dos seus caminhos, no que ele entende como vivido. Não se trata do acontecido, mas o que está sendo construídos por discursos. A narrativa dá a perspectiva dos horizontes, do presente do narrador.

O pesquisador tem dúvidas, pontos sensíveis sobre o universo a ser estudado e deve estar aberto às vozes dos narradores plenos. Assim, o projeto funcionou como uma espécie de rascunho, aberto a modificações, a partir da interação com o narrador, com o qual busquei um caminho a ser seguido.

Neste caso, como já relatado, eu já possuía familiaridade com o contexto dos pescadores artesanais. Assim, os contatos realizados para a realização da pesquisa foram de apresentação do meu interesse pessoal em suas experiências, a maneira de como se dariam as “entrevistas”, as questões éticas, sem tratar sobre temas, objetivos, título do projeto, questões acadêmicas, a fim de evitar direcionamentos na sua narrativa.

A partir daí, elaborei o projeto de pesquisa, por meio de pontos sensíveis que já havia levantado durante encontros com os pescadores, em função da prática profissional e da investigação levada a efeito no mestrado. Foi interessante constatar a estranheza da banca de qualificação, principalmente no sentido de que eu não havia formulado problemas, mas sim, suscitado pontos sensíveis para a constituição das cápsulas narrativas, que só no decorrer da pesquisa foram desdobrados em cápsulas temáticas, com perguntas para elucidar algum elemento da narrativa que não havia

ficado inteligível. Neste sentido, em meu projeto, “estabelecimento provisório de procedimentos e dúvidas [...] de rascunho de pretensões e intuições” (CALDAS, 2009, p. 58), fui adaptando as etapas, de acordo com as percepções em campo, no ritmo dos narradores, buscando na sua construção pessoal elementos sobre a sua percepção sobre políticas públicas para a pesca.

Os narradores plenos

Minha busca foi pela experiência singular e encontrei narradores plenos de forças, de afetos, hipertextos que, no dizer de Caldas “exigem estrutura, forma e interpretação próprias que consigam perseguir sua polidimensionalidade” (2009, p. 60). Na tese, esses não são apresentados em um contexto histórico. São eles que, a partir da escolha narrativa, constroem seu próprio contexto, organizam seu cotidiano e suas relações sociais. É a partir da sua singularidade que se percebe as relações entre memória e narrativa, essas, construções próprias do narrador. A HO, nessa perspectiva trata do indivíduo, daquela fala específica. É o oralista que interliga, faz a mediação com as diferentes falas, buscando a dignidade e a grandeza da vida singular.

Foram realizados encontros com 15 pescadores e pescadoras artesanais entre 2014 e 2019. Desses selecionei sete como narradores plenos que realmente, a partir das cápsulas narrativas e temáticas, deram dimensões de suas vidas. Não procurei um grupo específico, cheguei a eles/elas, por meio de indicações nas próprias comunidades visitadas. A abordagem remetia a um “conversar” a respeito da pesca. Não estava preocupada com quantidade de horas de gravação de falas, as quais poderiam ser transcritas em muitas páginas. As conversas fluíram de forma espontânea e explicitaram a riqueza das nuances pessoais de cada um/uma. Na sequência no Quadro 11, breves informações sobre os narradores.

Quadro 11 - Informações sobre os narradores plenos.

Prenome ou Apelido	Nome completo	Idade na data entrevista	Data da entrevista	Localidade
Miro	Almir Oliveira Lopes	53	18.10.2014	Praia do Paquetá - Canoas - RS
Paulo Denilto	Paulo Denilto Ribeiro	47	05.08.2014 21.03.2015	

Prenome ou Apelido	Nome completo	Idade na data entrevista	Data da entrevista	Localidade
Nego	Claudiomir Oliveira Nascimento	47	12.11.2014	
Mosa	Eliane Regina de Souza Carvalho	48	25.10.2014	
Jaqueline	Jaqueline da Silva Freitas	41	18.10.2014	
Rosane	Rosane Maria	53	20.04.2019	Zona Norte - Capão da Canoa - RS
Méia	Alexandre Oliveira	46	08.07.2019	Ilha da Pintada - Porto Alegre - RS

Fonte: Autoria própria (2020).

Seguindo os pressupostos de Caldas (2009), entendi a entrevista como uma prática na qual o narrador pleno não só representa o mundo, mas elabora-o, criando os elementos de suas experiências. O oralista não controla a fala do narrador pleno e a memória não é neutra; não se trata de um arquivo onde o vivido está depositado. É construção transformadora durante a qual, lembrança e esquecimento, passado e presente se confundem. As recordações não se restringem ao vivido ou ao observável. No ato de lembrar, mistura-se tudo o que constitui o narrador com a mobilidade do e no presente: “ao narrar o narrador cria a si mesmo e um mundo - duas dimensões discursivas” (2009, p. 64).

Foram os narradores plenos que definiram o caminho que queriam seguir na sua fala, dando à cápsula narrativa, ritmo, trajetória e duração. Eles deram-me, os caminhos que seriam seguidos na pesquisa. Dentre os 15 entrevistados, sete apresentaram-se a mim como narradores plenos: Mosa, Miro, Nego, Jaque e Paulo Denilto, da Praia do Paquetá (Canoas); Rosane, de Capão da Canoa; e Méia, da Ilha da Pintada.

A organização das narrativas, neste trabalho, foi por cidades e período em que ocorreram as cápsulas: em Canoas, Capão da Canoa e Porto Alegre, as quais correspondem a Bacia Hidrográfica do Guaíba e Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Os narradores tiveram o seu momento narrativo, escolha de como começar a fala, dirigir a trajetória, escolher seu lugar no texto e seus fluxos e no dizer pessoal (o nascimento voluntário). Assim, cada narrativa, por ser de alguém diferente, será outra.

Com o Paulo Denilto, os contatos começaram em 2013. Portanto o resultado aqui exposto foi muito mais do que um encontro pontual. Foi fruto de uma relação de longo tempo, estabelecida entre oralista e narrador.

Paulo Denilto Ribeiro é líder comunitário da Praia do Paquetá (Figura 6). Tem 57 anos, é casado, pai de dois filhos. Ele exerce a atividade de pesca e faz reparos em equipamentos domésticos. Responsável por buscar articulações e espaços de reconhecimento da localidade, ele participa da União das Associações de Moradores de Canoas (UAMCA) e do Fórum de Pescadores do Delta do Jacuí. Antes de se mudar para a Praia do Paquetá, há 20 anos, ele residiu no Bairro Niterói, em Canoas, e trabalhava no Aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto Alegre.

Figura 6 - A porta de casa do Paulo – Canoas /RS (agosto/14).



Fonte: Imagem cedida pelo fotógrafo Claiton Dornelles.

Mosa (Figura 7) recebeu-me em sua casa. Seu nome é Eliane Regina de Souza Carvalho, mas na comunidade todos a conhecem pelo seu apelido. Tem 54 anos, é divorciada, mãe de três filhos e cria um dos netos. Moradora do Paquetá desde 1993, mora com seu filho mais velho que tem uma venda na comunidade.

Figura 7 - Dona Mosa na frente de casa – Canoas /RS (outubro/14).



Fonte: Imagem cedida pelo fotógrafo Claiton Dornelles.

O encontro com Miro (Figura 8) deu-se no seu ponto comercial para venda de peixe que tem em frente a sua casa. Seu nome é Almir Oliveira Lopes, tem 59 anos, é casado com Dona Maria, com quem tem seis filhos. Sua família foi uma das primeiras a habitar a localidade, acompanhando a formação do povoado. Miro já trabalhou como pintor e chacareiro, mas acabou voltando para a beira do Rio dos Sinos.

Figura 8 - Miro na Praia do Paquetá – Canoas /RS (agosto/14).



Fonte: cedida por Claiton Dornelles.

Claudiomir Oliveira Nascimento só atende pelo seu apelido: Nego (Figura 9). Ele me recebeu na sua casa em um final de tarde em que o rio estava subindo até sua porta. Sua casa é uma das últimas habitadas da Praia do Paquetá. Casado com Janaina, tem três filhos e 53 anos de idade. Buscou o povoado em 1998 para pescar, ter sua própria habitação e eliminar as despesas de aluguel. Ele já trabalhou como motorista de caminhão e, algumas vezes, com pequenos consertos domésticos. Nego é fiscal da Associação de Moradores e Pescadores do Paquetá.

Figura 9 - Nego retirando a embarcação – Canoas /RS (janeiro/15).



Fonte: cedida por Claiton Dornelles.

Jaqueline da Silva Freitas, 41 anos, conhecida como Jaque (Figura 10) me recebeu em um dia de chuvoso com seu esposo e neto. Filha e neta de pescadores que residiam no Paquetá costumava passar as férias na localidade. Natural de Viamão, viúva do primeiro casamento, mora no povoado há 22 anos, com os três filhos e o atual marido. Jaque não exerce mais a atividade em decorrência de problemas de saúde provenientes da pesca.

Figura 10 - Jaque na sua casa – Canoas /RS (agosto/14).



Fonte: Cedida por Claiton Dornelles.

Em 2019 conversei com a Rosane Maria (Figura 11) em um domingo quente no litoral fora de temporada de veraneio no seu comércio, logo após o almoço com seus filhos. Inicialmente tinha recebido a indicação de conversar com o esposo, mas a mesma ao me encontrar enfatizou que, para conversar de pesca deveria ser com ela mesmo e foi o que ocorreu. Sentamos em uma das mesas com sua filha e passamos algumas horas conversando sobre muitas coisas que envolvem a rotina da pesca e da vida. Filha e neta de pescadores que migraram de Santa Catarina, Rosane é natural de Porto Alegre tem 53 anos e reside há mais de 30 anos no litoral norte. Mora com seu esposo, com quem tem nove filhos e 11 netos.

Figura 11 - Aula de navegação – Capão da Canoa/RS (abril/19).



Fonte: Cedida por Rosane.

Meu último contato foi com o Méia, na Ilha da Pintada, Porto Alegre. Nossa conversa foi na área externa de sua casa, enquanto terminava de atender um cliente que foi comprar peixe. Acostumado ao atendimento do público, conversou comigo enquanto seus vizinhos e filhos faziam pequenos reparos na casa naquele final de semana. Seu nome é Alexandre Oliveira (Figura 12), mas todos na região conhecem pelo apelido, casado com Flávia, pai de quatro filhos, mora desde que nasceu na ilha e a pesca é ofício herdado de família. Exerce a pesca há mais de 30 anos. Trabalhou com operador de bate estaca, em peixarias de supermercado, e no Mercado Público, mas hoje não se imagina trabalhando para outras pessoas.

Figura 12 - Méia com a esposa e filha (julho/19).



Ilustração: cedida por Alexandre.

Paulo Denilto, Mosa, Miro, Nego, Jaque, Rosane e Méia abriram-se para as entrevistas, dando dimensões de suas vidas que escolheram transmitir no momento mesmo do encontro comigo. Trata-se daquilo que decidiram dizer, as suas ficcionalidades. Benjamin escreveu “[...] quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia” (1987, p. 213).

Transcrição

A transcrição não é somente um processo técnico, envolvendo a passagem do oral para o escrito. Trata-se de manter a narratividade, sem passar por filtros, por códigos da norma culta da língua. O que foi dito - e como dito - deve ser transcrito, preservando-se o que o narrador pretendeu que fosse entendido no momento narrativo. Não se busca o texto ideal, mas sim a experiência do outro tornada texto (CALDAS, 2009).

Nesta etapa, foram relevantes as anotações do caderno de campo, pois me forneceram o que o autor chama de “suave pontuação” (2009, p. 66). Não se trata de textualização, mas de reflexão sobre a fala do outro, obedecendo ao modo do narrador de se dizer. É uma escrita que se molda a partir da experiência narrada, pela ordem do dizer a vida, texto-sujeito conforme denominação de Lins Caldas (1998, 1999c,

2001), isto é, onde o sujeito deixou evidente o seu protagonismo. Para Caldas, “o texto ‘final’ é a oralidade transcriada” (p. 72, 2008), é um referente, original autônomo, no qual o narrador fala livremente e interpreta o que fala. Todo o trajeto da pesquisa, do oralista, desde o projeto até a sua finalização, quando o texto do narrador é publicado, é parte integrante do processo de transcrição.

A Leitura

O fato de ser a fala do narrador, não exime do oralista de interpretar, tomar posição, refletir sobre o que foi dito. As duas falas - a do narrador e a do oralista - são “contrafaces dum mesmo e grande texto, duma mesma e complexa realidade.” (CALDAS, 2009, p. 71).

O conceito aqui foi entendido como a leitura do passado, feita no presente e só existente nele. Tem uma temporalidade própria, a temporalidade do momento da fala. Para Caldas os textos transcritos como “poética da experiência, clamam por uma poética da leitura e por uma poética da interpretação.” (1999, p. 110).

O texto de cada narrador é transpassado pela sua realidade, permeado de outros textos que remetem a diferentes situações e pessoas. Neles busquei pontos de interpretação, *punctuns*²³, detalhes que remetiam às minhas inquietações quanto ao perfil^I dos pescadores, suas percepções sobre políticas públicas^{II} para a pesca, acesso ao conhecimento^{III} sobre as políticas públicas, conhecimento sobre suas entidades representativas^{IV}, sobre a gestão dos territórios^V para a pesca nas localidades, sobre suas experiências de representatividade^{VI} junto aos poderes públicos e nos espaços de discussão sobre pesca artesanal.

²³ Sobre *punctum* ver Barthes (2002).

4 AS NARRATIVAS

Paulo Denilto

Pescador e Presidente da Associação de moradores e pescadores da Praia do Paquetá em Canoas.

Só hoje foi vendido 300 kg de peixe, em pouca quantidade o quilo fica por oito pila [forma com que alguns sul-rio-grandenses referem-se à moeda corrente] e até cinco dependendo da quantidade, mas vem tudo, não é para escolher.^I A varrer, é cinco pila, se é escolhido daí tem uns que vai a seis ou sete o quilo, mas é barato igual, vai lá no mercado para ver. Peixe é caro, para tu ver a gente gasta material, com combustível e gelo. Isso tem um custo alto, olha só, um pano de rede é R\$ 110 reais, para fazer um pano de rede tu vai precisar de R\$ 10 reais de linha, R\$ 30 reais de corda, R\$ 30 reais de chumbo e mais uns R\$ 60 reais de bóia. Então para fazer uma rede que sai no mínimo 300 reais, isso normal, se tu fizer uma feiticeira (tipo de rede dupla) quase dobra.

A prefeitura de Canoas disse que tinha feito um projeto para cá, então eu fui ver que tal de projeto era esse e não fizeram projeto nenhum^V. Gastaram 4 milhões e para botar em prática nada. Eles não fizeram projeto, vão só simplesmente calçar a rua, mas não sabem quando porque tem que ter a verba. O cara que mostrou para mim, eles fez um simulado no computador, daí eu disse “bah cara eu acho que até eu faço melhor que isso”. Saí da prefeitura e fui na câmara dos vereadores junto com minha mente a mil, **para fazer realmente um projeto que envolva a comunidade e que a comunidade se beneficie. Agora você fazer projeto para outros, que nem o prefeito disse: eu fiz quiosque, eu fiz para quem? Para nós, não foi, foi para turista e não para quem vive aqui^V.**

Apoio do governo não temos^{II}. Hoje está legal, hoje tem esse ventão, se não tivesse esse vento eu queria que tu visse aquilo ali é 50 a 60 bonecos por ano quebrando tudo, é tráfico de drogas, é as meninas se prostituindo ali, tem duas ou três que vem lá do Prata (vila próxima) e ficam ali pra ganhar dinheiro da gurizada e não tem para quem reclamar, já reclamei para todo mundo e não adiantou.

Das instituições que participamos, o fórum de pescadores do Delta do Jacuí não tem nada a ver com a colônia de pesca, o fórum são ONGs e entidades governamentais e não governamentais e associações e todos relacionados à pesca que queiram participar em prol dos problemas relacionados à pesca e dos

pescadores da comunidade que é do delta e do Jacuí. Olha só o que a gente conseguiu com o fórum? A gente conseguiu uma parceria que vai ser o primeiro parque ecológico na área de APP²⁴ onde vai ser possível a pesca profissional e isso é um grande feito, pois dentro de uma área de preservação ambiental é proibido. É uma área intocada e a gente conseguiu isso, a secretaria estadual de meio ambiente e a secretaria que vai dar a permissão para nós^{IV}.

Eu tinha essa preocupação de que está tudo pronto e a gente já fez um acordo de cavalheiros. Foram conquistas. No início do fórum vocês não fazem ideia que a promotora e o secretário do meio ambiente eram irredutíveis, é área de preservação e não tem que ter pescador. Isso foi ideia minha porque todo o pescador teria que ter uma embarcação registrada. Se tu não tem um registro próprio para pescar no Parque do Delta não vai poder pescar lá, tem que organizar. No acordo que a gente fez, a quantidade de rede que a gente queria que eles nos permitissem entrar.

Os pescadores aqui, só querem, querem, não querem ajudar, eles só querem^{VI}. E se eu falar para eles: - Temos que ir a tal lugar.

- “Ah não posso, ah não vou, ah não tem como eu ir”.

Só sobra para mim e eu tenho que ir e 'deus o livre' se eu não vou. **Claro que tem coisas relacionadas a nós aqui que eu chego e falo – vai ter uma reunião sobre isso tal dia e eu quero que vocês vão – todo mundo vai, quando é importante mesmo todo mundo se abraça e vai. A gente já fez uns três mutirões na prefeitura que não deu em nada, mas a gente foi. A gente já foi no fórum a respeito da mortandade de peixe todos a gente foi em dois ônibus até lá^{VI}.**

No caso da mortandade de Peixes no Rio dos Sinos, em setembro de 2012, o outro juiz, que são três juizes, é o caso dos três que dão o caso ganho ou não, o primeiro juiz é o que deu o voto contra, eu não tenho o voto dele, eu tenho o voto do segundo juiz, ele veio aqui ele e o advogado assistente dele e mais um outro. Eu e o senhor Vilmar a gente levou eles, porque eles queriam ver os pescadores. Eu disse: - vocês vão lá em dia de semana que eu vou levar o senhor pra ver aonde o meu pessoal acampa o que eles e onde eles pescam e o que eles fazem quando tão de bobeira. Marcamos e ele veio aqui deixou o carro aqui em casa e eu levei ele, levamos ele até o zoológico mais ou menos até Sapucaia (cidade da região metropolitana). E

²⁴ Área de Preservação Permanente

eles puderam ver ai que tem pescadores de Santa Rita, tem de Canoas e de outros lugares. Todos eles me conhecem e eu conheço todo mundo, a gente chegava no acampamento onde estavam o Paulinho e a Sueli, aonde estavam o Miro e o Alemão, os que estavam pescando aqui dos nossos. Depois levei eles no Zão que mora no outro lado do rio ali e tomamos um café, comemos uns bolinhos que fizeram e o juiz junto. O juiz é humilde, ele viu um monte de gente pescando em barranca, tinha assim dois ou três caras pescando aqui e outros dois mais adiante pescando de linha e pegando peixe e mostrando para ele, e ele tirando foto de tudo isso, ele tirou foto dos acampamentos e tirou foto dos peixes pegos pelos pescadores artesanais tudo. Depois disso ele deu o voto a favor.

Foi esse juiz que deu favorável, já a presidente, ela não deu o voto ainda. Quem deu foi um juiz antes e esse que veio aqui deu o voto favorável, e estipulou até os valores, e a outra juíza que é a presidente da mesa ela disse que antes dele dar o voto ela ia acatar o voto dele que ai ela pediu vista e o outro juiz também pediu vista na revisão do voto dele. Ai esse se der unanimidade dos três votos, nem recorre para Brasília, mas ta travado desde setembro de 2013. Ela pediu vista para até 15 dias dar o voto e até agora nada. A gente perdeu a questão de Portão porque o promotor ganhou um Vectra zero lá e não sei quanto mais lá e depois foi interditado pela ANVISA [*Agência Nacional de Vigilância Sanitária.*] Isso foi coisa assim que foi escancarado lá. O cara que era promotor daqui foi pra Uruguaiana, também na área ambiental mais em Uruguaiana.

Muitos não entendem as estações de tratamento de indústria, que é para onde vai o dejetos, só que ela está mal instalada. Ela tinha que estar instalada em um lugar onde qualquer precipitação de chuva fosse água abundante, a gente sabe o quanto eles exageram. Que nem ontem tinha previsão de chuva, não esperou chover e largou e o que acontece, hoje já estava morrendo peixe, então agora eles têm essa preocupação que eles não tinham antes, e eles largam lá e quando dá enchente eles abrem tudo. Então até tem um estudo de transferência da estação de tratamento, mas não é comercialmente viável porque é longe é passando a Barra do Ribeiro onde querem fazer a parte de tratamento e descarte. Lá pela Lagoa dos Patos que não contaminaria rio nenhum e lá tem muita água e é justamente uma parte da lagoa onde ela é funda, não é onde a lagoa é rasa que daí corria risco também, é onde a lagoa é funda então tem o

estudo deles lá. Ia diminuir a concentração de solutos, um vento que nem hoje, lá na lagoa remove toda a água, não precisa chover para largar o veneno^V.

Quando tem alguma reunião, geralmente a gente vai por conta, mas às vezes a gente consegue um ônibus^{VI}. Quando é coisas planejadas, aquilo lá foi tipo:

- “eu sabia que o Paulo ia fazer só que ele avisou uma semana antes que ia sair aí não tinha como eu conseguir.

Olha só há duas semanas o pessoal da Nidera (empresa que iniciou instalação na região) entrou em contato comigo dizendo que vão fazer uma plenária para saber sobre essa nova empresa que vai se instalar aqui. Eles já fizeram uma pesquisa pra saber o que a gente precisa, o que é os nossos anseios referente ao poder público, então eles querem nos ajudar para que nós não tranquem a instalação deles.

A empresa quer se instalar dentro de uma área nobre de preservação naquele banhado ali que, se tu para tu vai ver esse ano não teve nenhum, mas tem sempre jacaré, ratão, capivara é tudo que tem ali^V. Eles vão aterrar no nível da cota para 13 metros e meio quase a altura da estrada para instalar. Na plenária que a empresa realiza tem que ter a participação do pessoal local, eles queriam sugestão de onde eles podiam fazer isso, eu disse – tem um CTG²⁵ aqui no central park mais quando vocês fizerem isso eu vou convidar o conselho de meio ambiente. **Eles estão com todos os processos já prontos e trancados pela SPH²⁶, pra ti ter ideia a prefeitura foi tão rápida quando eles tiveram interesse em se instalar aqui que mudou a lei do plano diretor para favorecer eles, foi mudado, aquela área ali^V.**

Agora eu sou conselheiro municipal de meio ambiente^I. Tem certos processos que eu tenho conhecimento e até foi apresentado dia 23 do mês passado na câmara de vereadores a revisão do plano diretor ambiental. Pediram vistas e a gente teve uma reunião semana passada. Eu falei:

– Oh, tem outros lugares em Canoas que tem outras áreas de preservação que se a gente hoje devolver o que foi tirado e refazer o que foi desfeito tem cura e fica

²⁵ Centro de Tradições Gaúchas

²⁶ Superintendência de Portos e Hidrovias (SPH) - foi extinta pela Lei número 14.983/2017, que dispõe sobre a extinção da Superintendência de Portos e Hidrovias (SPH) e redireciona as funções por ela desempenhadas para o Porto de Rio Grande. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repLegisComp/Lei%20n%C2%BA%2010.722.pdf>. Acesso em: 27. fev.2020.

um negócio bom, eu disse pra eles lá – quem de vocês não gostaria de morar aqui na Inconfidência (rua) com o arroio limpo passando na frente da casa de vocês com gramadinho baixo preservado – é mas não é assim, é um valão podre, mas se cuidar na raiz o problema tu pode abrir o valão e ficar uma coisa bonita de novo.

Então tem outros lugares que eles tão retilinizado e canalizando os arroios, são uns “reguinhos” da água que abastecem o arroio, do lado do shopping é um, ele tem uns 3 metros de profundidade mas ele larga de 30 a 50 litros de água por segundo agora na seca limpa e cristalina a água e vai ser canalizado. **Então se a gente poder mapear isso antes, aí o secretário – ah, mas tem que ter uma responsabilidade, tem que ser um biólogo – mas não tem problema, nós somos “biólogos” aqui tem a secretaria para nos dar apoio é só botar no papel, mas se vocês não querem isso e acham que vai prejudicar o andamento da cidade olha o que aconteceu em São Paulo – é porque não cuidaram do pequenininho que ficaram sem o grande – aí começou o conselheiro mais antigo – vocês tem que escutar – tu engolir um paredão ali, provavelmente é isso, tu imagina o que vai virar isso, mas olha só eles vão usar o rio, mas não é só os rios que eles vão usar, nós estamos num pórtico onde tem rio, trem e estrada eles vão usar tudo. Só falta construir um aeroporto aqui^V.**

Piratas, é não é só nos livrinhos que tem. O irmão do Miro, o Antônio que mora lá para cima, até deixou de pescar, ele, o negão Zé e o meu vizinho seu Antenor. Eu emprestei o barco que eu tinha antes, que nem um barco de alumínio, só que era de fibra grandão, eu emprestei pra ele ir pescar. Ele foi para lá e eu fui junto com ele e vim embora e ele estava esperando o cunhado dele e mais uns amigos dele que eles iam acampar, e os caras quando chegaram no acampamento tinha um velho amarrado na árvore, mataram o seu Roque que era de Bagé, ele e a senhora dele estavam aí, e foram roubar o barco dele. Mataram ele levaram o motor e não levaram o barco porque deixar uma senhora de 80 anos no rio sem o barco não tem como né, isso tudo são coisas que aconteceram alguns anos atrás e agora está mais tranquilo agora com a morte desse outro. Teve uma época aí quando assaltaram o irmão do Miro e o negão Zinho Zé deixaram eles amarrados na ilha do Oliveira.

Eliane Regina de Souza Carvalho (Mosa)

Pescadora aposentada e comerciante local.

O Paquetá na verdade faz pouco tempo que o pessoal se interessou pelo Rio dos Sinos digamos assim. Faz poucos anos que se interessaram, porque antes ninguém dava importância, digamos assim, para o rio e muito menos para o Rio dos Sinos. Porque até então se eles tomassem conhecimento de tudo que está acontecendo com todos os rios seria diferente. Por exemplo, o Paquetá terminou, no caso é um espaço aqui que terminou sendo um dos rios bastante afetados, custaram a se dar por conta que o Rio dos Sinos precisava, essa é a verdade que a gente consegue enxergar. A mortandade de peixe como problema grave não se dá apenas de dois três anos para cá se dá há muitos e muitos anos. Mas o problema vem há muito tempo. O que acontece é que nem o Rio Gravataí: **precisou quase ele morrer para ver que ele estava morrendo^V**. O Rio dos Sinos olha o que está acontecendo: não mata mais uma pequena quantidade de peixe, hoje mata uma grande quantidade de peixe que nem tu tem visto, que nem tem aparecido no jornal, o que já foi um escândalo mais uma vez. O Rio do Sinos acho que é isso, o pessoal custou a se dar conta do que realmente ele precisava, as autoridades porque até então era tudo liberado, teve épocas do Rio do Sinos que eu pesquei, onde os barcos que para mim eles podem, claro a gente sabe que existe uma grande quantidade de problemas, em todos os rios existe o que os venenos são uma coisa grave. Só de um tempo para cá essas granjas de arroz, claro que tudo é necessário, mas antes era colocado tudo, baixado tudo na beira do do rio e deu né? Sem problema nenhum, isso é um problema, mas, **um problema grave, grave que eu enxerguei depois que colocaram esses barco de chupão^{II, IV}**. Esse é um barco que ele mesmo se carrega e se descarrega vamos dizer assim, ele mesmo faz todas as função, então eu para mim essa foi a parte que mais estragou em termos assim de pesca, porque esses barcos é um barco que não tinha. Eles deveriam, eles tem uma área em que eles podem retirar areia, mas isso não acontecia eles tiravam onde eles achavam melhor, onde era mais fácil carregar, onde era mais rápido carregar, não tinham problema de horário, tanto podia ser de noite ou de dia, a qualquer horário eles carregavam, isso pra nos causou vários transtornos por causa de rede^V. Nós se incomodamos bastante né, eu fui uma que tive que ir

atrás mais de uma vez, porque simplesmente a gente tava acampado colocava aqui as redes e no entanto eles vinham carregavam de noite e carregavam o que tinha eles iam levando junto e mais ainda pra ver que o problema é tão grave pra solucionar esse problema. A justiça não fazia nada, a gente tinha que ir no próprio depósito falar com o proprietário e o proprietário de comum acordo então entrava num acordo com a gente de reposição do material que havia sido danificado, que até então tu chegava numa delegacia antes registrar uma coisa dessas, ninguém dava bola^{VI}.

O que aconteceu com isso, eles foram cavando as margens do rio? foi caindo tudo para dentro foi virando aquilo foi virando o Rio do Sinos, e não era essa largura toda que é hoje. O Rio do Sinos não é, em todo o lugar que tu pesca a mortandade de peixe claro que foi afetado é maior ainda, o peixe do Rio do Sino é um peixe que não tem jeito pra vender aqui, não é toda a época do ano que tu consegue vender o peixe, porque é um peixe totalmente contaminado e tem o gosto no próprio peixe. Tu pode dizer pro pessoal assim: não, esse peixe não é daqui, se vê que o peixe é daqui por causa do gosto forte sabe é muito óleo na água, e chega na época que nem o verão assim que aparece boiando muita sujeira na água por causa da poluição muito grande. Vem tudo, não adianta tu querer pescar dentro do Rio do Sinos que tu não vende peixe. **Os pescadores aqui enfrentam problemas com a poluição, na hora de vender o peixe basta morar aqui para eles achar que é daqui e se for daqui ninguém compra é isso, então é claro que foi afetado o Rio do Sinos^V.**

Eu parei de pescar, faz pouco tempo, faz uns dez anos, mas eu vivi minha vida pescando. Foi por causa de um problema de saúde que parei, um pouco sim, outro não, para te dizer bem a verdade, o problema que me levou a tudo isso não foi a pesca, eu tive foi a meningite nos meus 33 anos. E esse problema não me deu mais condições, depois disso, foram aparecendo outros problemas, que com certeza foi da pesca, problema de coluna que a gente forceja muito essas coisas assim, mas na época não foi por causa disso. Então eu fiquei dependente de medicação para o resto da vida e por isso não me dão autorização para pescar^I.

Eu tenho um filho que é pescador, por que eu sou filha e neta de pescador. Eu tenho três e só um pesca^I. Hoje eu estou com 48 anos. Eu nasci, eu nasci, literalmente eu nasci em agosto em uma enchente naquela ilha ali na ilha dos

marinheiros, lá em cima a minha mãe morava lá então eu literalmente nasci. Eu devo ter saído da beirada do rio uns três anos durante a minha vida, quando meu pai era solteiro saiu por um ano e alguma coisa, e quando eu casei também fiquei um ano e pouco, um ano e três meses fora só e voltei.

Sou divorciada, e meu marido era marinheiro. Ele era da água também, já faz dez anos que nós nos separamos. Ele deixou de ser marinheiro e eu deixei de ser pescadora, porque cada um foi seguir a sua vida. Dos nossos filhos só um seguiu os pais, ele tirou a carteira dele com 16 anos, a carteira de aprendiz antes se dava aos 16 anos, e hoje ele ta com 28 anos e ele continua a paixão dele é a beirada do rio^I.

Eu me mudei para o Paquetá fazem 21 anos, me mudei exatamente pelo problema de não ter colégio para meus filhos. Na ilha, naquela época não tinha mais colégio, e o mais velho, já estava na idade de colégio com sete anos e eu precisava colocar ele num colégio, e foi assim que eu vim para cá porque aqui é mais fácil. E até hoje eu não retornei para ilha, mas aquilo lá é a minha paixão, eu não retornei para ilha por causa dos colégio dos filhos. E agora, como eu to no caso assim, com o meu mais novo já vai fazer 17 anos, e ainda eu tenho um neto que crio e continuei aqui, pelo menos por mais um tempo. São dois netos, só que um é eu que crio como filho e o outro não, o outro é deles, e um fica comigo. Ele vai fazer seis anos, começa a estudar o ano que vem.

A região aqui na verdade pertence a associação de moradores e pescadores do Paquetá, e eu deixei de ser sócia quando eu parei de pescar. Porque a Associação era o seguinte, até uma certa altura do tempo que não me lembro a quantos anos atrás, a gente podia continuar com a carteira só sem direito a benefícios. Sendo que eu já sou beneficiada, encostada no caso por esse problema de saúde, então não tenho direito a esses outros benefícios que nem tem a pesca quando para, hoje o pescador tem três meses de auxílio desemprego no caso (que é o defeso)^{IV}.

Quando eu pescava não tinha isso, eu cheguei a pegar uns 2 ou 3 meses do auxílio, mas quando eu me encostei eu até poderia continuar com a carteira, claro que sem esse direito. Então eu continuei por muito anos, agora faz uns 6 ou 7 anos que não pode mais, então agora eu realmente deixei de ter a carteira, ainda tenho só como lembrança, mas eu hoje já não faço parte até então sim era sócia.

Nossa estrutura aqui, até hoje é bem precária, aqui a gente vê mais no jornal do que propriamente aqui, aqui a gente escuta mais do que eles próprio aqui. **A colônia vem aqui digamos assim uma vez no ano, e assim nenhum órgão se interessou realmente pelo rio aqui. No Paquetá, veio lá um ou outro que olhavam uma coisa falavam sobre uma coisa, mas nada foi levado a frente. As coisas só ficam no papel, são só leis, o que tem feito mesmo é muito pouco^{IV}.** Não existe ainda aquela preocupação de resgatar de salvar o Rio dos Sinos, de resolver o problema, isso é mais que está só no papel mesmo porque eles só vem para o Rio dos Sinos quando dá uma mortandade de peixe, como deu.

Aquela grande sim, aquilo foi um pavor, foi o que chamou mais atenção a partir dali, então de vez em quando eles botam lá “estamos monitorando o Rio dos Sinos”, estamos isso no Rio dos Sinos, estamos aquilo no Rio dos Sinos e não é bem assim. Tudo continua do mesmo jeito, hoje os barcos realmente deram uma mudada, os barcos hoje têm horário para carregar, e não é mais em todas as áreas, as fiscalizações em relação aos barcos tão mais rigorosas. Nesse sentido eles melhoraram um pouco mais o restante ainda tem muito o que ser feito.

Eu agora me preocupo em criar meu neto^I. Meu filho mais velho que é o pai dele, e hoje é casado com outra senhora, mas na época a mulher foi embora, e a mãe dele, como é que eu te explicar, ela não tem muito jeito vamos dizer assim, para lidar com criança. O conselho tutelar tirou dela e me entregou, ela tinha uma vida livre, Há quatro anos ele está comigo, mas ele desde um ano a gente já tomava conta, eu já pegava um pouco para não deixar muito.

Ele me chama de vó, às vezes chama de mãe, só que chegou uma altura que a gente precisava contar, e a gente contou e ele entendeu bem na primeira sem problema nenhum. Eu disse se tu quer continuar me chamando de mãe tu chama mas, eu sou tua vó tu tem uma mãe, eu levei ele para ver a mãe dele, e ele aceitou numa boa dali para frente começou a me chamar de vó de uma hora para outra, não teve problema nenhum.

Tenho só filhos e netos homens e o trabalho é dobrado, tem o lado bom que eles saem, mas tem o lado ruim que eles não estão nem ai com nada, do jeito que eles entram dentro de casa eles vão largando. O meu mais novo ainda estuda, esse ano que ele termina. Ele ficou uns três anos praticamente afastado, na época da rebeldia. Nesse ano ele voltou para terminar, ele tirou um curso pelo Pronatec

[Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego] e terminou agora também. Agora ele está aguardando uma nova entrevista para entrar num outro. O próximo curso parece que é de um ano e meio dá tempo ainda. Ele gosta muito de trabalhar, mas como pescador não quer, e o outro mesmo que tem 22 anos ele não pesca de jeito nenhum e ele não come nem o peixe.

Quando tem enchente ficamos sem acesso de carro e transporte público, mas para nós que estamos aqui há tantos anos é o barco que usamos e não falta nada igual.

Aqui o movimento quando chega nessa época de calor, no verão, é muita gente que vem no Paquetá, aqui tem recebido muita gente, e tu sabe que junto desse pessoal vem muitas pessoas boas e muitas não tão boas assim. Então é tudo misturado, é claro que a gente tem o dobro de cuidado com tudo, até porque hoje em dia é tudo tem que cuidar. Não vou lhe dizer que atrapalha, não é questão de atrapalhar, é muito mais intenso tu tem que prestar atenção tudo, tu termina se preocupando mais. Que nem o menino, no domingo ele fica mais preso, já dá mais trabalho, eu não posso deixar sair. Aqui é um lugar de praia, mas infelizmente o pessoal bebe demais. Tem todos os riscos que tem em outro lugar: o movimento de carro aumenta.

O movimento de carro, é a bebida, a bebida você bem sabe. Meu deus o que a gente vê não é pouco, e tu sabe né que hoje em dia tem tanto, sempre teve, mas hoje em dia está mais aberto a tudo, então crianças tem que dobrar o cuidado. Eu não vou dizer que atrapalha porque tem muita gente que realmente vive do verão do Paquetá, que nem o pescador profissional mesmo aquele que vive do peixe ele aproveita o ano do Paquetá para aproveitar, porque ele vive somente do peixe, hoje não vive, antigamente parecia mais fácil até porque a vida não exigia tanto.

Não era tanto assim sabe, antes a gente vivia o que a gente precisava, comprava roupa uma vez no ano, calçado uma vez no ano. Não tinha gasto, tipo assim colégio que é quarta série, tá entendendo, geralmente o colégio é perto de casa não gastava dinheiro com a passagem. Não tinha nada disso então antes se vivia, com dificuldade, mais se vivia; Hoje não se vive por que a vida hoje exige mais, os filhos exigem mais da gente, então viver hoje do peixe não vive somente do peixe então o pessoal o que faz? Aproveita o verão até porque a temporada está fechada, não pode pescar, então eles aproveitam o verão pra trabalhar e no inverno eles pescam,

pescador mesmo, se bem que tem muita gente que não é pescador só tem a carteira. Aproveitam a oportunidade, a realidade é essa, pra quê? Porque existe um salário no meio o que favorece muito o pescador, mas favorece muito certas pessoas que não deveriam receber. Essa é a realidade entendeu tudo tem um porque tudo tem alguma coisa por trás.

Tem gente também que não tem condições de colocar um bar, tem gente que também não tem condições durante o ano, que tem família grande que não tem possibilidade de ter um bar, de criar um negócio para trabalhar e aproveitar o verão então necessita mesmo desse dinheiro. Porque se não a situação é pior do que no inverno entendeu e às vezes nem todos são favorecidos, por quê? Porque eles já não têm dinheiro para se sustentar, eles não tem dinheiro pra pagar uma colônia de pesca, para pagar um INSS²⁷ e hoje em dia tem que pagar a documentação do barco. Tudo isso é custo.

E tem muitos no Paquetá que não vivem, não botam nem o pé na água e vivem por quê? Porque eles tem meio de pagar tudo isso de manter uma carreira entende?

Quem trabalha com a pesca é isso, já cansei quando eu pescava, já cansei.

Olha que nós estamos conversando, de eu ter que recolher meu material porque chega pessoas que nem eu tô citando agora, colocar o material deles, eu também tenho carteira, se tu tem eu também tenho, tenho visto, tenho direito e não vivem disso eu a cansei de ter que sair, recolher o material, sair pra outro lugar e deixar o lugar pra eles que vem só quando eles tem folga quando eles querem descansar, tudo bem, mas eu digo que eles deveriam. **A fiscalização teria que fazer uma observação bem rigorosa, é necessária porque para esse tipo de coisa deveria ser colocada então a carteira de amador que dá direito a uma quantidade bem menor e não é isso que acontece todo mundo quer a profissional para ter direito a bastante “terreno”II.**

Ser pescador profissional te dá direito a colocar a quantidade de equipamento que tu quer, se tu tem poder aquisitivo menor tu não vai ter condições de colocar quantos tu quiser. Já o amador tem um limite para pescar, para quem é amador e não vive disso dá e sobra, mas porque que eles querem essa carteira? **Esse é um dos problemas que o pescador enfrenta que não é de hoje e não é só o pescador**

²⁷ INSS - Instituto Nacional do Seguro Social

daqui, todo o pescador enfrenta hoje, e eu já cansei de estar pescando e ter que sair do acampamento, ter que me levantar por causa desse tipo de situação, pois se tu continua, tu não vai pegar nada porque é uma rede em cima da outra quem é que pega? E ainda o risco que tu corre de não ficar com o teu material? Tu não sabe quem tá botando ali, você acaba tendo que sair para dar espaço para aquele que vem ali só descansar^{II}.

Outra coisa eles chegam no fim do ano e eles recebem não sei como, eles recebem 50 dias não pagam nada porque o dinheiro que eles recebem mantêm o custo não tem sobra e eles tem direito de fazer o que querem tem tudo isso e é bastante. O Custo são R\$ 120 reais e é por ano, mais a embarcação dependendo a embarcação chega de 500 até 600 reais ou mais por ano é na “capitania dos portos” que faz esse pagamento da taxa. Para poder conseguir um preço acessível tipo uns 300 e pouco a 400 reais de qualquer caíque tu tem que ser vinculada a colônia e através de um mutirão que eles formam dá pra sair por menos porque não passa disso a sinal mais tem que ser pago.

O quilo do peixe aqui no Paquetá varia de cinco a dez reais, as pessoas que conhecem sabem como é difícil aqui no Paquetá, às vezes a maioria dos pescadores do Paquetá vendem até por menos do que isso, mas eles nem falam isso porque se não a situação deles piora. A maioria vende para uma outra pessoa revender entre 10 e 12 reais.

Os pescadores do Paquetá posso contar um ou dois que vendem peixe deles, mas não aqui^I. Porque sai pra vender, porque o resto tudo é através de atravessador por causa do problema do Rio dos Sinos, o problema do Rio do Sinos é conhecido há muito tempo eles demoraram pra tomar uma atitude pra começar o trabalho, o problema se vem a muitos anos. **Só teria uma melhora se trabalhassem juntos, eu acho os projetos que eles lançam muito pobre, porque eles fizeram um padrão deles sentaram numa mesa e definiram e para mim faltou um pouco de estudo da parte deles para fazer um projeto mais concreto^V.** Vou te explicar até porque eu acho que o rio todo ta ficando sem peixe e isso é visível e todos os pescadores podem te dizer a quantidade de 20 anos atrás e a de hoje, então está ficando muito sem peixe.

Eles fizeram esse período da preservação das espécies porque chega no verão, no caso o nosso peixe eles usam para preservar quem piava né que é um peixe

que tá bem pouco mesmo a realidade é essa, tá sumindo e outras espécies que a gente nem tem mais visto sabe espécies de verão, mais desovam o peixe desovam o ano inteiro a traíra, o jundiá, pintado. Tem uma parte desovando no verão, mas tem uma grande parte que não tão ligando para isso. Quando vem as enchentes e o peixe vai para dentro do banhado e desova quando a água seca agora, passa uma rede passa um balaio como a gente diz para tirar a isca, vocês vão pegar uma quantidade grande de filhotinhos desse tamanho assim de traíra, de carpa, de Jundiá, e pintadinho tudo porque a desova é dentro dos banhados é a época. Eles fizeram como pretexto no caso para essas espécies eles tão cuidando de umas esse desfazendo das outras, o que não seria esse o certo.

O certo esse negócio da criação de peixe que nem uma vez eles conversaram com os pescadores. Acredito que alguma coisa nesse sentido, eles não chegaram a falar sobre isso acho que fico só no papel. Se pegasse só o pescador que vive aqui, pagasse por um ano ou dois, esse dinheiro seria mais bem investido para essas pessoas que realmente vivem da pesca^V. Acredito que um ou dois pelo menos que ficasse melhor, porque para voltar a ser como era antes ou parecido. Porque eles proíbem três meses algumas espécies, o que é piada, tem outros peixes, mas no caso do verão mesmo que eles preservam é a piava, mas na lagoa a gente sabe que é outras espécies e as outras que ficam no inverno.

Raramente houve reunião desse tipo muito pouca e eu tenho para mim que já faz uns três anos agora ou mais porque não teve nenhuma reunião, a uns 3 ou 4 anos atrás teve uma falou sobre esse projeto de criação, mas nada de concreto. Eles sentam numa mesa e falam vamos fazer assim e está tudo certo. Eles não vêm para beira do rio, não fazem um projeto e olham o que está acontecendo, é por isso que não vai para frente e não desenvolve, creio eu que esse é o problema. Porque o dinheiro todo que eles gastam para pagar esse pessoal que não pesca^V.

Pelo número de pescadores que tem em Canoas, que de pescador não tem nada, se for ver todas as regiões onde isso vai parar? Eu não sei nem calcular isso, se eles quiserem, eles fariam uma fiscalização mais vigorosa, se pagassem quem realmente tem que pagar e por mais tempo, se parasse a pesca um pouco mais, daria uma melhorada. Um projeto que favoreça realmente pessoas que não tem condições mais que eu acho que podia ser melhor aplicada melhor aprovada.

Eu moro aqui propriamente no Paquetá eu morava na rua eu morava ali, faz 22 anos, já tá aqui no caso sete aqui, mais na rua da prainha 22 anos. **Eu morava na reta que agora no caso a BR passa por cima, a estrada interrompeu é mais uma coisa que foi interrompida. Uma obra que eu acho que faltou, faltou alguma coisa. Para nós no caso foi boa nesse sentido essa, foi boa tipo assim é melhor para andar mas para nós não foi aquilo que a gente esperava. Porque a rua da prainha ela foi cortada no meio e não teve uma passagem para ela não ficou uma abertura digamos assim então um lado da rua da prainha ta pra la e o outro pra cá vai terminar no paquetá ai tu vai me dizer porque, é simples. Não pode se usar uma carroça não pode se usar nada bicicleta fica perigoso é uma coisa que fico mais perigosa e é aberto ali quem quiser te assaltar ai te assaltar, pessoa de a pé vai escapar por onde não tem, tu vai mandar mais uma criança não tem como pra nós não fico nem um pouco bom nesse sentido, sentido de segurança,, não fico uma abertura que nem tem pessoas que eu conheço nossa vizinha, vendia o peixe lá fora, já deu vários acidentes envolvendo carroças, envolvendo bicicletas, assalto eles não colocam pra não chamar mais atenção. Antes não se via tanto não é que não tinha mais não se via tanto que nem tá se vendo agora. Eu pra mim nesse sentido aí, eu mesmo às vezes preciso vir porque o ônibus aqui é uma tristeza, o ônibus aqui é terrível^V.**

Quando entra, fim de semana nem pensar é o horário deles né (piada) então já precisei descer lá em cima na Santa Isabel e vim de a pé eu hoje não tenho, já tive pra pessoas que aparecem aqui não não se lê depender dos ônibus ele não vende.

Meu guri que pesca sempre tem uma grande quantidade de bicho, ele é apaixonado, eu tenho mesmo porque eu gosto eu antes quando morava em outros lugares, eu sempre tinha bastante esse tipo de coisa por que eu era pequena e sim, e tem bastante. No rio tem lontra, um caso assim que nem hoje não, a água correndo em todo não, porque elas ficam no meio que tem aquele junco lá, ó safada lá, tu vê ela daqui ó e tem pelo rio dos sinos todo e em outros rios a lontra tem bastante, é um bicho que ninguém caça. Eu acho que não, ninguém caça uma lontra, ninguém caça essa é a verdade. Os outros bichos que têm caçador, quando se vai acampar até se vê esses bichos que nem a capivara, a raposa esse tipo de bicho a gente tem visto. Até teve uma época que estava mais escasso que agora, agora com essa água que deu a gente vê capivara aqui no sul isso não tinha visto a muitos e muitos anos e

aconteceu acho que ela estava perdida e apareceu aqui no sul, ele se assustou e voltou para dentro os guris tudo na volta bem capaz que ela ia sair.

Por sinal chega uma época do pescador contribuir para essa limpeza, quando não está na temporada de pesca, como não tem a pesca a maioria dos pescadores do rio dos sinos pelo menos do Paquetá fazem reciclagem “do rio”, diminui a água e as enchentes e traz tudo para dentro das terras, a água vem até aqui^V. A água aqui fica parado aí não leva e fica aquela esteira de poluição, e é grande. Se tu vê isso tu não acredita na quantidade entendeu? E não é só no rio dos sinos, na rua da barca tem gente que faz esse trabalho, lá no Berto círio tem gente que faz esse trabalho também, mais para cima eu não vou te dizer porque eu não sei, mas aqui todo mundo na época do rio dos sinos todo mundo trabalha com reciclagem, é uma pesca diferente é uma pesca diferente.

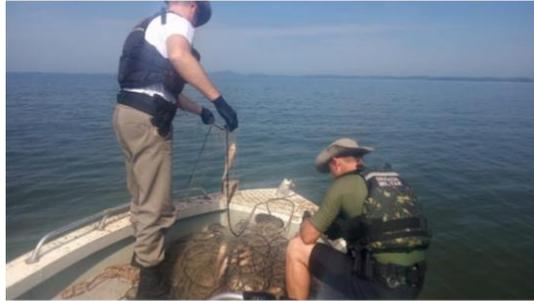
Do período da pesca eu até vou te dizer que eu já bati bastante, que eles usam a palavra proibido, eu acho que é uma palavra pesada que não deveria ser usada. Porque vou te explicar meu raciocínio: na época eu até bati de frente com o “presidente da colônia”. Porque assim existe coisas que tem que parar que são proibidas tipo malha de rede, tamanho de peixe, mas eu acho que eles deveriam ter chegado no pescador e falado tu vai perder isso, tu vai perder aquilo, vamos fazer isso, nós vamos fazer aquilo se te pegarem desse jeito. Eu acho que tinha que ter um trabalho e ensinar ele que aquilo dali vai ser melhor para ele, porque o proibido faz com que você faça escondido e continue acontecendo.

Se achar uma forma de trabalhar com ele, ele não vai trabalhar com o que é proibido, aquilo ali não vai acontecer, fazendo parceria contigo ele sabe. Ele vai assumir aquela responsabilidade junto. Como por exemplo a fiscalização na época da piracema, apreende material (Figura 13), apreendem porque tem muita gente que faz isso, apreendem material, fazem isso fazem aquilo, tudo bem que é proibido e não pode pescar. Você tem seus direitos disso, vocês têm esses direitos daquilo, vocês podem procurar por isso, podem até ter várias outras coisas envolvendo o pescador, porque aquilo não se torna necessário então vai chegar uma hora que ele não vai fazer porque ele não quer mais fazer. Então durante o ano todo se eles te pegam no rio durante o ano todo apreendem isso, apreendem aquilo ensina a isca pode até apreender mas ensina, tira fotografia, fazem aquela manchete toda desnecessária e o pescador aquele ali vai sair dali mais revoltado e vai fazer de novo.

Figura 13 - Matéria Pesca irregular SEMA-RS (dezembro/19).

Operação apreende redes de malha de uso proibido

Publicação: 10/12/2019 às 16h46min



Ação apreendeu quatro redes de malha com tamanho irregular, conhecida como malha predatória. Foto: Divulgação Sema.

Fonte: Matéria veiculada no período da Piracema no RS pela SEMA-RS.

Eu fui uma que já me revoltei já faz bastante anos pelo que aconteceu na época em que o IBAMA²⁸ era ali perto do grêmio pelo porto ali, era li para cada ponte um pouquinho e o guaíba né aí era ali e eu tinha colocado, na época eu ainda pescava, eu tinha colocado uma rede, olha como é que pode e o que eles fazem com a gente no rio. As minhas redes não davam trezentos metros e como a água estava baixa um barco passou e cortou a rede, quando um barco corta a rede, ela vem para cima e fica boiando. O IBAMA passou e recolheu as redes tudo, aí meu vizinho viu e disse: - Mosa eles recolheram tuas redes eles não roubaram, porque eu já tinha ido na delegacia e tinha registrado o roubo. Aí eu fui lá, cheguei lá eles me disseram tudo e mais um pouco, aí eu falei não, foi vocês e eu tenho prova que foram vocês que recolheram minha rede lá eu com a minha documentação. Me mostraram redes que não eram minhas, foram essas que nós tiramos não, não foi essas não são as minhas redes todo o pescador conhece as redes que faz, e foi daqui e foi dali.

Eu fui até a delegacia, fui na colônia porque tem advogadas lá, porque de acordo com a lei antes era assim, não podia cobrir o rio de um lado a o outro, tu tinha que deixar 30% de um lado aberto essa era a lei. Aí nós fomos de barco, meu vizinho Miro foi comigo aí de tanto se dizer foi vocês, foi vocês eles me apareceram com minhas redes. Acharam as minhas redes, mas bravos, entre tudo que me disseram o certo era eles. Um rio que nem aquele lá com 800 metros

²⁸ Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

de largura, uns 300 metros de rede não vão tapar. Tu sabe o que eu tive que fazer para eles entregarem as minhas redes? Concordar com eles e aceitar que a errada era eu^{VI}.

Dizer que eu estava errada, para eu poder pegar a minha rede de volta^{VI}. Como é que são as leis, para eu poder pegar as minhas redes, o miro e a maria juntos comigo, que eram testemunhas, as redes, a lei de um rio com mais de 800 metros como aquele é, lá eu tive que assumir aquilo dali, para eu poder pegar o que era meu, isso é o que revolta. Outra coisa nós usamos fatecha, que é como se fosse uma âncora. Quando a gente manda fazer a fatecha que segura as redes no rio, cada uma conhece as suas porque cada um manda fazer as suas, hoje eu não tenho nenhuma mais porque eu dei, depois que eu parei eu dei para o meu guri e meu guri deu, mas se eu ver uma das minhas onde estiver eu sei qual é.

Lá no IBAMA eu disse assim eu quero as minhas fateixas²⁹. **Mandaram pegar qualquer uma lá no monte. Eu disse não qualquer uma, eu quero as minhas, eu disse para eles eu disse não, não é tudo igual cada pescador conhece, aí eu vou pegar as fateixas do vizinho e faltou as redes do vizinho aí fui eu que peguei^{VI}.** Me encheu de desaforo, resumindo, eu peguei sete fateixas três minhas, quatro dos outros. Eu peguei as quatro e vou te dizer uma era do meu pai das redes que o meu pai achava que foram roubadas, cheguei aqui e falei para ele uma era do meu tio pingo aqui das redes que foram roubadas que eles recolheram e as outras duas eu entreguei a outra não apareceu e eu não sei de quem é. Resumindo roubam muita redes, mas cuidado com o IBAMA porque se eles vêem uma boia eles levantam e se a rede é boa eles levantam e ainda tu ta errado, eu te digo que aconteceu comigo e o que eu estou te dizendo tive que fechar a boca, assinar o que eu não tinha feito para poder rever as minhas redes de volta e nada foi feito.

Uma rede hoje é cara, um pano, às vezes nem pode comprar a rede pronta tem que terminar ela. Compra o pano e o restante termina em casa, trinta metros na casa, está na base de cento e poucos reais nas casas de pesca. Agora o que que tu faz para redes sair por menos? Tu compra tralhas que são a parte do fundo, a corda normal, a boia tu mesmo coloca e tu entrega. Tem que comprar o pano só pronto mesmo e tu mesmo e tu faz o restante todo na mão. Mas se tu pagar hoje para fazer

²⁹ âncora artesanal.

uma rede sai na base de 500 reais. Já o espinhel é mais barato, mas também tu não pode comprar pronto, um espinhel pronto tá na base de 50 a 60 reais, cada espinhel com 50 anzóis, na teoria até vende com 20 a 30 nas casas não obedece muito o padrão, dos pescadores é com 50 anzóis, mas eles fazem, eles compram a corda e os anzóis e fazem os espinhel.

Almir Oliveira Lopes (Miro)

Pescador e comerciante de peixes.

A gente pesca com compromisso, a gente não para um dia, é todo dia 6 horas ou 7 horas está ali, eu vou parar só sábado. No sábado encerro para descansar até segunda e segunda eu recomeço. É um compromisso que a gente tem né, eu já trabalhei em firma, já pinteí, já fui chacareiro mais não adiantou nada a gente é acostumado a essa água aí, a gente já foi embora pra tentar em outro lugar, mas não deu certo. A gente volta, o cara sente saudades daqui, já fomos até plantar laranja em Taquari, mas não deu certo, a gente sentava de tardezinha e via aquele sol amarelo descendo o chimarrão e lembrava do rio.

Eu sou natural daqui e isso aqui era mato!, a praia do Paquetá mesmo não era aqui era lá do outro lado, então lá foram fechando porque foram criando plantação de arroz e ai começou a cortar o acesso das pessoas aí começaram a vir para cá, nós já morávamos aqui aí o pessoal começou a entrar e a abrir para passar carroça, bicicleta, o pessoal foram abrindo e começaram a vir carro, trator. Tinha uns “figueirão” que tapava a rua, tapado de taquara. Aí começaram a entrar, o pessoal começou a cortar e abrir buraquinho ali para pescar, o outro já começou a fazer porto de casa e a gente não vai estar se incomodando. Por causa desse “eucalipto” ai eu quase morri uma vez, chegou uma família com as crianças, todos deitados debaixo da árvore a o cara me assando churrasco de baixo do buraco da árvore. Eu cheguei nele e falei – bah que coisa boa fazendo churrasco deitado debaixo de uma árvore, mas olha o que o senhor está fazendo, você está matando essa árvore senhor você não está vendo, essas crianças vão precisar dessa árvore, mas se voltaram contra mim homem eu tive que correr.

Já deu gente de tudo que é lugar que visitaram aqui e ficaram a semana aqui acampado, não sei se era do São Paulo ou Uruguai aqui, eles viam acampar e ficavam. A gente já morou naquele sitiozinho lá na frente bem na ponta lá, aquilo ali era um mato de taquara daquelas taquara bambu então a gente cuidava pra um senhor que era lá de São Paulo que era o dono daquilo ali, meu pai trabalhava pra ele a gente ia lá e limpava e eles foram terminando também ali.

A primeira casa que eu morei aqui foi um “rancho de capim” sabe o que é? Um rancho de capim ele é tapado todo de capim e coberto para os lados, a gente morava

nesse rancho assim de chão batido, eu me criei naquilo e não tenho vergonha de contar, e era muito bom. Era o que o meu pai tinha para me dar, eles puderam criar nós assim então estamos felizes assim. Nos criamos graças a deus e estão tudo aí com saúde e bastante saúde e graças a deus. **Nasci me criando e bebendo essa água do rio, mas hoje eu não posso, se eu tomar uma caneca daquela água do Rio dos Sinos eu vou parar no hospital por incrível que pareça!** Acredita que a Petrobras quando eu era guri eles jogavam todos os resíduos para água, então o rio amanhecia preto de piche, e para nós beber a água, porque não tinha outra, nós pegávamos o balde e abanava aquele piche e bebia.

Eu nasci aqui em Porto Alegre na Santa Casa, eu acho que o único hospital que tinha naquela época era o Santa Casa!, acho que o primeiro hospital que se criou em Porto Alegre foi o Santa Casa. Na época o meu pai fazia reparte de leite e nessas ilhas grandes tinham muito latão de leite, tinha muita criação de gado e nessa beira de rio tinha muita plantação de milho, repolho, moranga onde saia esses negócios era dessa beira do rio Jacuí que o pessoal plantava muito para se viver, tinham muitos que não pescavam, tinham terra e plantavam na beira do rio, eles levavam para praia de belas, porque o mercado era na praia de belas, então o pessoal carregava tudo de barco e meu pai trabalhou muito tempo com isso aí.

Meu pai trabalhou muito fazendo transporte, carregando essas verduras, eu sei que ele trabalhou muitos anos carregando milho verde ali pro mercado aqui na beira da praia. Nós éramos 11 filhos, mas perdemos uma guria e ficamos em 10. eu perdi uma guria aqui nos cantos da prefeitura, na época eles vieram fazer um poço aqui para nós, aí trouxeram aqueles canos grandes e ficaram muitos anos aqueles canos atirados e poço nada e as crianças iam para brincar naqueles canos e se bater um no outro e se demoliu um e caiu em cima de duas crianças. Era um primo meu e uma irmã, até colocamos um processo na prefeitura e nós ganhamos e eles pagaram e ficou tudo por isso mesmo, mas tinha morrido duas crianças.

Agora melhorou bastante, fizeram bastante melhoras, depois que o Paulo assumiu a associação melhorou bastante pelo menos pelos direitos da gente que é pescador. **Ele procura, na colônia de pesca se precisa ele vai lá e caminha e a gente está sempre procurando. Antes a associação era fria, dava um dava outra era uma chafurda sabe, a gente não tinha um negócio quente, foi passando para um para outro mais agora essa associação ai ela tá registrada e tá quente. Eu**

vou dizer bem a verdade, eu não vou muito nesses negócios, o Paulo quando tiver que ir o Paulo que vai, se tiver uma praia que tem uma reunião com os presidentes pescadores ele vai eu quase não tenho tempo, vivo trabalhando^{IV}.

Eu me criei no Rio dos Sinos^I, foi o rio que eu mais pesquei e a gente sentiu muito quando deu aquela morte de peixe, ficamos uns dias sem pescar porque não tinha como pescar já que estava envenenada a água. A gente sentiu muito sabe, o lugar que a gente pescava morreu aquela “peixarada” e a gente demorou um pouco para poder pescar novamente, mas era relaxamento desses caras da firma para eles se morrer tudo é lucro porque eles não tão perdendo nada, eles querem é ganhar o deles o que vai acontecer ou não vai eles não querem saber porque eles tem, os pobres que vão minguando se quiser.

Eu espero que tenha o rio para pescar, porque isso aí teve desde o começo do mundo então eu acho que nunca vai terminar. Pescador mesmo, na época tinha mais pescador aqui, **tinha uns quantos e agora pescador mesmo tem poucos, meu pai, meus tios eram tudo da pintada, lá da colônia de pesca tinha bastante pescador e morreu tudo e os filhos mesmo poucos pescam, metade começaram a trabalhar e estudar^I.** Dos meus irmãos, só um além de mim, o resto tudo trabalham, tem um que planta, um que corta capim mas quem vive de peixe mesmo sou eu. **Aqui do lado meu irmão ele corta, ele pesca, mas ele corta um “capinzinho” para ajudar, não dá lucro, mas eles vem buscar aqui os caras vem buscar, a gente vem quase todo dia eles vem buscar^I.**

Depois que fizeram essa faixa também melhorou bastante, o pessoal vem pelo acesso, antes que não tinha acesso para vir, não vinha Canoas, não vinha pra cá, agora não, tá tudo em casa entendeu. Para vir de Sapucaia tinha que fazer a volta por toda Canoas para vir aqui, com esse trânsito de Canoas, não vinha, nem saia de casa, agora é uma beleza, saiu ali tá aqui entendeu, é uma maravilha. Dizem que projeto do prefeito, diz que melhora, diz que vão da uma melhorada aqui, ajeitar, vão botar uma rua melhorzinha.

Aqui melhorou, mudou bastante, até a gente quando vai sair daqui, não sabe para que lado ia, para lá ou para cá. Ficou muito bom, nós vamos de carro tem um trilho no meio e vai até Canoas ficou muito bom ali. Melhorou para o comércio, para gente também, deu uma melhora boa, antes entrava pouca gente, era muito ruim a rua, tinha que fazer uma volta grande, agora que tá, quem vem de Berto Cirio, os

fregueses são da Berto Círio, vem lá do Caju, vem lá do Caju buscar peixe aqui, é vem de lá buscar peixe aqui, eu tenho vários fregueses que vem de lá aqui. Agora eles me dizem que é uma beleza, eu venho e atalho aqui e ali e estou na tua casa, é ligeirinho, de Sapucaia também, os fregueses que vem buscar peixe também.

O peixe dura, eu deixo dois freezers de peixe, eu deixo reservado e eu fico tranquilo eu só fico atendendo os clientes. Eu pego de tudo ai que é de água doce, pego Pintado, Jundiá, Traíra e Grumatã. Grumatã é um peixinho que ele dá bastante, mas ele é um peixe, ele é bem ruinzinho, só em filé para comer ele. Eu trabalho ele, eu tiro o filé dele e depois eu ainda, limpo para não deixar espinha, tem gente que não sabe fazer Nem quer saber, entendeu, porque é pura espinha, se trabalhar fica bom, dá até para criança comer que não tem espinha entendeu, corta tudo.

Agora eu tenho problema na coluna, e estraga tudo, meu irmão trabalhava comigo, ele me ajuda eu dou uns trocos para ele, ele que puxa pra mim, eu não consigo mais e é tudo da pesca! Esses dias eu tive ruim, em novembro, dezembro e janeiro eu tive deitado nesse galpão e não pude nem levantar, caminhava ali e tinha que ficar me encostando pelas paredes, porque eu caía. Eu queria me encostar para descansar um pouco e os cara não quiseram nem me olharam, eu disse tudo bem, deixar mais um tempo eu vou me aposentar, eu me aposento e vocês vão se ralar.

Como pescador nós temos direito com 65? Com 60 pode ser que nos aposente, pelo menos foi o que o presidente da colônia falou. Estou bem estourado já, não vou mais correr atrás, vou deixar, por enquanto eu vou, não posso me entregar. Tenho mesmo as minhas pescas são só com remo, eu não gosto de colocar rede com motor, não, até é bom para mim.

Antes o médico te colocava na cama, ele te olhava, te apertava, falava, agora não, é só, eu fiz o exame da minha coluna, era para bater o exame aqui, sabe onde é que eles bateram? O exame aqui. Cheguei para mostrar para o especialista, ele disse, mas eu pedi para baterem aqui da parte de cima, eu sofri para bater aquela eco, eu não conseguia ficar naquele negócio, me esforcei para ficar naquele negócio e para mostrar o negócio para o médico e ele só podia me dar remédio assim, cheguei lá e bateram errado. Rapaz me deu uma raiva, a gente, eu não sou desse negócio de guardar raiva, na hora eu fiquei louco, eu disse, mas como, se eu pedi para tirar do pescoço e do meu ombro, mas é um inferno bater aquilo, eles botam o cara em um tubo bem apertadinho, eu fiquei sem ar, eles queriam me dar remédio para dormir,

mas não consigo, fiquei bem nojento, dizem que a pessoa fica ruim com aquilo, eu disse não. Eu tenho problema de pressão alta, minha pressão é sempre alta, eu vou tomar um bagulho desse, vai me dar mais problema ainda, eu disse, não, eu vou fazer na coragem, vou aguentar ai dentro.

Somos da Assembleia de Deus sim, nós somos Evangélicos não tem nada a ver com religião, eu só acredito em um só caminho certo, o cemitério, Eu só acredito em Deus, eu posso até morrer, mas eu sei que a minha alma está limpa, o meu coração é limpo, por amor de Deus. A gente participa da festa da água é a Nossa Senhora dos Navegantes, tem a igreja aqui, a Assembleia de Deus a gente foi batizado mesmo na igreja Deus é Amor. Há uns 15 anos a gente seguia essa igreja Deus é Amor, depois ficou lá para fora, ficou muito ruim de sair daqui, de carroça de noite, tínhamos os filhos criança ainda, na época estava meio perigoso nessas banda. A gente ficou parado por um bom tempo, agora que surgiu essa igreja aqui, a gente começou a ir ali sexta-feira a gente vai, domingo vai, eu gosto de Navegantes não tem como a gente sair daqui porque ela passa aqui na frente!

Na Procissão de Navegantes fica cheio aqui, **por isso aqui tinha que ter um galpão para associação fazer umas festas de seis em seis meses. Fazer umas festas para os moradores tudo, unir para ganhar até fundo para associação. Ter um terreno, um galpão só para associação dos pescadores ou fazer um almoço para os pescadores. Não precisa ser para ganhar nada, porque se ganhasse fundos para associação se um dia uma pessoa precisasse tinha o dinheiro guardado como tem. Eu queria ter uma sede em função dos pescadores, fazer uma festa ou um peixe assado exatamente como tem a colônia de pesca lá em Porto Alegre^{IV}. Eu acho que lá em dois ou três meses eles fazem uma festa ou um bar. Para ter um fundo para associação se tiver uma pessoa doente que é pescador para ter uma ajuda para aquela pessoa. Eu estava conversando com o Paulo isso um tempo atrás.**

Eu não estudei, porque na época que eu me criei só tinha um colégio, não, aqui dentro dessa ilha, mas só tinha um acesso que era de barco entendeu, às vezes ia para o colégio um dia e ficava uma semana sem ter aula. Se tinha como o professor vir, o professor vinha, às vezes ficava dois ou três meses sem o professor vir. Ficava todo aquele tempão sem aula e a gente trabalhou

muito quando era novo, hoje ninguém reclama, era ruim, mas agora está uma maravilha! A senhora vai ali e faz qualquer servicinho que já está com dinheiro no bolso, não trabalha quem é vagabundo porque serviço tem de montão pode qualquer coisa que tu quiser, para ganhar dinheiro, antes quando eu era mais novo não, era difícil, era brabo, pra ti comer tu tinha que trabalhar mesmo e lutar por que se não tu não conseguia. Os meus pais eram pobres, pobres mesmo nós ajudávamos eles, depois que nós passamos para cá que minha mãe começou a trabalhar nesse posto as irmãs, ela trabalhou 16 anos daqui “a pé” lá em Canoas ela ia todo dia a pé de madrugada para chegar lá.

Minha mãe tinha 10 filhos, tinha que fazer bastante força, para comer aquela polenta. A gente trabalhava com 10 anos para comer arroz, nós íamos a luta pra ajudar eles, a gente fica cortando arroz e na época era tudo braçal não tinha esse negócio de máquina, era tudo carregado com carreta de boi, trilhava o arroz e era colocado um garfo para dentro, hoje a máquina só falta descascar o arroz e deixar prontinho. Já nós temos seis filhos!

Se não estudar é porque não quer homem, o governo paga tudo, eles dão cartão, dão alimento, dão tudo, hoje tu não estuda porque não quer, porque não se interessa em estudar. Tem tudo, o governo dá tudo dá curso de graça, dá curso para isso, curso pra aquilo é só a pessoa ter aquela vontade de estudar. Se eu tivesse naquela época esses recursos eu teria. Eu queria ser um militar no meu pensamento e eu cheguei a entrar com a roupa de militar, mas não consegui porque não tinha estudo. Eu queria servir porque eu tenho um parente meu que é capitão do quartel e eu tentei ir lá, mas ele disse que não podia fazer nada porque os outros não deixavam. Eu cheguei na porta e sai para fora porque não tem estudo, o que que eu vou fazer? Vou ficar bravo com aquele cara? Não, vou trabalhar, vou fazer outra luta.

Eu não fico bravo, não fico bravo, não vou pôr a culpa nos meus pais porque eles não fizeram força para me botar, não, não tinha como ser. Então a gente tem que se contentar com isso, graças a deus eu não tenho estudo mais eu tenho educação, tudo o que o meu pai me deu foi em educação, ele me ensinou filho é assim, não rouba nada de ninguém que não adianta, isso vocês nunca faz. Graças a deus nunca mexi em nada de ninguém e tenho educação para tratar as pessoas bem, e nunca passei fome, sempre trabalhei, sempre tive o meu dinheiro e sempre sobrou e com aquilo lá que eu vou trabalhar eu fui bem-vindo, não é porque tem não estudo que eu

vou meter os pés pelas mãos, não, nada disso ai tem muitos que tem muito estudo e estão atrás das grades lá, tem estudo para ser um advogado ou um doutor mais estão atrás das grades. O que que adiantou aquele estudo? Não adiantou nada o pai forçar o estudo e o filho estar lá atrás das grades, eu já estou cansado de ver na notícia.

Digo isso para os meus filhos, hoje eu tenho uns filhos abençoados porque não tem vício em drogas, eles estudam, eles trabalham e sempre digo para eles não fazerem nada errado que não adianta eles roubarem que não dá camisa para ninguém, vocês podem ver esses caras roubarem que são traficantes, isso, aquilo, tu vê a vida deles que eles estão passando, se escondendo, dentro da cadeia e quando morre fica tudo para os outros de que adianta isso. Nós temos que se dar bem, Deus pôs a gente na terra para conviver em paz. Nós somos pó e cinza, a hora que deus quiser ele vai dizer olha vai, não adianta a pessoa achar que é mais que o outro, que quer ser isso, quer ser aquilo não adianta, isso fica aqui na terra, tu vai viver bem porque tu trata, tu conversa, o que tu “caminhar” aqui na terra bem tu vai colher bem se tu “caminhar” coisa ruim tu vai colher ruim.

Tenho uma guria que trabalha com reciclagem, mas é a prefeitura que paga ela. Não ganha lucro, elas ganham da prefeitura a gente tem que cuidar do nosso rio, é bom ter um levantamento, esse projeto que eles estão fazendo aqui ele vai longe. **O rio não fica pra ti, ele vai pra outros lugares e vai entrando e vai entrando e no fim vai longe porque o pescador, na época o pescador ele era esquecido. Teve um prefeito disse em canoas aqui não tinha pescador. Ele disse que não tem pescador, pescador tem aqui há 50 anos^V**, eles nunca procuraram saber, nunca teve levantamento. Agora esse momento que o governo deu esse recurso para os pescadores de “emprego”, isso aí foi procurado mais e teve levantamento. Já teve vários aqui fazendo levantamento e procurando, a Ulbra, e Unisinos eles estão procurando mais porque nós não podemos deixar morrer essa água, aonde morre os nossos rios o que que nós vamos conviver com os nossos filhos.

Claudiomir Oliveira Nascimento (Nego)*Pescador artesanal.*

Nós viemos para cá em 98, e faz uns dez, onze anos que eu moro aqui. Antes a gente vivia de aluguel. Eu já vinha para cá, mas pescava de vez em quando, não era direto. Direto mesmo mas uns 6, 7 anos. Eu fiz a carteira, tudo, carteira, documento de barco, seguro isso a gente tem tudo e antes eu trabalhava de motorista¹. Nessa casa aqui não tem que pagar aluguel. O aluguel aí para cima, tu vê os preços por ai é um absurdo, para trabalhar para pagar um aluguel, hoje em dia eu acho que não tem mais condições de um só trabalhar. Aqui tem gente que só fica vamos supor, a temporada aqui e eu tinha essa casa aqui, na realidade eu montei ela em 98 para ninguém, mas era para mim vir pescar, todo final de semana, e já estavam dando importância para invasão, aí já tinha essa casa do lado aqui, e eu montei essa aqui aí foi indo, foi indo, acabei ficando. Já tinha como viver aqui, foi só fazer um aumento na casa.

Onde mais vi peixes mortos foi ali com o Rio dos Sinos ali, não atingiu tanto aqui foi mais ali para o lado, não foi muito para cá. Atingiu bastante que até ali, se passasse pelo rio via os bichos boiando. Aqui atrás aqui, não sei se vocês conhecem a Bianchini³⁰ aqui ali tinha muito peixe também, eles vendem, e com falta de ar. Eu estou pescando mais ali para o lado do polo petroquímico, ali, vou até Charqueadas, são Jerônimo ali aqui para baixo que a gente chama de curadinho, que é ali para o lado da lagoa também e vários, e que daqui a gente pode se locomover para tudo quanto é lado, não envolve carro não envolve nada.

Sempre tem um ou outro que vai junto é que às vezes o peixe é bom em algum lugar, e que as vezes sai fala “ó eu to indo para tal lugar” aí larga o barco dele e já vai junto, ou vai dois barco ou três. Quando eu vim para cá eu não precisava, eu largava a rede aqui na frente e depois vamos supor se eu largasse de noite no outro dia de manhã eu recolhia e não precisava mais, só largava na noite de novo com rede e espinhel. Agora para pescar tem que ir a luta longe e que isso tem que ter algum bico por fora. Não é só do rio, só do rio mesmo ninguém vive ajuda bastante, mas um bico por fora a gente tem que ter.

³⁰ Empresa que atua no ramo industrial de extração de óleos vegetais situada em Canoas/RS em área vizinha a Praia do Paquetá. Disponível em: <http://bianchinisa.com.br/>. Acesso em: 27.fev.2020.

Eu consigo vender meu peixe, muita gente vem aqui e pega direto aqui algum a gente leva, só algum amigo que “a tem peixe aí?” “tenho”, “então traz aí” para uso de casa. As vezes vem um por acaso, mas não é sempre o pessoal já vem, tem gente que deixa reservado “quando pegar deixa ai pra mim” e mesmo assim, eles já têm conhecimento da família.

Eu sou fiscal da associação daqui, cuido para não invadirem mais cuida, um se comunica com outro e assim vai indo, mas o Paulo que é o Presidente, e a gente se encontra na temporada de pesca, eu saio as vezes eu passo o domingo de noite, até sábado, eu vou no outro e volto sábado, pelo mato depois tu retorna, não tem como a gente tá direto. Fomos só em reuniões, em várias, para discutir esse negócio de lugar, carteira, de pesca muitas carteiras aí foram anuladas, também do pessoal parece que não era pescador, moravam aqui, como pescador, e não era, aí o que eles pegaram eles anularam tudo^{II, IV, V}.

No verão no domingo isso aqui parece uma praia de mar, mas é para dezembro, quando o rio ficava mais baixo, vocês olharem daqui de casa parece uma praia de mar, isso que a água é poluída. Largaram lá em cima, bem a verdade, poluição assim de tipo boiando a gente não vê aqui e nessas enchentes quando sai tudo, nesse banhado aqui atrás, poluída, poluída a água não tem, só para fazer um exame na água para ver porque o pessoal toma banho direto ai, nunca ouvi dizer que alguém morreu por causa da poluição, só morreram afogado.

Eu tinha uma dúvida, porque queriam nos tirar daqui? Porque a princípio a justificativa é a enchente aqui, acho que a prefeitura contratou para ver aqui, estavam medindo as ruas aqui que a intenção deles era levantar 80 cm a rua. Era para diminuir as enchentes aqui. Eu até falei que era para dar uma aterrada, deviam ter dado, mas não sei de mais nada e eles não falam nada também.

Sobre esse negócio de projetos para o Paquetá, eu soube de dois ou três, só que não sei como é que funciona, parece tem que alguma empresa comprar o projeto. A prefeitura em si parece que não bota dinheiro. Uma empresa que que todos os anos eles tem que aplicar em meio ambiente^{II, V}. Eles tem que comprar o projeto para fazer aqui, não sei se vocês tão ciente dessas firma grande para trazer para cá da Bianchini, aqui até o meu guri participou, eles pagaram dois dias ou três para eles ficarem lá, contando quantos carros passavam. Eles disseram ali que dá no mínimo 400 caminhões é eles queriam contar ali para ver o trânsito, o

fluxo dos carros ali para ver se suportava 400 caminhões, sabe eles começam esses estudos vai um ano ou dois para ver se pode vir ou não é isso vai longe.

Eu já estou com a idade bem avançada para fazer outra coisa, eu não, não me vejo fazendo outra coisa. **Pescar é uma coisa que eu gosto, gosto mesmo então não tem, eu, por mim, eu fico por aqui mesmo até eu morrer. Os meus filhos estudaram, até uma que mora aqui do lado ela tem curso de cabeleireira, ela trabalha num salão, a minha outra e mais nova, ela tem 16 anos!**

Para ela estudar está sendo uma briga, ela parou de estudar e a gente está tentando fazer voltar, ela me pediu para ir lá fazer a matrícula dela, fui lá fiz e parece que ela não está indo de novo, é essa que casou cedo. Essa pequeninha e um outro gurizinho, também que é adotado e tem mais o meu filho que mora aqui nos fundos com a mulher dele. Meu filho coitado não está comigo agora, não acho que ele tem que ficar direto aqui, quero ver se ele faz o curso no SENAI³¹ quero ver se ele segue outra coisa.

Eu estudei até a sexta série e sempre gostei de mato! Meus filhos que não estão acostumados, nem ele que pesca está acostumado que nem eu a ficar no mato, eu já to acostumado, de antigamente entrar no mato cortar lenha. Para eles e que não dá, eu até falei para ele fazer um curso e ver se segue algo que goste.

Eu nunca fui assaltado, mas já soube de outros e até os parentes meus aqui foram assaltados uma vez aqui atrás do Bianchini. Assaltaram levaram o barco e levaram tudo e deixaram eles amarrado, ele conseguiu desamarrar, conseguiu atravessar o rio e me ligaram aqui. Eu fui por fora aqui até a Bianchini para pegar eles, e o barco nos achamos ali no Rio dos Sinos foi aquele pessoal daquela vilinha que tem ali atrás, a vila sapo, mas tu sabe que em tudo quanto é lugar tem não adianta onde tu for morar, tu vai achar que não tem, é mentira sempre tem e assaltam, assaltaram também aqui, mas que eu soube mesmo foi esse assalto.

Para ir a porto alegre são dez minutos por aqui. Eu tenho como parar ali no IBAMA, tem a polícia federal, a gente deixa o barco ali e desce. Alguns lugares, para ir na cidade tu pode ir por água ou tu vai por terra, as vezes é mais perto por água, a gente é acostumado pelo rio direto. Não adianta, porque se eu fosse pegar um ônibus e sair daqui ir até o centro pegar o trem, enquanto eu estou esperando o ônibus aqui

³¹ Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

e já estou em Porto Alegre. É normal no mesmo lugar onde sai o catamarã é ali tem uma rua, tu tem a polícia civil, a brigada e a polícia federal no rio tem IBAMA, brigada a, polícia civil, federal e mais a capitania ainda. Eles podem fiscalizar o barco, ver se tem alguma coisa dentro sabe, alguma coisa de, pedir documentação é a capitania só. Documentação do barco, a nossa não é qualquer um que pode pedir a carteira para nós, só do barco é a capitania.

Comigo nunca aconteceu, de tirarem rede assim não, já tive várias vezes roubada, porque tu larga, porque tu larga muito longe, não tem como a gente ficar a noite toda acordado cuidando, ai tu levanta no outro dia vai pegar e quando vê procura uma duas vezes se não achar pode ir embora que já foi.

Para fazer a rede a gente compra o pano pronto, sai barato comprar o pano, aí a gente bota chumbo, a boia, se vai comprar pronto mesmo é muito caro, tipo a gente entralha as vezes a gente faz com o feito aqui. Para isca usa minhoca, caquitão, pau podre, carvalho podre do meio do mato, e quebra tem medo de quebrar e caquitão que a gente chama e várias isca da para fazer uma massinha. Tem várias iscas eu a gente faz lá na ponta aquela lá é o anzol puro lá consegue a sardinha pegam, a sardinha e que brilha, o brilho do anzol acho que ela, ela pega, agora aqui não, se não botar isca a Piracema.

No período da piracema a gente não pega, quer dizer como que eu vou te falar, eles marcaram esses três meses, mas tem peixe depois disso, não é muito mas tem, jundiá que a gente pega, traíra também, mas só quando abre. Quando tem poluição não tem como, muitas vezes de um dia para o outro, que pega na noite, já recolhe com o peixe e já está morto. Ele fica preso, não tem como soltar ele sim eles não conseguem nem respirar por isso tem que tá se mexendo, se não tão se mexendo falta o oxigênio e eles morrem.

Eu coloco meu barco mais para frente, porque aqui nós somos os primeiros a entrar agua e os últimos a sair. Quase que se vocês viessem a dois dias atrás aqui nós estávamos com água naquele barco grande, aquele barco tem 12m, daqui tu não vê, tu não diz que ele tem 12m, é menor, o barco encosta aqui. Tem 12 metros aquela parte que era mais alta, quando eu vi de uma hora para outra encheu e eu não consegui tirar, teve que colocar para cima da balsa para conseguir tirar o carro. Estamos cientes, que dois três meses por ano é isso, estamos acostumados e nos

preparando para do ano que vem. Só uma vez que ficou cheio seis meses nós entramos janeiro, isso faz uns seis anos atrás, ficou até fevereiro com água geral.

Essa cheia pegou mesmo, entrou verão e tudo cheio de água foi geral, até a saída lá, há uns seis sete anos atrás. Minha mulher se preocupava com a água e a gente acha que não vai encher de uma hora para outra está cheio. Olha dependendo do vento, essa época agora eu não sei se já está na época de rasa, só no mês que vem nessa época que dá um vento sul forte agora que em duas ou três horas já entra e quando está seco, mas aqui assim a gente leva até onde o ônibus pega ali e se estiver muito cheio eu não levo, já estão acostumados já, se criaram assim.

Para acontecer problema de afogamento aqui só com gente de fora, pescador nenhum, e só gente de fora mesmo. O pessoal se passa quando está raso, eles vão indo, tu entra uns 100m para dentro, com água aqui assim na canela, mas quando tu passa cai num buraco. Esses buracos são da extração de areia. Quando eu vim morar aqui já não estavam tirando mais areia e eles estão tirando e em São Jerônimo, e em Charqueadas é porque tiram além sabe, não onde eles estão, bota além disso é uma demarcação que eles têm para lá

O bom é se vocês tiverem que vir aqui nos domingos, se tiver um sol bem bom um domingo vocês vêm aqui. Ontem estávamos com o pessoal da prefeitura. Porque agora, duas vezes a última vez o prefeito foi, da boca do prefeito mesmo, ele disse que ia ver, só que isso aí tinha que ser ele mesmo, da boca dele que tinha que burlar as leis para dar a escritura aqui, terreno para cada morador e fazer a escritura, mas não foi falado nada ainda.

Aqui é invasão tudo, a preocupação é tirar a gente. Já pensou onde que eu vou enfiar três barcos? Eu não tenho certeza se podem nos tirar ou não e esse é o nosso único problema, saber se vão ou se não vão mexer com a gente. E avisa não, eles não falam nada para gente nós somos os últimos a saber quando vê tão chegando aqui e "tem que sair, tem que sair"^{II, III, V}.

Para ter barco tem três modelos de licença. O meu primeiro barco já é registrado e eu já prefiro deixar ele parado do que alugar para o pessoal aqui. Eu uso mais a lancha agora, do que aquele barco, eu e meu genro saímos para pescar, só que a lancha a gente leva no reboque atrás naquele barco grande e é mais para viajar, aí a gente chega no local e se vira. Não deu para comprar um barco, mas uma hora

eu consigo. A barraca a única coisa que eu vou dizer para vocês aqui que é difícil e vocês não venham aqui em dia de temporal se não está tão acostumado.

Eu peguei um temporal aqui que levantou tudo, toda aquela área ali no banhado, meu telhado sumiu e não foi só uma vez, até minto, uma vez eles me deram 15 telhas. Quando está com enchente não só ficam só monitorando a água é porque a primeira coisa que eles fazem é cortar a luz. Todo mundo fica louco se demorar para religar, vamos supor, mais de dois dias, pode jogar tudo fora que a gente tem. Ficamos mantendo tudo com garrafa de água de gelo e água, mas demorar, o peixe já está congelado ele vai descongelar é mais fácil botar fora.

Uma vez foi comentado em levantar essas caixas de luz, mas fica de papo e ninguém faz nada. Eu tenho o pedido desde quando eu vim para cá, mas a rede termina, como que vou te dizer depois daquele salão ali tem o último poste. Eles disseram que ia botar poste para cá, que iam trazer a luz, mas não fizeram isso. Colocaram luz para os quiosques e quando chegar no asfalto ele entra para lá, mas na prainha tinha uns meio por baixo dos panos^v.

Aqui vem as coisas quando tem a Festa de Navegantes, mas é tanto barco que a gente não consegue ir nem perto. Esse ano eu coloco uma caixa ali e vendo alguma coisa, mas a violência e assalto aqui complica.

A ideia é que pode ser usado como um documento histórico, mostrando as pessoas que estavam aqui e tipo assim eu e a área básica, **aqui onde eu moro não vem a correspondência aí eu tenho que sair correndo atrás do carteiro é bem assim. Ele já me conhece que, as vezes ele passa para alguém o pede entregar. O ponto fica a seis metros dali até aqui e o cara me conhece de tanto que eu ataco na rua. Falam que não me atende porque é fora de área, mas pelo amor de deus me atende, por bom senso anda 6 metros a mais. Engraçado quando eu emplaquei o reboque, quando veio o documento novo, ele me trouxe aqui o documento, e eu tá, mas vocês não entram aqui, não e fora da área, e ele respondeu que quando é documento novo a gente traz e eu disse e as contas não traz por quê^v?**

Jaqueline da Silva Freitas (Jaque)

Jaque, neta de pescadores, não exerce mais a profissão em razão de problemas de saúde.

Eu me chamo Jacqueline da Silva Freitas, mas aqui todos me conhecem por Jaque. Eu sou pescadora de profissão, na realidade agora eu estou encostada (benefício da Previdência Social), mas eu vou me aposentar porque eu não tenho mais condições de trabalhar. Eu estou com um problema na coluna e já não consigo nem caminhar direito!

Eu conheço isso aqui (o rio) desde que eu me conheço por gente, sou neta de pescador. A vida toda ele foi no rio e nossa família sempre morou nas beiras de rio aqui. Então foi de criança que comecei a pescar também! Já são 16 anos que eu moro aqui, pescava e cuidava da casa, eu vivo junto com o Alemão, que também é pescador e temos uma filha de 11 anos. Eu tenho três filhos, eu tive um casal no meu primeiro casamento, fiquei viúva, aí casei com ele (Alemão) e tive mais um.

O que eu vou te dizer? Para mim, no meu conhecimento, o Rio dos Sinos é o rio mais rico de peixe que tem. Pena é a poluição que estraga muito o rio. Sempre tem peixe, nunca falta peixe. Por causa da poluição, pouco pescamos aqui, a gente faz duas ou três de viagem de barco. Bom, eu não pesco mais, mas vou te explicar como se faz. Aqui pescamos com rede ou espinhel. Quando o peixe está morto ele boia, é sinal que ele já está podre, como aconteceu quando teve aquela mortandade de peixe.

O Alemão nasceu aqui e se criou, antigamente aqui não tinha nada, não tinha luz não tinha água. Aqui se tomava a água do rio, ali lavavam a roupa, a louça, tudo do rio. É o que eu digo a pessoa que mora assim, que já vive assim, que vive da pesca, tem esse meio de viver normalmente! Tem umas horas que vai vindo com essas chuvas maravilhosas, então ela já está acostumada com esse tipo de coisa como uma enchente. Se enche a água um pouquinho, já puxa o barco para a porta. A pessoa que não está acostumada, que não mora por aqui fica apavorada: “meu deus, como vocês conseguem!”, mas para nós é o normal.

O pescador ele cuida mais do meio ambiente, por exemplo, a gente que acampava para pescar, agora não tem mais, a minha filha pequena ela usava fralda e eu levava ela para acampar junto, então ela sempre trazia o lixo da gente.

Agora quem não é mesmo pescador ele não cuida muito, a gente vê no verão as pessoas que vem na beira do rio e faz uma bagunça!

Tem que ter algo extra, porque pega a época de Piracema, um pouco da época, é quero ver se boto uma venda, é tu ganha num lado e ganho no outro a gente vende em casa mesmo, as pessoas vêm só em época de sexta-feira santa que às vezes aparece alguns fregueses que querem comprar uma quantidade grande porque às vezes tem banca assim, daí aparece pessoas assim.

A associação aqui é normal, todo mundo participa, todo mundo vai agora é que não tinha organização e olha tudo que o Paulo faz? Uns onze anos assim, é sim, nós participamos, eu agora não acompanho mais porque não tenho condições mesmo né, mais já participamos bastante de reuniões já seria melhor é verdade, é às vezes a pessoa tem que ir. Que nem agora a pouco tempo tiveram que se deslocar até Porto Alegre né, teve uma audiência para falar sobre a mortandade do peixe, ainda tão nisso. E um monte de pescadores foram á na audiência mais já teve reuniões ali perto de Esteio, para lá de Esteio, mas se fosse por aqui^{VI}.

Meu marido acho que não pára nunca de pescar, acho que se ele parar de pescar ele adoce já está acostumado. É que nem a gente sempre diz, para quem mora na frente do rio, passa fome quem quer porque sempre dá um jeito de ganhar um troquinho, o cara enche, alguma coisa tu sempre tem para fazer, tu tira um sustento alguma coisa barco de passeio porque não tem lugar para deixar em casa, o barco é grande.

O único medo que a gente pode ter assim é de eles tirar a gente daqui da beira do rio algum dia não sei, porque aqui é um lugar tranquilo também sabe de noite e tudo, que nem quando tu dorme e não tem aquela barulheira, que nem tem^{III}. Tu dorme até com a porta encostada, não precisa nem chavear a porta que não tem perigo sabe meu filho que gosta de estar na beira do rio também, ele e a pequena, a pequena também gosta de meu mais velho também não sai da beira do rio a do meio não gosta, a do meio não se agrada nem um pouquinho os dois outros gostam

Aqui traz muita recordação para gente também né desde quando a gente era pequeno, eu me lembro quando eu era pequena meu avô e minha avó moravam aqui e eram pescadores, então a gente não via a hora de chegar as férias para passar as férias na casa da avó e do avô, dava enchente as vezes né,

muita recordação, muita coisa boa, bastante coisa boa, nossas pescarias mesmo, só nós dois mesmo!

Acontece coisas hoje em dia que não eram comuns. Outro dia ele foi para Porto Alegre ele foi pescar, foi largar a rede com um conhecido nosso daí deu um pé de vento quando foi olhar, levanto temporal e eles encostaram o caiaque na ilha, só que daí tinha uns caras já cuidando deles, quando vê saíram e assaltaram eles, passaram a noite toda amarrados numa ilha numa árvore, e sem nada sem barco tudo levaram rede. Antigamente nós acampava nós dois sozinhos, ficava semanas acampados, sozinhos, só nós dois, agora já não dá mais né tem que ir sempre bastante gente, agora esses dias ele foi e quase foi assaltado, quase levaram o motor dele.

Eu acho que mais as indústrias jogam uns produtos químicos muito forte sabe que teve uma reunião nessa época da mortandade de peixe, foi na Estância Velha a reunião, uns caras dessas firmas que foram condenadas, **eles disseram que é os pescadores que poluem o rio, aí eles disseram que é os pescadores que largavam pneu no rio, aí um pescador disse, mas onde que um pescador vai ter pneu para largar no rio se está de barco vai largar como? Aí é os pescadores que poluem o rio e eles nunca fazem nada, sempre são os pobres coitados dos pescadores, os pescadores vivem do peixe e vai matar o peixe assim para quê^{VI}?**

É sempre o mesmo período que fecha a pesca, em 31 de outubro fecha e só abre 1º de fevereiro. Quando abre em fevereiro é aquela correria para o rio por que em seguida já tem a sexta-feira santa, daí na sexta-feira santa querem. No ano passado, ou agora esse ano não me lembro daí é aquela correria daí tu tem um mês e pouquinho para acumular.

Nessa época aparece comprador, e nós tivemos, nós estávamos com esse freezer cheio e mais o outro, e eles vieram e levaram 2 remessas, 100 kg, aí tu tem que ter peixe tem que correr atrás do peixe por que no dia a dia é assim, ele pesca e aparece comprador, vamos supor uns 3 kg ou 4 kg sabe, então na sexta-feira santa é onde tu aproveita mais, tu vende mais, porque daí vem gente que quer 50 kg, 60 kg sabe, 100kg, daí tu tem que aproveitar.

Não tem preconceito a mulher pescando se iguala ao homem é a mesma coisa que o homem não, é quase a mesma coisa que o homem, rema, larga rede, bota rede, o espinhel, limpa, todos os peixe sim, e ainda assim tira as tripa porque as guelra tem que deixar e tira a escama, mas vai às nadadeiras tudo!

Eu não faço mais nada agora, tinha um problema no coluna e não dei bola, não dei bola e quando vê não tinha mais solução só a minha pequena que estuda, o mais velho tem 21 anos, estuda aqui no colégio perto dos trilhos.

No dia da Nossa Senhora dos Navegantes, vem uma santinha para aqui, quanto mais gente melhor, é uma data boa sempre vem bastante gente e de resto não tem o que falar é bem tranquilo aqui é bom. E é só pegar um ônibus aqui, dá meia hora daqui, tu está no centro bem rápido, e não tem outra forma, já não dirigimos nem eu nem ele, só meu filho e ele fica muito pouco em casa, do que que adianta ter um carro também se aqui enche de água.

Tem gente que não conhece aqui o Paquetá mesmo até taxista às vezes se tu perguntar eles não sabem mais mesmo em Canoas tem gente que não conhece. Melhora eu acho tem muito pescador que tem um bar, até por essa função de piracema que fecha daí tem que ter um meio de sustento. Meu marido tem dois irmãos que moram aqui, e que pescam. Aqui só preciso cuidar quando vem vendaval também nós pegamos cada temporal, que tivemos que sair de dentro da barraca e se deitar por cima da barraca e segurar a barraca pra não voar.

Rosane Maria (Rosane)

Rosane é pescadora no litoral norte em Capão da Canoa, de família de pescadores criou seus filhos da pesca.

Quer uma cerveja? **Eu sou natural de Porto Alegre. Já faz trinta e poucos anos que eu moro aqui na praia^I. Nós já pedimos para ter pesca no verão, para ter mesmo uma liberação para pescar no verão, que a gente não tem. Tem a Piracema nesse período. E por causa que no verão a gente aqui vende peixe. Daí espera a vista, o ruim mesmo é só isso^{VI}.** Estava meio escasso lá em Caçapava, lindo os peixes só que mais, mais um pouquinho. É, está indo fora de época, nessa época é maio. Mais agora em junho do que em maio. É, em maio mesmo acho que nem deu no inverno, o clima está meio estranho. **Mas estão nos pagando o defeso, esse ano deu uma trancada, porque mudou o governo. A gente achou até que nem ia receber, veio com atraso^{III}.**

A nossa é pesca artesanal, não é profissional. Profissional é quando eles entram no mar. Esse ano nós não fomos no mar. A gente sempre pesca com o outro rapaz, Nós pescamos mais é aqui em casa, na beira da praia. Quando ele vai lá para o mar, porque essa lagoa aqui não dá nada, a lagoa aqui é só perca de tempo. Não sei o que acontece, não sei o quê acontece com essa lagoa. Pelo amor de Deus. Às vezes vamos de barco e esse ano nem, nem entrou e em seguida já é no verão. Ele entra mais é no verão, aí não, tem a oportunidade muito em cima. A Lagoa dos Quadros é cheia de bagre, eu acho que essa aqui, faz parte da Lagoa dos Quadro. E acho que tem pouco peixe é porque tem muito pescador também.

Eu tenho aqui o comércio próprio. É, a gente vende o peixe, cerveja, com a cachaça, mas a maioria em comércio de peixe. O meu marido também vende na beira da praia. Aqui não se vende para restaurante. É, é só para os conhecidos. Os Conhecidos que já sabe que a gente vende peixe. A temporada de veraneio é no dia 24 de Dezembro, e vem bastante gente^I.

A minha família toda é de pescadores^I. Tem uma irmã, tem irmãos e sobrinhos que pescam lá em Mostardas, na praia São Simão todos vivem também da pesca. Minha família veio de Santa Catarina. É já era tudo família de pescador, mas meus filhos não pescam. O meu filho mais velho, as vezes pesca, mas não tem carteira. Eu tenho nove filhos e netos são Oito! Aqui tudo é neto! Só aquele lá que é filho. Essa é filha e ele é filho, o resto é neto. Neto. Eu tenho onze netos. Essa aqui é

que tem mais filho, ela tem cinco meninos, mas são tudo casado. Comigo em casa são só dois. Tem ele e outro que vai fazer dezoito. Tenho um com dezesseis. Todos são netos e moram perto da minha casa. Tem uma filha que mora na Rainha do Mar, tem essa que mora aqui perto, na Zona Norte de Capão da Canoa.

Então pai, mãe criavam a gente do peixe, mas hoje em dia que está bem difícil a coisa. Com a renda da pesca a gente viveu muito bem! Antigamente né. Eu morava aqui, eu não morava aqui, eu morava ali. A minha mais velha tem trinta e oito. Nós criamos eles tudo a maioria foi com o peixe. Pescava ali, para lá, pescava. Em outros tempos mesmo.

Em Mostardas está assim até hoje. Chega lá no pai João, ele pescou muito tempo, se tu vai para lá não pega um peixe no fim de semana. Pois é tinha uma época que não se procurava lugar, é que o peixe eu acho que tá escasso mesmo. Mesmo com essa proibição aí que eles falam, não tem peixe. A gente ia para Mostarda era difícil chegar lá, hoje, está de Quintão até lá é cheio de carro pela beira da praia. Todo mundo pescando. Antes nós íamos no São Simão, mas é muito longe é Passando a avenida da Praia Nova, mais uns oito quilômetro para lá. É bem para lá, quase em Tavares. Meu marido teve um tempo lá na, lá na Praia da Solidão lá. Ali pescou bastante numa lagoa que tem lá. Tinha uma lagoa que dava uns Carás bem grande.

Aqui tinha os cará em uma época que dava uns cará, mas eram miúdos. O cará é parecido com uma tilápia. É, só que ela é pequena, o cará é maior, mas lá tem uma lagoa lá perto dos meus três sobrinhos que mora lá no campo, que tem, pega parte da lagoa, é uma lagoa lá que os filho dele pesca cará e traíra. Traíra assim ó, coisa mais linda! Essa mudança da quantidade de peixes eu acho que é porque não tem muito acesso a pesca. Porque lá na terra dos meus sobrinhos, para entrar somente no campo deles lá, tu tem que ter uma ordem, porque se não, não entrar, é tudo cercado e tem o mesmo problema de peixe.

Eles ficam bravos porque eu vou sempre nas reuniões da EMATER³². Eu fui no Fórum da Pesca agora, uns dois meses atrás em Tramandaí, eles falaram, porque o que está aí é nosso, é a proibição do bagre. É, a proibição do bagre, a proibição da, que é, não aparece muito, só se tu pescar mesmo lá fora. A viola. A viola está para ser proibida também. Até tinha um que fez estudo da viola lá

³² Emater autarquia que responde pela assistência técnica e extensão rural no RS. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/site/a-emater/apresentacao.php#.XlgeOqhKiM8>. Acesso em 27.fev.2020.

de Torres, na reunião, daí ele falou. está para ser liberado, mas, ainda ninguém sabe. Nas reuniões de pesca. É, a gente vai, Mas quase não é horário que tá na praia. A maioria quem vai sou eu que vou. Agora mesmo a gente estava fazendo um curso da Marinha, do dia três até o dia dezenove. No dia vinte vai ter uma formatura³³. Eu vou te mandar as fotos do barco. Tem eles dirigindo o barco de embarcação, a gente teve treino e tem que tirar a carteira para poder dirigir^{VI}.

Eu olhei na televisão falando que coisa boa a Marinha do Brasil, gente! Eu fico pensando, porque até então, tu não tem tanta noção. O que é, a gente teve quase dezenove dias de aula. Eles lá dando aula para gente. Que eles disponibilizaram de lá de Imbé para vir até ali onde a gente estava que é na Rainha do Mar, para da aula sem cobra nada, ele explicava tudo. Aprendi primeiros socorros, o que que é obrigatório na embarcação, um monte de coisa^{III}. Bem interessante mesmo. A organização do curso foi a Colônia de pesca, daqui é a Z-30 que somos sócios. A Colônia que arrumou entra por Xangri-Lá, mas é Rainha do Mar, é a casa do pescador^{IV}.

A Z-30 é lá na Rainha, a Z-5 é lá de Porto Alegre, aqui é Z-30. Aqui em Capão não tem um, tem um sindicato, mas como que é uma burocracia entre os dois, os que estão comandando, está até meio assim. A Dalva da EMATER esteve aqui, ela disse que vão fazer uma reunião com todos pescadores, quem é que está interessado, para fazer uma associação. Uma associação dos pescadores. Que dá mais união dos pescadores.

É, uma associação. Para ver se, que daí se for uma associação, que nem eu disse, precisava de um lugar para fazer uma sede para te à associação, que funciona, porque sindicato ali não funciona. Eu saí fui para lá pra ver tudo. É, ele, e não está funcionando, daí eles querem ver o que fazer. O censo da pesca, agora eu não sei, mas eu acho que eles conseguiram. É, acho que agora eles conseguiram, com um balanço, porque a EMATER está bem interessada, mais presente^{IV}.

A equipe da EMATER vai sempre na reunião. Só que agora que deu esse curso lá, eu até falei com a Dalva, do curso e ela disse, “mas eu não estou sabendo do

³³ Capitania dos Portos em Tramandaí realizou o Curso para Pescador Profissional Nível 1, em abril de 2019 com aulas práticas e teóricas sobre Atividades da Pesca. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/com5dn/node/133>. Acesso em 15 dez.19

curso". "A, pois é, mas está tendo curso lá", que, no caso, só a EMATER de Xangri-Lá. Até tinha um rapaz da EMATER fazendo o curso junto. Daí ela, falou "ah, a gente não sabe", "pois é, eu achei que vocês sabiam, porque a gente, a gente está fazendo o curso lá". Nessa terça-feira nós temos ali nos bombeiros, acho que é tipo uma simulação de incêndio com embarcação. A gente vai e é bem tri. Sexta-feira já é a formatura e mulher é só quatro, o resto tudo é homem. São trinta homens.

Para fazer os treinamentos que estar com o pagamento em dia com a Colônia de pesca. Fica em média uns cento e cinquenta reais por ano. A do barco, até agora a gente vai te que pegar e ter dinheiro e fazer essa. Tem que estar com essa carteira em mão, que a gente está fazendo. Meu marido vai ser obrigado a arrumar toda documentação certinha do barco, tudo certinho. Não adianta ter essa carteira e não estar correto com o barco. O barco tem que fazer uma vistoria^{III,IV,VI}. É, tem que fazer agora lá em Tramandaí. Antes tu registrava e não precisava mais, só a carteira que fazia a cada dez anos. Agora até eles vão dar uma lista, eles vão pegar e vão fazer uma lista. Eu até quero pedir para ele colocar certinho o que preciso, porque tu já pensou? Tu sai daqui com o barco, chega lá e dizer "ah, falta tal coisa, não dá pra fazer". Para chegar vai pela costa do rio, lá embaixo onde está o negócio da Marinha.

Paramos de pescar aqui na praia é do dia quinze de novembro tu tem que tirar. No caso, nós temos carro, tem que tirar os carros e fica sem até dia quinze de fevereiro. A temporada toda. E não tem nada de festa da pesca que a gente frequente aqui em casa. A festa de Iemanjá gente nunca foi. É, a Iemanjá é mais é em dia mais, aquele negócio de religião. A do pescador, mas se eu não me engano é em, não sei, é em Pinhal? Tem um lugar para cá, não me lembro. Até agora foi falado, há pouco em uma reunião, da festa do pescador, que tem uma procissão também. Eu não sei se é em Tramandaí ou é Pinhal é para lá para aquele lado. Não, nós nunca fomos. Nem para acompanhar. É, eu acho que é em Tramandaí né a festa do pescador. Procissão do pescador, mas faz tempo que eu fui acompanhar quando eu morava lá.

O comércio abre aqui o ano todo. A gente teve muitos anos lá no Paraguassu, tivemos doze anos o bar lá e vendia o peixe dele lá também, depois a gente veio para cá. Aqui é um pouco diferente o jeito que a gente pesca. Para levar a rede até o mar meu marido tem um amigo dele lá que pesca com ele, que é o Beto, a caminhonete dele que ele puxa rede, essas coisas. Tem rede que também lá no Beto e ele vai daqui

de casa lá. Para pôr a rede tu bota uma âncora lá no fundo, as vezes nadando ou ele dentro de barco, às vezes eles levam a plancha, duas plancha. Mas a maioria é, é no braço mesmo, prancha. Mas ele já boto com, já boto com o barco.

É que eles já viraram o barco eu acho umas quatro vezes. Até isso a Marinha no curso fala para a gente. Porque o perigo de tu virar o barco não é virar o barco, porque o barco não vai para o fundo. É tu está ali e ter a rede e quando o barco virar tu ficar debaixo né. Não sai mais. As redes caem tudo em cima. Mas graças a Deus, mas graças a Deus quando ele virou nunca aconteceu nenhum acidente. Só mesmo de virar o barco. É, ele sabe. Quem entra no mar sabe o lado para entrar né. Ele cuida e entra. Quem navega, sabe. O caiaque para cortar a onda. É. É, vira. É, o, o mar tu nunca pode ficar de lado. Fica de lado, já era. Sempre de frente.

Tem o Ivan que ele é um, não é secretário, como é que a gente diz? Ele é uma coisa do Fórum da Pesca. É que nem no bloco do produtor, no bloco do produtor não é “pescador profissional” que fala, é “pesca e agricultura”. Que não tem nada a ver, nem é disso. Tem algumas coisas que tem que mudar, mas... da lei estadual da pesca ainda não, não tem nada, não tem nada decretado. Foi só decreto. Não é nada de concreto. E assim, eu vejo, que no Fórum da Pesca vem gente de outros lugares como Pinhal, Cidreira... E o que que tu vê? Tu vê, tu ouve, e fala uma coisa, e dali, tipo, de Tramandaí para lá já é outra coisa, é isso que eu não entendo. E é tudo a mesma coisa, gente. Não sei por que que muda de um lugar para o outro já, já muda total. Tão pertinho^{III,IV,VI}. E PATRAN³⁴ é terrível. Esses dias estava, foi semana passada eu acho, quinta ou quarta-feira fizeram uma limpa, na beira da praia. Quem não tinha carteira, não tinha nada, eles estavam recolhendo todos os peixes. Recolheram tudo. ligaram para meu marido, nós estávamos indo no curso, ligaram pra ele falando, a gente estava lá no curso, não tinha como vir, o outro rapaz que recolhe foi lá, ele também é tudo certinho, legalizado, para não levar^{II,III,VI}. Só chegaram a entrar onde estavam as nossas redes agora. A rede fica presa com uma âncora com uma corda. Para colocar tu amarra a rede e vai largando e o próprio mar faz, leva, no mar a gente nem pesca com espinhel. E com a feiticeira também não pode é proibida.

³⁴ Patrulha Ambiental vinculada à polícia estadual que responde pela fiscalização ambiental.

Outra coisa que acontece aqui, na quarta ou quinta-feira também veio um barco de Santa Catarina, um caminhão, eles estavam fazendo cerco! Cerco aqui não pode! estavam fazendo cerco aqui na volta. Aí liguei para PATRAM e a pergunta: “ah, tu sabe o nome da embarcação? Tu sabe o nome?”, eu disse “olha, quem estava na beira da praia era o meu esposo, ele não sabe, ele não viu o nome da, da embarcação”^V, daí disseram “ah, a gente vai vê...” mas nem sei se dá alguma coisa. Aqueles barcos lá foram que fazem estrago, Mas aqui ele tá proibido né aqui, na beira. Exceto quando alguém vê o que eles destroam. Viu o barco que está perto? Liga para PATRAM, liga para Marinha, são obrigados a vir, mas não, de repente eu acho que até vem. Eu nunca... presenciei isso.

Eu também nunca presenciei isso. O dia que eles estavam aqui na beirinha, aquilo ali é um crime. Os caras pegam só o que é bom, e o que é, o que não é, e descarta aí depois. Eles nunca vêm na praia, mas quando vêm, dá pena de ver, eles pescam mais lá. O que não interessa, eles não dão bola é o que dá dinheiro.

Agora lá em Mostardas que estão numa briga com eles. Os caras invadem até a lagoa do peixe. Para pegar o camarão antes da abertura da pesca dos camarões. Dá até tiroteio nos Catarina, os que vêm de fora. Eles vêm de longe. É que tem a, eles fiscalizam, mas é pouco. Pouca gente que ficam demandando. E do bagre, eles não podem, como eles disseram...O pior é que daí tu puxa e tu, o peixe já tá ali. Ele já tá machucado, tu solta no mar o bicho já morreu. É, mas é que nem eles disseram: se tiver, sabe como é?! Não pode tá dentro, tu pescou, tu já despencou tudo, tá lá a caixa. Se eles pega ali dentro da caixa, vai preso. Agora isso é uma coisa que não tem muita lógica. Se o peixe ficar uma, duas horas malhado ele vai morre. E a, e tem a época que o bagre ainda, vai até o início de março.

Já outros liberam a pesca lá no início de fevereiro. Não, é, lá em Santa Catarina é liberado barco, tu trabalha para manter o custo alheio. Bom daí não ver o que vai acontecer, aí tem que botar fora. Eu peguei lá no Camaquã um filhotão de Jacaré, enrolou assim na rede. Eu, se eu levar e eles me pegar no caminho, vou me incomodar.

E para comer é bom o bagre e o Jacaré também. O Jacaré também! Tartaruga marinha também. Tudo que for do mar dá para come. Uns bolinhos de peixe com a carne da tartaruga, que é a coisa mais linda a carne da tartaruga, ela é branquinha. Eu disse “que gosto será que tem? ” Gosto de peixe ela tem a tartaruga marinha. O

“que que vocês estão comendo?”, “ah, bolinho de peixe né” eu disse “é, bolinho de peixe” Comeram como se fosse.

Eu tive a minha filha mais velha com quinze, ela nasceu em novembro, dia nem me lembro mais, eu acho que é sete. É ela nasceu dia sete de novembro e eu fiz dezesseis em fevereiro. Eu, eu ganhei a minha bisneta, quando ela tinha quinze, a minha neta nasceu dia dez de março, minha filha fez dezesseis, no dia treze de Abril. Filha de pescador casa cedo! A filha tem dezesseis anos, a minha neta mais velha. Agora não casa mais! E os mais novos vão ficando, o homem fica jovem depois que se separa, mas as mulheres quando separam, se tão gorda elas fazem regime. Na casa da minha filha são seis meninas dentro de casa.

Na Zona Norte quando eu morava lá, Era só morro de areia. Ali parte da Zona Norte. Eu fui uma das primeiras moradoras lá! Ela morava lá ó. É, só tinha eu e mais três casas. Chegava na casa dela e deixava o barco. Eu fui a segunda a chegar lá. Era só areia e agora não tem mais nada, agora é tudo rua e casa, aquilo lá cresceu.

Alexandre Oliveira (Méia)

Méia vive com a esposa, também pescadora, e filhos na Ilha da Pintada.

A situação dos pescadores são a mesma. E do bagre não tem nenhum acordo é proibido, mas tem um monte. E a multa para cada um que você pega são cinco mil reais.^{II,V} E quem é que vai botar fora um peixe desse tamanho? Quem? Dá graças a Deus de pegar um peixe desses. É, está difícil. Nós nascemos e nos criamos aqui. Eu morei sempre aqui na Ilha da Pintada. Eu já estou há trinta anos nessa vida e criamos os quatro filhos tudo com a pescaria, tudo pescando!

A feira do peixe é em março ou abril. Geralmente a colônia faz uma festa no dia de São Pedro que é dia do pescador, mas nós não, faz uns dois, três anos que eles não fazem mais nada. Tem o peixe na taquara que é aqui. Não é todo domingo eles fazem o peixe na taquara, mas independente de festa. O pessoal de Porto Alegre que vem e faz um turismo ali. O barco traz para cá, do Gasômetro. Geralmente eles fazem uma festa antes da semana santa. Numa semana onde eles fazem o almoço ali para abertura da semana santa. Mas só isso, não fazem mais nada assim. Sim é, mas ali é o pessoal dos barcos que vai.

Para pescar eu coloco a rede hoje e só amanhã nós vamos recolher. Nós pescamos aqui no nosso Rio Jacuí, aqui só. Aí a gente vai de manhã, só que a gente não tá é muito longe, ali pegar às oito hora da manhã na escola e a gente larga ele na escola que é aqui nesse comezinho. Tenho dois filhos, o meu mais novo tem dez e o outro tem vinte e cinco. E a menina já está até casada. Vivem todos aqui, todos comigo. A menina está fazendo ali, construindo a casinha ali no fundo. Aqui é o banhado, é onde fica o banhado. Não tem rio aqui. O mais próximo é o Guaíba que passa lá antes da praça, mas muito longe ainda.

Aqui enche! A última enchente passou naquela janela ali. A última enchente, aquela de 2015 (Figura 14) passou ali, em cima daquela janela ali. Mas aí dá outra isso aqui enche tudo, aqui tá tudo quebrado ainda que não é nem do ano passado, não tivemos condições de arrumar ainda. A casa da minha filha ela fez bem alta, é para não encher. Já tivemos dentro d'água e eu fiz a casa bem alta, mais que muitas casa, mas não adiantou. E dentro de casa tem que fica em cima de uma cadeira, uma cadeira normal. quem está trabalhando assim não vê, mas quem fica em casa. Tu vai vendo que ela vai subindo, tu vai subindo junto. Até não dar mais. Ela subiu um

pouquinho, ai tu sobe um pouquinho mais que ela. Outro dia estava enchendo, começou a encher de 2015 eu pensei “vou quebrar o forro”, como é que eu vou perder as coisas. No Paquetá ali é na correnteza do rio, na prainha ali é um pavor, que la ali é mais terrível.

Figura 14 - Enchente na Ilha da Pintada – Porto Alegre/RS (agosto/15).



Fonte: cedida por Lisandra Drower.

Eu morava na rua do cemitério ali. É, antes de subir a pontezinha da Ilha tu dobra assim, lá que eu morava. Depois que eu vim morar aqui, mas é quase 30 anos quase. Eu me chamo Alexandre. Sou, filho de pescador. Todos aqui só me conhecem por Méia. Eu vendo meu peixe lá no Morro Santa Tereza¹. Aí tem um monte de freguesia, funcionário dele. Hoje tu vendendo no mercado, vai dar um peixe desse tamanho e querem te pagar quatro pila o quilo. Maior vergonha, eles pagam a quatro e vendem a vinte na mesma hora no balcão. O que acontece na semana santa chega a fazer fila para comprar o preço caro, mas depois ninguém compra mais. E eu não vendo, eu vendo só a partir do momento quando eu compro. Mas é, aqui na volta é comum a gente ver isso.

Para auxiliar na renda a maioria faz bico por fora. Quando não estava pescando, eu trabalhei quinze anos com bate estaca. Lá no Paquetá eu fiz um monte de casa. Eu fiz o estaqueamento para carregar os barcos de areia, o bate

estaca para eles lá. Aqueles trapiches ali do Paquetá foi eu, tudo com a turma do pessoal, com eles tudo na volta no barco ali, com um monte de amigos ali na volta^I. Por um bom tempo tivemos lá.

O seu pescador, o senhor que administra ali no Z-5, **nós somos sócios da colônia^{IV}. Da lei estadual para nós não saiu nada, não saiu nada aqui, nosso presidente, não falaram nada ali. Ficou a mesma coisa até hoje. Tirando o bagre o resto dá para pescar.^{II,V}** O bagre foi uma empresa que viu ali que não pode, mas tudo normal, mesma coisa até hoje. Não ficou nada, só a lei que eles botaram uma lei aí que pode bota a rede das cinco da tarde até às oito da manhã, recolher, mas não tem condições de fazer isso. **Mudaram a lei, até agora o presidente não fez uma reunião para mudar essa lei ainda. Não tem como, se botar a rede as cinco horas da tarde, a gente bota trinta rede, não dá tempo de sair às cinco da manhã com serração, ficar até às oito da manhã terminar de recolher, não termina! Não, e a gente não consegue. Semana passada mesmo, não ficou de manhã, só de tarde. E ainda tu vai vim com uma serração dessa, o vento passando no rio, a lancha ali. Aí é pedir para morrer, não dá para entender^{II,III,IV,V}.**

O barco está lá, fica lá na beira da praia. Porque o vizinho mora perto, a gente monta os barcos ali e de manhã sai, mas quando dá uma serração não dá para ir. Nesses dias temos só de tarde, mas é que mudaram essa lei até, não falava nada mas largaram um pouco de mão, mas já me pegaram duas vezes no rio já e me mandaram fazer essa lei, mas eu não estou fazendo até hoje. **Quem fiscaliza aqui é a SEMA³⁵ e a polícia ambiental. A SEMA é aqui da Ilha da Pintada. Me pegaram duas vezes, eu falei “não tem condições, se eu começar a largar a rede às cinco da tarde eu vou à meia noite, porque se faz cinquenta redes”. Se vai começar a colher às cinco tu vai parar meio dia, vai nem começar a colher, vai ter que terminar até às oito, vai que hora de madrugada, vai sair meia noite para colher até às oito^{II,V}.** Não tem condições. Mas não liberam até hoje, mas não estou incomodando também. Diz que a lei pegou mais é aqui para baixo, aqui do lado dos condomínios que a água é baixa aqui, que o pessoal estava botando rede e o pessoal todo queria sair para passear de barco e não saía. Tudo bem, não tiro a razão, mas

³⁵ Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Infraestrutura do RS.

agora não, agora aqui para cima, agora não incomoda mais, agora pode passar por cima.

Aqui dragagem com barco não pode mais, só depois de Charqueadas para cima ali. Aqui passa muito barco, todos barcos que carregam passam aqui. Esse aqui passa os navios do porto, que carrega gás. Aqui problema só se colocar a rede no canal ali quando a gente bota a rede muito alta. Não podemos botar lá porque eles não podem sair. Uns amigos já me pagaram para pedir ajuda para ver se eu me rasgo. E como eu não posso botar nunca mais eu não posso no canal. Jet ski é o que mais tem, mas não incomoda, só as voadeiras que volta e meia. Só os granfinos aí tomam whisky a mais lá, pega no fundo e rebata nas redes. Eu mesmo já peguei rede das marinas. Vem quinze anos com bate estaca, aparece os caseiros das marinas dizendo “ó, já tirou um monte de rede aí, enroscaram na rede”, a minha, do seu Edegar, pega na fatecha deles safado corre tudo e levam. É que às vezes não pega no fundo, mas dá um rebote e levam, e aí para minha sorte, tiram tudo, rasgam tudo.

Eu tenho Pai e mãe pescador morava aqui para cima, nós sempre buscamos um lugar aqui! Esse lugar aqui não tinha casa, tinha uma, duas casinhas só ali. Não tinha nem às pontes quando o pai morava. O pessoal começou isso de ficar no veraneio agora há pouco tempo. Só a primeira mansão que tinha aí só um ski clube. O resto não tinha nada quem mora lá para cima ali. Não tinha nada, agora que encheu para tudo o que é lado. Tinha nada, era só banhado. Só banhado, só mato. Tinha nada, nada, nada. Agora de ter, de um lado foi bom, porque se não tivesse esses condomínios agora nossa, nosso lugar não era o que era hoje. Se não tivesse esses condomínios, nós estávamos pior que esse lugar todos dias, e assalto e banditismo na volta dando tiro. Agora nós estamos a salvo, graças a Deus. Aí eles botam muita segurança e eles têm força também e estamos aqui. Quem é que faz a rua para Eldorado até o fim do condomínio eles trancaram, não pode fazer mais rua. Se essa rua saísse aqui lá em Eldorado aqui, ninguém vivia mais tranquilo aqui.

Aqui é Eldorado e lá dentro é Porto Alegre. Depois daquela pontezinha, lá é Porto Alegre. Passa aqui na frente. Porto Alegre passa do outro lado. Aqui pega o Eldorado, Guaíba. Também brigaram, quanto tempo brigaram da Ilha para entrar aqui o Guaíba, e não deixaram entrar o Eldorado. Eldorado queria entrar aí para pegar o pessoal! Tinha que ser, porque aqui é Eldorado.

Eu tenho dois irmãos que pescam. É, mas não aquilo, dão uma pescada de veraneio deles, não é o cultivo da mesa de todos os dias. Eles pescam, o outro até, coitado, teve doente, mas agora está bem. O que nós sabemos, mas pescam e dá refeição deles. Tudo moram aqui, um mora aqui do lado. Não sabia que a vida dele ia ser assim, mas da vida do jeito que está hoje em dia o cara vai pagar para viver.

Os filhos tudo criado terminaram os estudos tudo o que tem, graças a Deus, tem as coisas da gente. Para estar trabalhando para os outros o que eles tão pagando na volta. Eu não trabalho mais para as empresas. A pessoa me mandou demais eu já estou saindo. Mas Deus o livre eu estava saindo o que tu quer da vida.

Eu sempre trabalhei por conta a vida toda, trabalhei em casa, trabalhei em mercado público, em peixaria muitos anos, quinze anos no mercado público, mas não pude mais. Era cortando filé. Também fui promotor no Carrefour, BIG, tudo isso, tudo em peixaria. Eu montava peixaria, desmontava peixaria, mas aí, o salário era só para os ricos. Trabalhava só para eles, mas agora é trabalhar para mim! Eu digo para os meus guris quem é que vai acabar ganhando vinte centavos por quilo. Tu leva vinte centavos por quilo, peixe. E assim mesmo o homem não aguentava em pagar, me pagava por semana para não pagar. Ganhava vinte reais por dia. Todo santo dia, piquete, caçamba, anjo que era peixe grandão, sabe, rende. O filé de anjo está trinta pila o quilo. E eles pagavam a vinte centavos o quilo. Eu cortava mil quilos por dia e eles não aguentavam. E diziam não vamos assinar sua carteira eu vou te pagar por semana e eu trabalhava dia e noite. O que que adiantou? Chegou uma época que eu tive depressão.

Eu estava cortando peixe chorava sozinho, sapateava. Diz que que eu quero com isso? mas nunca mais no mercado. Mas boto peixe até hoje no mercado, boto feira no mercado. Peixe dá dinheiro sabe, tempo que depender dá dinheiro, mas tem tempo que tu vai atrás de peixe não acha nada! Nós começamos a colher rede, uma hora dessas se tu quiser filmar, tu vai ver quantas rede a gente colhe. Cinquenta rede dá para ir a Porto Alegre e voltar duas vezes. não bota uma só, a gente bota as emendas por causa do canal do rio, e a gente tá com seis emenda, mas mais vinte inteira. Bota elas de cinco em cinco e vai indo. Vai daqui a Porto Alegre abrindo rede.

Pescar bagre é proibido, mas tem uns que vendem. É só para o pobre que pega isso. O ano passado venderam na feira todos de caminhão, soltou bagre,

bagre do Uruguai. Bagre do Uruguai. O cara tem um grandão lá que faz um canetaço uma nota. Eu se eu pego um cara desse eu “oh, me dá uma nota dessas, estou pescando no Uruguai! É, a foto não diz onde que é o peixe. Vai vender o bagre o ano todo e agora na feira do peixe nós não estamos indo com o bagre, com medo, que o bagre vendeu ano passado. Se é por tratamento e manutenção os caras nem trabalham então. O cara diz “não trabalho com o bagre” isso aqui, todo mundo vendeu, não deu nada. Fiscal nenhum abordou, vieram nada, vieram nada^{II,III,V}.

É e muita gente que tem para fiscalizar. O Sr. Maurício que é da ambiental, apareceu aqui na volta para liberar esse troço, eu não sei o que está faltando para liberar porque isso aí não, não é exceção. Que isso! Eu não tinha visto ver. Montes e montes e montes de bagre. Isso eu to pegando aí. Pega aí, cara pega um pouquinho de bagre, mas imagina quem pega mais. É e não, o bagre sempre teve bastante, mas agora proibiram. Quem pesca na lagoa, tu vai botar a rede na lagoa, baixa ela, se não consegue aqueles temporal de vento, como é que tu vai colher rede lá? Só quando acalmar o rio! Aí passa dois, três dias a rede no rio, tu entra no rio já tá tudo morto, tu vai fazer o quê com o Bagre? Vai tocar fora um bagre no rio? Botar uma plaquinha “não passem bagres” e vou dizer porque tem sempre. Tu pega sempre isso, Boto a minha rede e pega o bagre. Pegou o bagre dez quilos, que eu vou fazer lá, então pega e solta ele.

Isso é para pagar multa, pagar multa por estado. Isso aí é uma baita palhaçada. **Fizeram reunião do Z-5 “cada um que sair a pescar junto com o pescador para colher rede, eles iam medir o barco e na medida, solta o rio, já pensou cada vez que pesca ter que medir? Passar o dia todo no rio^{IV,VI}.** Eles pegam dentro de sol quente eles não mede. No inverno já é o frio, do sol quente de repente depois o dia todo medindo isso dentro do rio ainda.

Pode sair cinco da manhã, se volta antes do meio dia e não para. Tu começa a limpar o peixe três, quatro hora da tarde, já limpa lá. Chega aqui para embalar certinho, isso quando quiser embalar, bota tudo embaladinho e congela tudo. Embalado, e assim vai. Isso que a gente tem talão de nota, tem tudo. Lá no mercado público tem duas ou três bancas que tem barco que pega o pintado o resto é só peixe do mar.

Estava conversando eu ela esses tempo, analisando, dizendo o que vai ser da pesca. Passar os dias lá para cima com um barco. Que a gente lutou, gastou assim como meu sonho, de ter o barco. A gente não passa mais trabalho dormindo em barraca, que tem tudo dentro, tudo dentro, cozinha, balcão. Eu estava dizendo para ela e a mãe que vai terminar isso. Quer dizer, os meus guris não gostam de pescar, daqui mais uns seis anos terminou. Dos meus irmãos a mesma coisa, os meus sobrinhos nenhum pesca. Daqui na volta os outros meus primos são deles nenhum pesca. Os meus tios já estão tudo parado, não pescam mais. Daqui uns anos nesse lugar, só tem os filhos deles também e aqui na ilha a mesma coisa¹. A juventude hoje em dia que tão tendo só quer violinha, viu ali que é só o da violinha que é só fazer feito e festa. Tu acha que vão adquirir alguma coisa para depois com a idade, que vão chegar e não vão ter material de pesca. Tem gente na violinha, bah! Vamos pescar, vamos pescar dali um pouco tem, passou aquela fase.

A violinha pesca com rede, mas vai terminando, isso aí não tem para ninguém. O Pessoal está largando. A gente pode fazer carteira, eu acho que aqui, dentro da ilha aqui, daqui mais uns cinquenta anos se ficar uns quatro ou cinco é muito. Uns vinte anos atrás se tu botasse aí pra pescar, se não botasse, se não largasse segunda-feira, se não largasse domingo, hoje, pra ti pegar um ponto era ruim. Tem lugar que tu pode pescar, pescar no rio, la um monte de gente pescar. Mas na época dava para botar rede. Tem pau, fumo, passa barco, toca as rede, não ia, mas tem que pegar o ponto bom de pescar. Interessa ali, pai passa para filho, e vai terminar, não se vê, tu vai aí para cima é deserto e raramente vem pescador fim de semana, veranista, vem de barco pescar.

Aqui perto tem poluição, mas não é por isso que não pescam mais. E é mais para o lado de lá. Aqui não tem aquele monte de garrafa solta, não tem lixo assim é, não, muito mais limpo pra cá do que pra lá pra baixo. Quando tu conhece o Paquetá lá tu pensar Rio dos Sinos no verão. O Arroio das Garças ali, se tu olhar aquilo ali, Deus o livre. Agora olha aqui para cima é um paraíso, não tem sujeira. Tu vê uma garrafinha, uma sacolinha, de trocar fralda, mas não tem poluição. Tu dizer que está tudo exterminando não é verdade, tem muito peixe, tem muito peixe. Está faltando mais é pegar esse negócio de violinha, se não pegar essa violinha vai pegar outro peixe então. No verão quando dá essa violinha, gente do céu, eles tocam mais de dois

mil quilos de peixe todo dia fora. Só matam peixe e botam fora. Pega a violinha que é para fazer o filé, mas o resto que é miudinho vai tudo fora.

Isso aí dá no inverno. Botar muito assim não dá, mas no verão.... Isso aqui não é só aqui, São Lourenço, Mariana mora em Tapes aí ó, diz que os caras botam rede lá é pouquinho. Cara passa o dia todo na rede para botar fora. Ele acha que não vai terminar, termina, termina. E eles pegam os pescadores e abaixam, tiram a rede do cara, diz que vão multar, multar o cara, o barco tem que pegar o barco e vai. Só que ele não vai melhor do que isso. Eu tinha muito mais peixe, mas eu pessoalmente com cinco, seis caixa de peixe, diz assim “oh meu, botar o meu peixinho aí”, bota fora no meio do rio a mesma coisa, Não deixa o bicho crescer. Aí um bagre desse tamanho a gente não pode pescar. Dez quilos de violinha, vinte quilos só e os outros peixinhos eles querem.

Teve uns os caras tinham que dar, uns Pescadores! Só essa juventude. Claro! É dois ou três de idade de quarenta, cinquenta ano pescando violinha, mas vai essa juventude, essa gurizada louca. É que nem eu digo, vê se agora, quando para a violinha ele pega uma rede mas atrapalha capaz, vai tá na praça dando a banda dele.

A feiticeira? Pode! É a violinha a mais miúda, a nossa aqui para cima é a malha 8 que é permitida. Abaixo da malha oito começa a vir pedra, a malha oito que é a permitida. A feiticeira, não tem jeito, que não pode que é a dois pontos ou três. Não sei como é que as loja vende, que é pra camarão, mas ninguém pesca camarão. Aqui é violinha a e vende, mas para ti ver^{III}. É, mas não diz que não tem camarão, aquilo ali eu acho um crime, mas tem que entender que essa violinha vem, tipo essa aqui pesquei mas não pesquei três, quatro.

Antigamente tínhamos outros peixes, até Dourado. O Dourado sumiu, mas é o veneno também, vai ver a quantidade de peixe do Rio dos Sinos. Vê se resolveram alguma coisa, não resolveram!^{III} E deu uma seca. A hora que der, não deu nada porque o rio não baixou esse ano. Esse verão todo não foi seco. Não foi quente, não deu o limo da lagoa. Que aqui fica mais baixa a lagoa vem pra cá vem o limo e água que bate aqui. Choveu, água baixou, isso e aquilo, com o verão seco, tem que ir lá, na agricultura não vai mudar nunca. E é por baixo d'água, eles sabem e não aceitam.

No banhado dá bastante peixe, quando dá enchente no banhado assim é bom para pescar. De rede tu pega peixe, chega a pegar cem quilos todos dia. Todos dia

no banhado. Cada carpa que Deus o livre. É só de filé de boi, em Porto Alegre só de filé gasta cem quilo por semana. Aqui pode pegar duzentos quilos assim de peixe todos dia. E tudo uns trairão coisa mais linda que pegavam, não sei onde é que o peixe sai quando dá água no banhado. Tudo sai para os canais, sai tudo para rua, mas é peixe que o cara tem no banhado, são certos peixe que pega.

Mas chega nesta, chega nessa época, daqui a pouco dá na água no rio aí tu não pode botar rede no banhado, não pode botar rede no rio só pela costa afora, tu vai para um arroio aqui para cima, são quatro ou cinco arroios. “Ah, vou sair segunda-feira, arruma tu, chega lá tem gente” no arroio que eles querem, como é que tu vai botar a rede na costa afora assim, até Porto Alegre? Como é que tu vai? tu chega lá e não tem mais rede, já era. Pescaria ficou nível assim e roubam de barco, é, tudo de barco mesmo^{II,III,V,VI}.

Isso é o que mais acontece, o que mais acontece. No Paquetá ali é terrível o troço ali na volta. Ali na volta ali tem, os caras pescam, desce, me dou com eles tudo e um ajuda o outro, mas hoje em dia tu chegar no acampamento, tu chegar dormir em barraca, é perigoso. Como eu digo, que que acontece, “pai, Eldorado o lugar é ruim”, qualquer lugar é ruim, tem dois ou três que usam seu nome, “assaltam e matam”, nada! Não funciona assim! “ Não, mas tu vê lá na Ilha eles matam o veio”, que matam o quê! Dois ou três, que andavam lá, que se mataram assaltando. Fala em Paquetá, Deus o livre!” Bah só tem ladrão, só tem marginal”, tem nada disso. Eles são humildes, vivem pior que nós assim. Tem pessoa pobre ali. Eu vi, o Marquinhos ali passando pela gente ali, bah! Quando o Marquinho botou aquela marina ali, aquele bate estaca ali para cuidar dos barquinhos ali, eu estava dizendo para essa aqui “ah, a gente vê a situação das pessoa”, é terrível! E eles iam emprestar até para cá, pra... pescar aqui no Rio do Jacuí aqui, eles iam pescar.

Eles trabalhavam com reciclagem também. Não, o Marquinhos, depois que pegou fogo na casinha dele, não sei se tu soube. É pegou fogo na casa dele lá naquele pedaço de terra lá. Não sei se pegou ou tocaram fogo ali. É a dele ela ficou bem na ponta de lá, sabe. Não sei se botaram fogo ou pegou fogo porque ele não queria sair porque eles tavam botando lá sabe. Queimaram a casa dele toda. Conseguiram fazer uma nova de novo, coitado. Seguido eu falo com ele.

Eu puxei barca lá para Cachoeirinha, eu puxava areia ali. Na verdade tem o arroio poluído. Arroio e o Guaíba. Eu vi uma casa atirada em cima dele. Era fogão,

era sofá, era cama, era uma casa mobiliada dentro desse rio. Vai me dizer que aquilo cai na água? Não cai, não cai. Eu saio daqui e vejo aqueles sacos de lixo de roupa do outro lado da rua, sucata, se o lixeiro passa aqui! Ver os peixes, água ali é preta, os peixes tudo morto ali. Eu larguei estaca lá dentro, nós tinha que almoçar, os cinquenta metros para terra, mas eu ia de barco com bastante gente, aí fazia, para não pagar o almoço para todo o pessoal eu fazia comida. Cinquenta metros era até eu chegar. A água ali é preta. Não tem noção do que que é água podre. Cinquenta metros, os peixes vêm tudo para cima assim ó. Não, deixa eu te falar, não, um desses dias eu peguei o de água com lima e vi os peixes tudo morrer, tudo morto mesmo.

Para tirar areia é só de Charqueadas para cima para carregar, com a draga. A draga carregava ela no barco que eu trabalhava. Eles tão brigando para abrir o canal nosso, aqui tem esses barcos bons aqui, não precisa de draga. Chega ali, chupa a areia, e vai te falta que não chupa o peixe. Um barco daqueles com oitocentos metros de areia, não vai puxar peixe? Se ele cavar aqui, daqui a ponte lá, uns cem metros quadrado ele faz um rombo dentro^{II.V}. Se fosse desse tamanho, que vai um pau, fosse dessa grossura também lá. Como é que ele vai dizer para ti que vai passar a força de peixe. Vais sair só o farelo. Pode olhar, pode olhar na bomba se vai sair peixe daquele jeito, vai sair peixe, ora. Um cano dessa grossura, mas capaz, ele mata, vem vindo com tudo. E a ilha aí para cima não tem mais. Tem que ver com tudo eles chupando e triturar os peixes tudo.

5 NAVEGANDO NA LEITURA

Esse é o momento em que apresento o resultado da leitura de cada uma das narrativas. Quando da transcrição, como já foi explicado, referenciei os pontos sensíveis (aqueles que geraram as inquietações que motivaram a pesquisa) que emergiram das falas dos narradores. Estes foram grafados em negrito e receberam um número correspondente nas narrativas dos pescadores. Aqui os retomo:

- perfil dos pescadores^I;
- suas percepções sobre políticas públicas^{II} para a pesca;
- acesso ao conhecimento^{III} sobre as políticas públicas;
- conhecimento sobre suas entidades representativas^{IV};
- sobre a gestão dos territórios^V para a pesca;
- sobre suas experiências de representatividade^{VI} junto aos poderes públicos e nos espaços de discussão sobre pesca artesanal.

A leitura é “punctual”: o que é significativo para mim, o é em função das inquietações iniciais. Ali ele me toca, me faz vibrar e, assim, o desdobro, multiplico seus sentidos (CALDAS, 2001; BARTHES, 2002). De acordo com Fabíola Holanda Barbosa, esse tipo de leitura é “evocação de sentidos em busca de uma rede organizada de obsessões” (2006, p. 116).

Percebi que o perfil dos narradores têm as seguintes características:

- pescadores artesanais, como aponta a legislação comentada ao longo do trabalho;
- alguns estão nas localidades onde pescam desde a infância sendo filhos e netos de pescadores; outros migraram para estas localidades, aderindo à atividade pesqueira;
- todos, com exceção de Paulo Denilto, tem baixa escolaridade;
- tem-se os que estão adoecidos em função da atividade e não podem mais pescar;
- nas famílias que constituíram, alguns dos filhos seguiram a atividade pesqueira.

De maneira geral as narrativas têm alguns pontos de encontro no que tange à sua percepção sobre políticas públicas e gestão dos territórios de pesca. Já o acesso

ao conhecimento sobre essas políticas se dá, segundo o que os narradores deixam entrever, a partir de suas entidades representativas como colônias de pesca, associações e/ou fóruns.

Quanto às experiências de representatividade, percebe-se que nem todos participam de encontros, decisões de agendas, entre outros, delegando aos seus representantes nas entidades.

Nas narrativas, é possível perceber os laços entre os pescadores nas diferentes localidades e entre elas, e com espaço exterior ao que vivem. Também, o ambiente em que vivem, à beira dos rios e lagoas é narrado por todos, constitui imaginários que os explicam, é sentido e significado, indicando formas de conduta e de uso do espaço.

Paulo Denilto

Só hoje foi vendido 300 kg de peixe, em pouca quantidade o quilo fica por oito pila [forma com que alguns sul-rio-grandenses referem-se à moeda corrente] e até cinco dependendo da quantidade, mas vem tudo, não é para escolher^l II.

Assim Paulo Denilto começou a contar a vida. Escolheu falar sobre uma das atividades dos pescadores, a venda do pescado, o volume de pescado e os preços. Isto tanto tem a ver com o perfil quanto com as políticas públicas que orientam a pesca artesanal. Livre de ordenamentos, sua “origem voluntária” não aparece na cápsula narrativa. Não perguntei nada sobre sua origem, filiação, como havia chegado à Praia do Paquetá. Ele escolheu não dar detalhes de sua vida privada.

Pela narrativa, a sua vida não começa no nascimento; não há uma ordem linear. Paulo Denilton apresenta sua vida pública como representante dos pescadores. **A prefeitura de Canoas disse que tinha feito um projeto para cá, então eu fui ver que tal de projeto era esse e não fizeram projeto nenhum^V.**

[...] para fazer realmente um projeto que envolva a comunidade e que a comunidade se beneficie. Agora você fazer projeto para outros, que nem o prefeito disse: eu fiz quiosque, eu fiz para quem? Para nós, não foi, foi para turista e não para quem vive aqui^V.

[...] Apoio do governo não temos^{II}.

Aqui não há julgamento quanto à postura do narrador. Apenas se destaca a posição assumida como liderança na comunidade e a compreensão da projeção do

seu próprio passado e imagem que forja para si mesmo no momento da narrativa, a sua ficcionalidade. Em função das suas experiências, pode ser que tenha se assumido como personagem pública e a vida familiar desaparece do relato, como observa Michael Pollak (1992).

Das instituições que participamos, o fórum de pescadores do Delta do Jacuí não tem nada a ver com a colônia de pesca, o fórum são ONGs e entidades governamentais e não governamentais e associações e todos relacionados à pesca que queiram participar em prol dos problemas relacionados à pesca e dos pescadores da comunidade que é do delta e do jacuí. Olha só o que a gente conseguiu com o fórum? A gente conseguiu uma parceria que vai ser o primeiro parque ecológico na área de APP [Área de Preservação Permanente] onde vai ser possível a pesca profissional e isso é um grande feito, pois dentro de uma área de preservação ambiental é proibido. É uma área intocada e a gente conseguiu isso, a secretaria estadual de meio ambiente e a secretaria que vai dar a permissão para nós^{IV}.

Agora eu sou conselheiro municipal de meio ambiente^{II}.

As memórias sobre representatividade ficam evidentes. Paulo Denilto narra situações que se relacionam ao cargo que ocupa de Presidente da Associação de Moradores e Pescadores da Praia do Paquetá e como membro do Conselho Municipal de Meio Ambiente. Salienta o protagonismo no acompanhamento de agendas de projetos do governo municipal que envolvem a comunidade. Reconhece a presença das entidades governamentais e não-governamentais e as que se articulam, como o Fórum da Pesca do Delta de Jacuí, relatando as conquistas e avanços que conseguiram por meio da articulação desta agremiação.

Em sua narrativa utilizou os pronomes “ele” e “eles” para se referir ao governo do estado ou município. Também usa os pronomes “vocês” ou “você”, para se referir à oralista, durante o diálogo, e ao restante da população da cidade. Em sua narrativa, colocou os demais moradores da cidade em uma condição de externalidade da realidade local. Esse externar é entendido como um característica que evidencia uma identidade que comunga com seus pares, pois “[...] o que está em jogo na memória é também o sentido de identidade individual e do grupo” (POLLAK, 1989, p. 8).

Os pescadores aqui, só querem, querem, não querem ajudar, eles só querem⁶. Claro que tem coisas relacionadas a nós aqui que eu chego e falo –

vai ter uma reunião sobre isso tal dia e eu quero que vocês vão – todo mundo vai, quando é importante mesmo todo mundo se abraça e vai. A gente já fez uns três mutirões na prefeitura que não deu em nada, mas a gente foi. A gente já foi no fórum a respeito da mortandade de peixe todos a gente foi em dois ônibus até lá^{VI}. Nessas falas observo a construção da saga e do herói na narrativa. Isto foi estudado por Portelli (2016): aqui se fez presente como o sujeito se percebe em relação ao seu grupo de pescadores, assumindo um papel de destaque, como a pessoa que media e representa os interesses dos demais. Sua atividade exprime movimento, protagonismo, uma vez que é o receptor das informações e faz as mediações entre os poderes estabelecidos e o grupo de pescadores que representa.

Muitos não entendem as estações de tratamento de indústria, que é para onde vai o dejetos, só que ela está mal instalada. Ela tinha que estar instalada em um lugar onde qualquer precipitação de chuva fosse água abundante, a gente sabe o quanto eles exageram. Que nem ontem tinha previsão de chuva, não esperou chover e largou e o que acontece, hoje já estava morrendo peixe, então agora eles têm essa preocupação que eles não tinham antes, e eles largam lá e quando dá enchente eles abrem tudo. Então até tem um estudo de transferência da estação de tratamento, mas não é comercialmente viável porque é longe é passando a Barra do Ribeiro onde querem fazer a parte de tratamento e descarte. Lá pela Lagoa dos Patos que não contaminaria rio nenhum e lá tem muita água e é justamente uma parte da lagoa onde ela é funda, não é onde a lagoa é rasa que daí corria risco também, é onde a lagoa é funda então tem o estudo deles lá. Ia diminuir a concentração de solutos, um vento que nem hoje, lá na lagoa remove toda a água, não precisa chover para largar o veneno^V.

A empresa quer se instalar dentro de uma área nobre de preservação naquele banhado ali que, se tu para tu vai ver esse ano não teve nenhum, mas tem sempre jacaré, ratão, capivara é tudo que tem ali⁵. Eles estão com todos os processos já prontos e trancados pela SPH, pra ti ter ideia a prefeitura foi tão rápida quando eles tiveram interesse em se instalar aqui que mudou a lei do plano diretor para favorecer eles, foi mudado, aquela área ali^V.

Paulo Denilton demonstra domínio de temáticas sobre resíduos sólidos, licenciamento ambiental, conhecimentos de territórios de pesca, que fazem parte da agenda de políticas públicas com viés ambiental. Explicou detalhes sobre os

processos legais, ambientais, conflitos causados e até alguns tipos de mazelas causadas pelo usos inadequados e práticas prejudiciais ao ambiente. Tem consciência de que seus conhecimentos são fundamentais para a defesa dos interesses dos pescadores da Praia do Paquetá.

Então se a gente poder mapear isso antes, aí o secretário – ah, mas tem que ter uma responsabilidade, tem que ser um biólogo – mas não tem problema, nós somos “biólogos” aqui tem a secretaria para nos dar apoio é só botar no papel, mas se vocês não querem isso e acham que vai prejudicar o andamento da cidade olha o que aconteceu em São Paulo – é porque não cuidaram do pequenininho que ficaram sem o grande – aí começou o conselheiro mais antigo – vocês tem que escutar – tu engolir um paredão ali, provavelmente é isso, tu imagina o que vai virar isso, mas olha só eles vão usar o rio, mas não é só os rios que eles vão usar, nós estamos num pátio onde tem rio, trem e estrada eles vão usar tudo. Só falta construir um aeroporto aqui^V.

Na narrativa pode-se identificar os conhecimentos construídos pela vivência. Compara o conhecimento acadêmico ao relatar a necessidade de um “biólogo” em uma determinada discussão, com o conhecimento de quem vive a situação de fato e sabe lidar com as adversidades. Também, o rio está presente na narrativa de Paulo Denilto, como um lugar afetivo que precisa ser preservado, constituinte do espaço-tempo da vida dos pescadores. Pollak informa que os lugares, junto com acontecimentos e personagens são elementos constitutivos da memória.

Mosa

O Paquetá na verdade faz pouco tempo que o pessoal se interessou pelo Rio dos Sinos digamos assim. Faz poucos anos que se interessaram, porque antes ninguém dava importância, digamos assim, para o rio e muito menos para o Rio dos Sinos. Porque até então se eles tomassem conhecimento de tudo que está acontecendo com todos os rios seria diferente. Por exemplo, o Paquetá terminou, no caso é um espaço aqui que terminou sendo um dos rios bastante afetados, custaram a se dar por conta que o Rio dos Sinos precisava, essa é a verdade que a gente consegue enxergar. A mortandade de peixe como problema grave não se dá apenas de dois três anos para cá se dá há muitos e muitos anos.

Mas o problema vem há muito tempo. O que acontece é que nem o Rio Gravataí: precisou quase ele morrer para ver que ele estava morrendo^V.

A narrativa de Mosa inicia, da mesma forma que Paulo Denilto: com uma denúncia. Mesmo afastada da pesca, mas apoiada nos saberes construídos há muitos anos, o que se impõe para ela é a percepção da quase morte dos rios dos Sinos e do Gravataí. Os pescadores, por seus saberes, compreendem os problemas, sabem quais as melhores soluções, mas não contam com a intervenção necessária das autoridades constituídas e com a construção de agendas de políticas públicas. As plantações de arroz nas várzeas, o uso de agrotóxicos e os barcos que extraem areia do leito dos rios são outros fatores que prejudicam as atividades pesqueiras

[...] um problema grave, grave que eu enxerguei depois que colocaram esses barco de chupão^{II, IV}. Esse é um barco que ele mesmo se carrega e se descarrega vamos dizer assim, ele mesmo faz todas as função, então eu para mim essa foi a parte que mais estragou em termos assim de pesca, porque esses barcos é um barco que não tinha. Eles deveriam, eles tem uma área em que eles podem retirar areia, mas isso não acontecia eles tiravam onde eles achavam melhor, onde era mais fácil carregar, onde era mais rápido carregar, não tinham problema de horário, tanto podia ser de noite ou de dia, a qualquer horário eles carregavam, isso pra nos causou vários transtornos por causa de rede^V. [...] eu fui uma que tive que ir atrás mais de uma vez, porque simplesmente a gente tava acampado colocava aqui as redes e no entanto eles vinham carregavam de noite e carregavam o que tinha eles iam levando junto e mais ainda pra ver que o problema é tão grave pra solucionar esse problema. A justiça não fazia nada, a gente tinha que ir no próprio depósito falar com o proprietário e o proprietário de comum acordo então entrava num acordo com a gente de reposição do material que havia sido danificado, que até então tu chegava numa delegacia antes registrar uma coisa dessas, ninguém dava bola^{VI}.

Ao longo da sua narrativa, Mosa mostra-se inconformada com a gestão dos territórios para a pesca e com o abandono que o pescador sofre, por não ter amparo em medidas do Estado. Entre as tantas implicações que isto traz, ainda enfrentam a desconfiança dos consumidores, por pescar em uma área poluída — caso do Rio dos Sinos —, o que dificulta a venda direta do pescado e acaba por ter a entrada de um atravessador da mercadoria, diminuindo ainda mais a margem de lucro.

Os pescadores aqui enfrentam problemas com a poluição, na hora de vender o peixe basta morar aqui para eles achar que é daqui e se for daqui ninguém compra é isso, então é claro que foi afetado o Rio do Sinos^v. [...] Os pescadores do Paquetá posso contar um ou dois que vendem peixe deles, mas não aqui[!]. Os rios morrem, eles são afetados, os pescadores enfrentam problemas para pescar e vender os peixes: a percepção de Mosa sobre o seu universo, permeia a sua narrativa, está arraigada no espaço das águas.

Eu parei de pescar, faz pouco tempo, faz uns dez anos, mas eu vivi minha vida pescando. Foi por causa de um problema de saúde que parei, um pouco sim, outro não, para te dizer bem a verdade, o problema que me levou a tudo isso não foi a pesca, eu tive foi a meningite nos meus 33 anos. E esse problema não me deu mais condições, depois disso, foram aparecendo outros problemas, que com certeza foi da pesca, problema de coluna que a gente forceja muito essas coisas assim, mas na época não foi por causa disso. Então eu fiquei dependente de medicação para o resto da vida e por isso não me dão autorização para pescar[!].

Eu tenho um filho que é pescador, por que eu sou filha e neta de pescador. Eu tenho três e só um pesca[!].

Mosa interrompe sua fala sobre os problemas da pesca no Paquetá declarando que parou com a atividade. A partir daí, faz uma imersão nas questões pessoais e familiares. Obrigada por questões de doença, seu percurso de filha e neta de pescador foi interrompido. Mosa não escolheu, foi obrigada a tomar outros rumos, porém sem deixar de ser ribeirinha. Neste momento, ela dá espaço para uma questão identitária — o ser neta e filha de pescadores e o quanto significa ter um filho que a seguiu na profissão.

Hoje eu estou com 48 anos. Eu nasci, eu nasci, literalmente eu nasci em agosto em uma enchente naquela ilha ali na Ilha dos Marinheiros, lá em cima a minha mãe morava lá então eu literalmente nasci.

Dos nossos filhos só um seguiu os pais, ele tirou a carteira dele com 16 anos, a carteira de aprendiz. Antes se dava aos 16 anos, e hoje ele tá com 28 anos e ele continua; a paixão dele é a beirada do rio[!]. A transmissão geracional de conhecimentos é evidenciada em sua fala, ao identificar-se como neta e filha de pescadores. O ponto de convergência de suas lembranças é o pescar e o seu

nascimento inscreve-se naquilo que faz sentido, o viver nas cercanias das águas e delas retirar seu sustento. Aqui aparece a saga performática (PORTELLI, 2016) do seu nascimento na Ilha dos Marinheiros no período de chuvas, em plena enchente. Trata-se de uma memória herdada (POLLAK, 1992), uma vez que seria impossível que tivesse lembranças próprias do seu nascimento. Certamente, retoma narrativas do grupo familiar ao qual pertence.

Na continuidade da sua fala, Mosa explica sua mudança da Ilha dos Marinheiros para a Praia do Paquetá para que seus filhos pudessem estudar. A carência do sistema educacional e a falta de infraestrutura básica não só da Ilha como no Paquetá foram salientadas em suas memórias sobre a vida cotidiana. Mais uma vez, a sua fala retoma as dificuldades do viver da pesca, as entidades representativas e as políticas públicas. São esses aspectos que conduziram a narrativa e que estão norteando as leituras e reflexões que fiz.

A região aqui na verdade pertence à Associação de Moradores e Pescadores do Paquetá, e eu deixei de ser sócia quando eu parei de pescar. Porque a Associação era o seguinte: até uma certa altura do tempo que não me lembro há quantos anos atrás, a gente podia continuar com a carteira só sem direito a benefícios. Sendo que eu já sou beneficiada, encostada no caso por esse problema de saúde, então não tenho direito a esses outros benefícios que nem tem a pesca quando para, hoje o pescador tem três meses de auxílio desemprego no caso [que é o defeso]^{IV}. [...] A colônia vem aqui digamos assim uma vez no ano, e assim nenhum órgão se interessou realmente pelo rio aqui. No Paquetá, veio lá um ou outro que olhavam uma coisa falavam sobre uma coisa, mas nada foi levado a frente. As coisas só ficam no papel, são só leis, o que tem feito mesmo é muito pouco^{IV}.

Pelos relatos, Mosa nos dá a ver uma situação precária de vida, com autoridades constituídas e entidades pouco fazendo para resolver questões prementes como a “saúde” dos rios, a sobrevivência do pescador, a inoperância das leis e uma gestão de território imprópria.

Mas há algo que a anima: **Eu agora me preocupo em criar meu neto^I**. Mosa, ao voltar-se para o neto, imprime um movimento de continuidade e de conservação da família. Sua identidade está relacionada às águas e cuidar de sua família é garantia de continuidade da vida.

Pensar na família trouxe a narrativa de Mosa novamente para a situação dos pescadores. **Só teria uma melhora se trabalhassem juntos, eu acho os projetos que eles lançam muito pobre, porque eles fizeram um padrão deles sentaram numa mesa e definiram e para mim faltou um pouco de estudo da parte deles para fazer um projeto mais concreto^V.** Faz uma crítica à articulação interna dos pescadores da Praia do Paquetá, afirmando a ausência da Colônia de Pesca na comunidade e pouco interesse de órgãos públicos em aproximar-se das localidades. Reforçou a falta de continuidade em projetos, poucas reuniões e escasso ou nenhum envolvimento da comunidade local. Em seus relatos memoriais em relação a participação e representatividade, a narradora apresenta soluções para as dificuldades encontradas.

Raramente houve reunião desse tipo muito pouca e eu tenho para mim que já faz uns três anos agora [...] Eles não vêm para beira do rio, não fazem um projeto e olham o que está acontecendo, é por isso que não vai para frente e não desenvolve, creio eu que esse é o problema. Porque o dinheiro todo que eles gastam para pagar esse pessoal que não pesca^V.

A narradora trouxe uma série de pontos relevantes para as políticas públicas, principalmente no que tange ao eixo produtivo e à sua regulação. Entre o que expôs está:

- Registro Geral da pesca - o cadastro de pescadores que de fato não vivem da pesca artesanal, mas que têm dinheiro para fazer o pagamento do documento. A falta de efetividade da fiscalização para verificar quem realmente tem direito ou não à carteira. O custo elevado para a confecção da carteira impossibilita o acesso para pessoas mais carentes e que necessitam pescar para sua subsistência. Ainda, há um longo tempo de espera para a liberação da licença de pesca. **[...] a carteira de amador que dá direito a uma quantidade bem menor e não é isso que acontece todo mundo quer a profissional para ter direito a bastante “terreno”^{II}.**
- Regulação de embarcações - situação semelhante à da carteira profissional. O custo para cadastro é alto, anual e ainda há a obrigação do vínculo com a Colônia de Pesca.

- Fiscalização - aqui os principais conflitos foram relacionados ao IBAMA: retirada das redes, fiscalização ineficiente e arbitrária, falta de educação ambiental permanente em relação ao material utilizado, orientação em relação às espécies de peixes proibidas, e não pescar no período do defeso. [...] **A justiça não fazia nada, a gente tinha que ir no próprio depósito falar com o proprietário e o proprietário de comum acordo então entrava num acordo com a gente de reposição do material que havia sido danificado, que até então tu chegava numa delegacia antes registrar uma coisa dessas, ninguém dava bola^{VI}. Dizer que eu estava errada, para eu poder pegar a minha rede de volta^{VI} [...] Mandaram pegar qualquer uma lá no monte. Eu disse não qualquer uma, eu quero as minhas, eu disse para eles eu disse não, não é tudo igual cada pescador conhece, aí eu vou pegar as fateixas do vizinho e faltou as redes do vizinho aí fui eu que peguei^{VI}.**

A narradora abordou em sua cápsula, conhecimentos sobre espécies de peixes, territórios de pesca, os fazeres das redes, espinhéis. Todas essas práticas e conhecimentos fazem parte de uma memória ambiental já discutida por Devos (2007). Sua fala foi densa e reflexiva e explorou o protagonismo e a oralidade trabalhada por Benjamin (1987).

Miro

Por livre escolha Miro iniciou com uma afirmação: **A gente pesca com compromisso [...]**. Na fala do Miro foi possível identificar uma rotina da pesca, ligada aos afazeres da vida cotidiana e às águas.

A gente pesca com compromisso, a gente não para um dia, é todo dia 6 horas ou 7 horas está ali, eu vou parar só sábado. No sábado encerro para descansar até segunda e segunda eu recomeço. É um compromisso que a gente tem né, eu já trabalhei em firma, já pinteí, já fui chacareiro mais não adiantou nada a gente é acostumado a essa água aí, a gente já foi embora pra tentar em outro lugar, mas não deu certo. A gente volta, o cara sente saudades daqui, já fomos até plantar laranja em Taquari, mas não deu certo, a gente sentava de tardezinha e via aquele sol amarelo descendo o chimarrão e lembrava do rio^I.

O relato de Miro está relacionado a um espaço cujas marcas se constituíram e se fixaram em imagens, na paisagem, na lembrança. A construção de memórias fez com que viajasse por outros espaços não significativos, pois ao estar neles, o narrador encontrava uma semente de lembrança (HALBWACHS, 2004) que o transportava para o ambiente ribeirinho. É nessa sequência que sua fala explode: **Eu sou natural daqui e isso aqui era mato!**

[...] Nasci me criando e bebendo essa água do rio, mas hoje eu não posso, se eu tomar uma caneca daquela água do Rio dos Sinos eu vou parar no hospital por incrível que pareça!

Eu nasci aqui em Porto Alegre na Santa Casa, eu acho que o único hospital que tinha naquela época era o Santa Casa!

O narrador é filho de pescador, tem irmãos pescadores e sua família foi uma das primeiras a ocupar o local. Assim como Mosa, Miro fala sobre o pioneirismo, do trabalho desbravador na praia do Paquetá.

Agora melhorou bastante, fizeram bastante melhoras, depois que o Paulo assumiu a associação melhorou bastante pelo menos pelos direitos da gente que é pescador. Ele procura, na colônia de pesca se precisa ele vai lá e caminha e a gente está sempre procurando. Antes a associação era fria, dava um dava outra era uma chafurda sabe, a gente não tinha um negócio quente, foi passando para um para outro mais agora essa associação ai ela tá registrada e tá quente. Eu vou dizer bem a verdade, eu não vou muito nesses negócios, o Paulo quando tiver que ir o Paulo que vai, se tiver uma praia que tem uma reunião com os presidentes pescadores ele vai eu quase não tenho tempo, vivo trabalhando^{IV}.

Em relação à participação nas discussões de políticas públicas, junto à Associação de Moradores e Pescadores, por exemplo, há uma representatividade delegada. Não ter tempo para acompanhar as lutas pelas demandas da comunidade é a realidade dos pescadores: sem peixes não sobrevivem. Portanto, sua representação nas diferentes instâncias é delegada a uma liderança e a uma entidade. Ainda em sua narrativa, identifiquei preocupações relacionadas às questões problemáticas do cotidiano, que pedem soluções imediatas. Isto, em termos de representatividade, dificulta o fomento de discussões que visem ao planejamento de médio e longo prazo.

Eu espero que tenha o rio para pescar, porque isso aí teve desde o começo do mundo então eu acho que nunca vai terminar. Pescador mesmo, na época tinha mais pescador aqui, tinha uns quantos e agora pescador mesmo tem poucos, meu pai, meus tios eram tudo da [Ilha da] Pintada, lá da colônia de pesca tinha bastante pescador e morreu tudo e os filhos mesmo poucos pescam, metade começaram a trabalhar e estudar^l. A fala do Miro trouxe uma situação que perpassa as narrativas dos pescadores — a questão da sucessão e a necessidade de transmitir, passar adiante os saberes e os fazeres. A pesca artesanal é atividade com pouca expressão econômica no Rio Grande do Sul e a prática encontra-se nos espaços periféricos, potencializando a situação de vulnerabilidade social dos pescadores.

O rio não fica pra ti, ele vai pra outros lugares e vai entrando e vai entrando e no fim vai longe porque o pescador, na época o pescador ele era esquecido. Teve um prefeito disse em Canoas aqui não tinha pescador. Ele disse que não tem pescador, pescador tem aqui há 50 anos^v.

Em sua fala há esperança que a pesca sempre irá existir, pois existe desde sempre, de acordo com seu relato, mas ao mesmo tempo seus filhos já não pescam. Na atividade ficou somente ele e a esposa, e contou que a maioria dos pescadores não consegue viver somente da pesca, pois a renda não é o suficiente para manter suas famílias.

A noção de relação entre a natureza e o homem foi enfática na fala de Miro. Existe uma sinergia entre memória, cotidiano, natureza, indissociável na pesca. Existe simplicidade no viver e não miséria. O pescador não passa fome, ele tem acesso ao alimento, à sua subsistência. Outra situação foi a dos problemas de saúde decorrentes da pesca, o narrador relatou a dificuldade que tem para pescar e o aguardo por sua aposentadoria.

Nego

Nós viemos para cá em [19]98, e faz uns dez, onze anos que eu moro aqui. Antes a gente vivia de aluguel. Eu já vinha para cá, mas pescava de vez em quando, não era direto. Direto mesmo faz uns 6, 7 anos. Eu fiz a carteira, tudo, carteira, documento de barco, seguro isso a gente tem tudo e antes eu trabalhava de motorista^l.

Nego é um pescador que não tem uma tradição familiar de pesca. Sua ida para a Praia do Paquetá está relacionada a uma ruptura com uma vida anterior “de aluguel”, para um “viemos para cá”, em um movimento em busca de viver melhor. Não se trata de uma escolha forçada. Ela foi gerada ao longo do tempo. Da pescaria por lazer para aquela como atividade principal. Houve escolha e um tomar a direção da jornada. Nesse movimento, assume esta nova vida e acredita poder realizar algo pelo lugar e pela comunidade de pescadores.

Eu sou fiscal da associação daqui, cuido para não invadirem mais cuida, um se comunica com outro e assim vai indo, mas o Paulo que é o Presidente, e a gente se encontra na temporada de pesca, eu saio as vezes eu passo o domingo de noite, até sábado, eu vou no outro e volto sábado, pelo mato depois tu retorna, não tem como a gente tá direto. Fomos só em reuniões, em várias, para discutir esse negócio de lugar, carteira, de pesca muitas carteiras aí foram anuladas, também do pessoal parece que não era pescador, moravam aqui, como pescador, e não era, aí o que eles pegaram eles anularam tudo^{II, IV, V}.

Na vida que vai construindo na narrativa, a participação social está ligada a situações cotidianas, como o controle da ocupação. Não trata sobre o envolvimento em relação à gestão de território e ao planejamento a longo prazo. Existe uma carência de regramento e de fiscalização efetiva que auxiliem os pescadores a manter a integridade do local em termos de ocupação desordenada do espaço. Nego, assim como os outros pescadores, luta diariamente para manter suas atividades em uma região urbana, e está às margens dos rios e da própria sociedade.

Sobre esse negócio de projetos para o Paquetá, eu soube de dois ou três, só que não sei como é que funciona, parece tem que alguma empresa para comprar o projeto. A Prefeitura em si parece que não bota dinheiro. Uma empresa que todos os anos eles tem que aplicar em meio ambiente^{II, V}.

Nego é fiscal da Associação de Moradores, mas pouco sabe dos projetos para a Praia do Paquetá que envolvem turismo cultural, inserção de indústrias com construção de portos. Os pescadores, o que será feito deles? Nego não sabe, mas de uma coisa ele tem certeza: **Pescar é uma coisa que eu gosto, gosto mesmo então não tem, eu, por mim, eu fico por aqui mesmo até eu morrer. Os meus filhos estudaram, até uma que mora aqui do lado ela tem curso de cabeleireira, ela trabalha num salão, a minha outra e mais nova, ela tem 16 anos^I.** As

dificuldades de viver exclusivamente da pesca levou-os a estudarem e procurar por outras ocupações profissionais.

A narrativa de Nego não esconde o medo e os sonhos: **Aqui é invasão tudo, a preocupação é tirar a gente. Já pensou onde que eu vou enfiar três barcos? Eu não tenho certeza se podem nos tirar ou não e esse é o nosso único problema, saber se vão ou se não vão mexer com a gente. E avisa não, eles não falam nada para gente nós somos os últimos a saber quando vê tão chegando aqui e "tem que sair, tem que sair"!** ¹¹. Percebi que a possibilidade de um deslocamento forçado, assusta o narrador. Também, ele exprime sentimentos que não são só dele, mas da comunidade de pescadores, dando visibilidade à comunidade afetiva e a experiências de vidas que se cruzam na busca de defender a continuidade da sua realidade, mesmo com todas as dificuldades que a perpassam.

[..] Aqui onde eu moro não vem a correspondência, aí eu tenho que sair correndo atrás do carteiro. É bem assim. Ele já me conhece que, às vezes ele passa para alguém e pede pra me entregar. O ponto fica a seis metros dali até aqui e o cara me conhece de tanto que eu ataco na rua. Falam que não me atende porque é fora de área, mas pelo amor de Deus me atende, por bom senso anda 6 metros a mais. Engraçado, quando eu emplaquei o reboque, quando veio o documento novo, ele me trouxe aqui o documento, e eu — tá, mas vocês não entram aqui, não é fora da área? E ele respondeu — Quando é documento novo a gente traz. E eu disse: — E as contas não traz porquê^v?

Viver na Praia do Paquetá e ser pescador envolve esforços e conflitos e angústias de mudanças que podem tornar-se profundas. A Associação de Moradores é um espaço de convergência, de manifestação a respeito dos problemas, da sociabilidade e da informação.

Jaque

Eu me chamo Jaqueline da Silva Freitas, mas aqui todos me conhecem por Jaque. Eu sou pescadora de profissão, na realidade agora eu estou encostada (benefício da Previdência Social), mas eu vou me aposentar porque eu não tenho mais condições de trabalhar. Eu estou com um problema na coluna e já não consigo nem caminhar direito!

Eu conheço isso aqui (o rio) desde que eu me conheço por gente, sou neta de pescador. A vida toda ele foi no rio e nossa família sempre morou nas beiras de rio aqui. Então foi de criança que comecei a pescar também!

O Alemão nasceu aqui e se criou, antigamente aqui não tinha nada, não tinha luz não tinha água. Aqui se tomava a água do rio, ali lavavam a roupa, a louça, tudo do rio. É o que eu digo a pessoa que mora assim, que já vive assim, que vive da pesca, tem esse meio de viver normalmente!

Dizer de si, mostrar quem é, foi o eixo narrativo e temporal escolhido por Jaque — sua “origem voluntária”. Sua qualificação está relacionada a seu grupo de pertencimento, ao espaço e aos acontecimentos cotidianos como pescar, lavar roupa e louça no rio. Pollak (1992, p. 202) nos diz sobre esses “marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis.” Suas memórias, construídas no momento da cápsula narrativa, estão relacionadas ao rio, vão se reconstruindo, mediadas por princípios organizativos e lembranças compartilhadas com seu grupo de pertencimento (HALBWACHS, 2004).

Neta e filha de pescador, e hoje pescadora afastada das atividades por motivo de doença, relata acontecimentos passados, memórias compartilhadas no decorrer do tempo, no mesmo espaço, exprimindo indícios de reelaboração dos sentidos e significados do passado prolongando-se em saberes tradicionais. Sua narrativa não apresenta a característica da saga desbravadora, mas sim a construção de representação de harmonia entre os pescadores e o ambiente. Esta relação faz-se presente em sua fala quando narra que **O pescador ele cuida mais do meio ambiente, por exemplo, a gente que acampava para pescar, agora não tem mais, a minha filha pequena ela usava fralda e eu levava ela para acampar junto, então ela sempre trazia o lixo da gente. Agora quem não é mesmo pescador ele não cuida muito, a gente vê no verão as pessoas que vem na beira do rio e faz uma bagunça!**

Aqui Jaque reforça a diferença entre os ribeirinhos e aqueles que vão ao local para lazer. Aqueles sabem que sem o rio não há vida, portanto os estreitos vínculos com o espaço e a intimidade com os ciclos naturais. O cuidado do o ambiente é expresso na sua fala sobre uma das entidades representativas dos pescadores.

A Associação aqui é normal, todo mundo participa, todo mundo vai agora é que não tinha organização e olha tudo que o Paulo faz? Uns onze anos assim,

é sim, nós participamos, eu agora não acompanho mais porque não tenho condições mesmo né, mais já participamos bastante de reuniões já seria melhor é verdade, é às vezes a pessoa tem que ir. Que nem agora a pouco tempo tiveram que se deslocar até Porto Alegre né, teve uma audiência para falar sobre a mortandade do peixe, ainda tão nisso. E um monte de pescadores foram na audiência mais já teve reuniões ali perto de Esteio, para lá de Esteio, mas se fosse por aqui...^{VI}.

Nas falas dos pescadores da Praia do Paquetá, a figura de Paulo Denilto está presente, sendo reconhecido pelos serviços prestados à comunidade. Seu sucesso nas lutas locais, em muito está relacionado à representatividade delegada ao líder da Associação de Moradores e Pescadores.

Nas narrativas de Jaque como na de Nego, perpassa a insegurança que têm de, em algum momento, não poderem mais viver na beira do rio. Ocorre que estão assentados em uma APA. **O único medo que a gente pode ter assim é de eles tirar a gente daqui da beira do rio algum dia não sei, porque aqui é um lugar tranquilo também sabe de noite e tudo, que nem quando tu dorme e não tem aquela barulheira, que nem tem^{III}.**

Em 2010, o Relatório Final da Comissão Especial do Delta do Jacuí³⁶, informava que plano de manejo havia previsto o mapeamento de áreas para assentamentos, projetos de moradias, entre outros, mas isso priorizava as comunidades dos ilhéus. A Portaria Sema nº 27, de 13 de junho de 2012 que aprova regras para a pesca tradicional no interior do Parque Estadual Delta do Jacuí, não trata sobre o caso de assentamentos ribeirinhos. Nas narrativas, a não ser na de Paulo Denilto, não percebi conhecimento sobre os aspectos legais das políticas públicas por parte dos pescadores do Paquetá.

Aqui traz muita recordação para gente também né desde quando a gente era pequeno, eu me lembro quando eu era pequena meu avô e minha avó moravam aqui e eram pescadores, então a gente não via a hora de chegar as férias para passar as férias na casa da avó e do avô, dava enchente as vezes né,

³⁶ Disponível em

http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repdcp_m505/ComEspDelta_Jacui/RFinal_Delta_Jacui%C3%A9D.pdf

muita recordação, muita coisa boa, bastante coisa boa, nossas pescarias mesmo, só nós dois mesmo!

O sentido está no cotidiano da atividade pesqueira, sua ligação é com o pescar, o prover o sustento da família, o preservar do ambiente. Trata-se da sua luta não só por sua vida, mas também, pela vida dos demais pescadores.

Rosane

Quer uma cerveja?

Esta foi a forma inusitada de Rosane iniciar a cápsula narrativa. Naquele momento, perplexa, eu não possuía ideia de como se daria o seu desdobramento, porém, como ponderou Barthes (2002), fui “picada” por esta oferta de cerveja. Revelar esta peculiaridade é fundamental para entender melhor essa personagem deste trabalho com a História Oral. A leitura e reflexão sobre a narrativa encontram-se impregnadas por este gesto.

Enquanto tomávamos a bebida, Rosane deu prosseguimento ao seu relato, apresentando-se: **Eu sou natural de Porto Alegre. Já faz trinta e poucos anos que eu moro aqui na praia!** Diferentemente dos narradores anteriores, Rosane pesca no mar e/ou em lagoas no entorno do litoral norte do Rio Grande do Sul. Isto importa em outras experiências, saberes e práticas. Em comum com os demais, a percepção da diminuição dos peixes nos locais de pesca.

Logo após identificar-se, Rosane passa às dificuldades enfrentadas pelos pescadores em relação às permissões para exercer a atividade em determinados momentos do ano e as soluções encontradas para a sobrevivência. O defeso é resultante de política pública, que auxilia os pescadores nas épocas em que a pesca é proibida.

Nós já pedimos para ter pesca no verão, para ter mesmo uma liberação para pescar no verão, que a gente não tem. Tem a Piracema nesse período. E por causa que no verão a gente aqui vende peixe. Daí espera a vista, o ruim mesmo é só isso^{VI}. [...] Mas estão nos pagando o defeso, esse ano deu uma trancada, porque mudou o governo. A gente achou até que nem ia receber, veio com atraso^{III}.

Eu tenho aqui o comércio próprio. É, a gente vende o peixe, cerveja, com a cachaça, mas a maioria em comércio de peixe. O meu marido também vende

na beira da praia. Aqui não se vende para restaurante. É, é só para os conhecidos. Os conhecidos que já sabe que a gente vende peixe. A temporada de veraneio é no dia 24 de dezembro e vem bastante gente¹.

Em tempos de dificuldades, os pescadores se organizam, encontram outras soluções no trabalho conjunto da família.

A minha família toda é de pescadores¹. Tem uma irmã, tem irmãos e sobrinhos que pescam lá em Mostardas, na praia São Simão todos vivem também da pesca. Minha família veio de Santa Catarina. [...] Então pai, mãe criavam a gente do peixe, mas hoje em dia que está bem difícil a coisa. Com a renda da pesca a gente viveu muito bem¹.

Cada narrador dá início ao seu texto, de forma voluntária, imprimindo a sua particularidade. A origem de Rosane não ocorreu no ponto zero da sua narrativa, mas vai sendo pontuado ao longo da sua fala. O aspecto familiar foi ressaltado nas cápsulas narrativas (com exceção de Paulo Denilto), tratando-se de aspecto comum no caso dos pescadores. O parentesco é relevante, entre outros em função da transmissão oral de saberes sobre a atividade pesqueira, a relação com o ambiente e com as águas. A memória geracional se faz presente nos relatos de práticas transmitidas e da origem do ofício em avós, pais e tios.

Rosane se faz presente em encontros e fóruns, como junto às entidades representativas. **Eles ficam bravos porque eu vou sempre nas reuniões da EMATER³⁷. Eu fui no Fórum da Pesca agora, uns dois meses atrás em Tramandaí, eles falaram, porque o que está aí é nosso, é a proibição do bagre. É, a proibição do bagre, a proibição da, que é, não aparece muito, só se tu pescar mesmo lá fora. A viola. A viola está para ser proibida também. [...] Nas reuniões de pesca. É, a gente vai, Mas quase não é horário que tá na praia. A maioria quem vai sou eu que vou [...]^{VI}.** É ativa em termos do cuidado em saber o que ocorre no mundo da pesca em relação ao território em que vive, no informar-se sobre políticas públicas e aspectos legais. Outra característica que emerge da sua fala é a de ser uma pessoa em busca informações sobre o que poderá trazer melhorias para pescadores.

³⁷ Emater autarquia que responde pela assistência técnica e extensão rural no RS. Disponível em: <http://www.emater.tche.br/site/a-emater/apresentacao.php#.XlgeOqhKiM8>. Acesso em 27.fev.2020.

Eu olhei na televisão falando que coisa boa a Marinha do Brasil, gente! Eu fico pensando, porque até então, tu não tem tanta noção. [...] A organização do curso foi a Colônia de pesca, daqui é a Z-30 que somos sócios. A Colônia que arrumou entra por Xangri-Lá, mas é Rainha do Mar, é a casa do pescador^{IV}. É, uma associação. Para ver se, que daí se for uma associação, que nem eu disse, precisava de um lugar para fazer uma sede para ter à associação, que funciona, porque sindicato ali não funciona. Eu saí fui para lá pra ver tudo. É, ele, e não está funcionando, daí eles querem ver o que fazer. O censo da pesca, agora eu não sei, mas eu acho que eles conseguiram. É, acho que agora eles conseguiram, com um balanço, porque a EMATER está bem interessada, mais presente^{IV}.

Eles têm um lugar onde são acolhidos: **A Colônia [...] a casa do pescador**. Pela ênfase de Rosane, percebi que se trata de um território de afirmação identitária, para além do espaço onde são depositadas suas demandas, onde se afirmam perante a sociedade (SANTOS, 2007). É a partir desta “casa” que ela busca treinamentos, formação continuada: **Para fazer os treinamentos tem que estar com o pagamento em dia com a Colônia de Pesca. Fica em média uns cento e cinquenta reais por ano. A do barco, até agora a gente vai te que pegar e ter dinheiro e fazer essa** ^{III,IV,VI}. Essas práticas são recursos, tanto para manter-se informada em relação a sua atividade, como para marcas da sua experiência.

Enquanto o medo dos pescadores do Paquetá é expresso na possibilidade de serem retirados das suas moradias ribeirinhas, Rosane o expressa em torno de barcos de pesca de fora do Rio Grande do Sul que vem fazer cerco nas Praias do Litoral Norte. **Outra coisa que acontece aqui, na quarta ou quinta-feira também veio um barco de Santa Catarina, um caminhão, eles estavam fazendo cerco! Cerco aqui não pode! Estavam fazendo cerco aqui na volta. Aí liguei para PATRAM³⁸ e a pergunta: “ah, tu sabe o nome da embarcação? Tu sabe o nome?”, eu disse “olha, quem estava na beira da praia era o meu esposo, ele não sabe, ele não viu o nome da embarcação”^V**. Estas incursões são duplamente problemáticas, uma vez que se por um lado incidem em pratica pesqueira que prejudica o ambiente, por outro, os pescadores locais não recebem a devida atenção da fiscalização.

³⁸ Patrulha Ambiental vinculada à polícia estadual que responde pela fiscalização ambiental.

Outra situação que causa temor é a possibilidade de que os órgãos de fiscalização realizem ações que venham a prejudicar os pescadores artesanais com situação regularizada. Rosane relata um caso: **E PATRAN é terrível. Esses dias estava, foi semana passada eu acho, quinta ou quarta-feira fizeram uma limpa, na beira da praia. Quem não tinha carteira, não tinha nada, eles estavam recolhendo todos os peixes. Recolheram tudo. Ligaram para meu marido, nós estávamos indo no curso, ligaram pra ele falando, a gente estava lá no curso, não tinha como vir, o outro rapaz que recolhe foi lá, ele também é tudo certinho, legalizado, para não levar^{II,III,VI}.** A partir daí, percebe-se as condições contraditórias que os pescadores enfrentam no seu cotidiano: exercer a representatividade nos seus espaços para tal, é uma necessidade, porém, nem todos podem estar presentes. É necessário que tenham, também, atalaias (aqueles que vigiam) na praia, sempre atentos às possíveis ocorrências com as redes e os barcos.

Rosane exprime um estranhamento em relação a algumas entidades voltadas para pescadores artesanais: [...] **Fórum da Pesca. É que nem no bloco do produtor, no bloco do produtor não é “pescador profissional” que fala, é “pesca e agricultura”. Que não tem nada a ver, nem é disso. Tem algumas coisas que tem que mudar, mas... da lei estadual da pesca ainda não, não tem nada, não tem nada decretado. Foi só decreto. Não é nada de concreto. E assim, eu vejo, que no Fórum da Pesca vem gente de outros lugares como Pinhal, Cidreira... E o que que tu vê? Tu vê, tu ouve, e fala uma coisa, e dali, tipo, de Tramandaí para lá já é outra coisa, é isso que eu não entendo. E é tudo a mesma coisa, gente. Não sei por que que muda de um lugar para o outro já, já muda total. Tão pertinho^{III,IV,VI}.** A narradora tem a percepção de que há uma desarticulação entre as entidades. A falta de sinergia entre os entes públicos e a própria não participação na elaboração de agendas para políticas públicas por parte dos pescadores, fica evidenciada. As políticas existem, mas o Estado age de forma difusa e descontraída.

Méia

A situação dos pescadores são a mesma. E do bagre não tem nenhum acordo é proibido, mas tem um monte. E a multa para cada um que você pega são cinco mil reais.^{II,V}

O eixo narrativo do texto de Méia é baseado naquilo que preocupa e que move a articulação dos pescadores na Ilha da Pintada — as restrições à pesca do bagre. No decorrer fala, ele insere sua origem, família e sua saga.

Nós nascemos e nos criamos aqui. Eu morei sempre aqui na Ilha da Pintada. Eu já estou há trinta anos nessa vida e criamos os quatro filhos tudo com a pescaria, tudo pescando¹. [...] Eu morava na rua do cemitério ali. É, antes de subir a pontezinha da Ilha tu dobra assim, lá que eu morava. Depois que eu vim morar aqui, mas é quase 30 anos quase.

Na sequência, Méia apresenta-se, ainda sem dizer seu nome. Ele fala sobre o seu espaço, a Ilha da Pintada, remete às suas atividades cotidianas e a jornada de criar os filhos, sustenta-los, segundo ele, a partir da pesca. Não parece haver rupturas na sua vida, pois, a Ilha da Pintada é o seu mundo, o seu território. Ele escolheu o seu caminho, é o herói que traçou um percurso, passou por dificuldades, mas conseguiu vencer os obstáculos.

Então, ele se apresenta: **Eu me chamo Alexandre. Sou filho de pescador. Todos aqui só me conhecem por Méia. Eu vendo meu peixe lá no Morro Santa Tereza¹.** Meia começou com um agora, o tempo da proibição da pesca do bagre. Este é o seu nascimento voluntário. O antes, o falar de si vem depois e é feito de forma dramática: **Eu me chamo Alexandre. Sou filho de pescador¹.**

Não há aqui uma ordem temporal linear. A vida de Méia oscila entre as águas, a Ilha, a pesca, os peixes, as atividades “por fora” da pesca que auxiliam no sustento. **Para auxiliar na renda a maioria faz bico por fora. Quando não estava pescando, eu trabalhei quinze anos com bate estaca. Lá no Paquetá eu fiz um monte de casa. Eu fiz o estaqueamento para carregar os barcos de areia, o bate estaca para eles lá. Aqueles trapiches ali do Paquetá foi eu, tudo com a turma do pessoal, com eles tudo na volta no barco ali, com um monte de amigos ali na volta¹.**

Aqui ele desconstrói o discurso anterior de que é possível só viver da pesca, mas não o assume, pois trata o trabalho fora da atividade pesqueira como forma de **auxiliar na renda¹**. Não só Méia trabalhava em outras frentes, os pescadores em geral, na Ilha **faz bico por fora¹**. Aqui percebe-se que o narrador teve de fazer escolhas para manter a família e isso não se deu somente pela pesca. Dessa fala, ele

retorna ao eixo narrativo com o qual iniciou o discurso, o nascimento voluntário que parte das dificuldades enfrentadas pelos pescadores e seus temores.

Quem fiscaliza aqui é a SEMA e a polícia ambiental. A SEMA é aqui da Ilha da Pintada. Me pegaram duas vezes, eu falei: — Não tem condições, se eu começar a largar a rede às cinco da tarde eu vou à meia noite, porque se faz cinquenta redes. Se vai começar a colher às cinco tu vai parar meio dia, vai nem começar a colher, vai ter que terminar até às oito, vai que hora de madrugada, vai sair meia noite para colher até às oito^{II,V}.

Os conflitos com a fiscalização, os custos altos e pouco retorno financeiro, também são discussões que estão nas memórias sobre as rotinas da pesca. Aqui, mais uma vez, encontro conflitos na gestão do território e nas interações entre as políticas públicas. A questão do território está atrelada a conflitos de usos e falta de orientação. Durante a fala, Méia aponta inúmeras soluções para as mazelas que enfrentam e, por vezes, o que pode parecer conflitante, para quem observa de fora é, por exemplo, a permissão para a instalação de condomínios de alto luxo, no decorrer dos anos, às margens do Lago Rio Guáiba.

Esses espaços que vão sendo apropriados por aqueles que vêm de fora, fazem parte da construção identitária dos pescadores. Não é só Méia quem perde, a comunidade como um todo também. Assim, o eixo narrativo retorna às questões pessoais. **Eu tenho Pai e mãe pescador morava aqui para cima, nós sempre buscamos um lugar aqui^I.** Ficar no lugar, estar junto à comunidade afetiva implica em escolhas para sobreviver. Algo fora da sua vontade, enquanto espera a situação melhorar.

Eu sempre trabalhei por conta a vida toda, trabalhei em casa, trabalhei em mercado público, em peixaria muitos anos, quinze anos no mercado público, mas não pude mais. Era cortando filé. Também fui promotor no Carrefour, BIG, tudo isso, tudo em peixaria. Eu montava peixaria, desmontava peixaria, mas aí, o salário era só para os ricos. Trabalhava só para eles, mas agora é trabalhar para mim^I. Eu estava cortando peixe chorava sozinho, sapateava. Diz que que eu quero com isso? Mas nunca mais no mercado. Mas boto peixe até hoje no mercado, boto feira no mercado. Peixe dá dinheiro sabe, tempo que depender dá dinheiro, mas tem tempo que tu vai atrás de peixe não acha nada^I.

Para Méia, o trabalho auxiliou-o a passar para um outro tempo e para outras condições, a de trabalhar por conta que ele entende melhor. A pesca é uma solução, pois segundo ele, peixe, quando tem, dá dinheiro. Mas para pescar, além do peixe, é preciso poder pesca-lo.

Pescar bagre é proibido, mas tem uns que vendem. É só para o pobre que pega isso. O ano passado venderam na feira todos de caminhão, soltou bagre, bagre do Uruguai. Bagre do Uruguai. O cara tem um grandão lá que faz um canetaço uma nota. Eu se eu pego um cara desse eu: — Oh, me dá uma nota dessas, estou pescando no Uruguai! É, a foto não diz de onde que é o peixe. Vai vender o bagre o ano todo e agora na feira do peixe nós não estamos indo com o bagre, com medo, que o bagre vendeu ano passado. Se é por tratamento e manutenção os caras nem trabalham então. O cara diz “não trabalho com o bagre” isso aqui, todo mundo vendeu, não deu nada. Fiscal nenhum abordou, vieram nada, vieram nada^{II,III,V}. Fizeram reunião do Z-5: — Cada um que sair a pescar junto com o pescador para colher rede, eles iam medir o barco e na medida, solta no rio. Já pensou, cada vez que pesca ter que medir? Passar o dia todo no rio^{IV,VI}.

A feiticeira? Pode! É a violinha a mais miúda, a nossa aqui para cima é a malha 8 que é permitida. Abaixo da malha oito começa a vir pedra, a malha oito que é a permitida. A feiticeira, não tem jeito, que não pode que é a dois pontos ou três. Não sei como é que as loja vende, que é pra camarão, mas ninguém pesca camarão. Aqui é violinha e vende, mas para ti ver^{III}.

O narrador reconhece uma articulação com as entidades representativas, mas não destaca como relevante e nem efetiva a sua atuação na comunidade. Relatou também, um desgaste com as políticas públicas, pela longa espera para ter resultados palpáveis e pelo manejo exigido pela fiscalização que não é o mesmo para todos. Do lugar do pescador, um rastro de ressentimento perpassa o seu discurso, uma indignação que move para ações de resistência e resiliência.

Antigamente tínhamos outros peixes, até Dourado. O Dourado sumiu, mas é o veneno também, vai ver a quantidade de peixe do Rio dos Sinos. Vê se resolveram alguma coisa, não resolveram!^{II}

Para tirar areia é só de Charqueadas para cima para carregar, com a draga. A draga carregava ela no barco que eu trabalhava. Eles tão brigando para abrir

o canal nosso, aqui tem esses barcos bons aqui, não precisa de draga. Chega ali, chupa a areia, e vai te falta que não chupa o peixe. Um barco daqueles com oitocentos metros de areia, não vai puxar peixe? Se ele cavar aqui, daqui a ponte lá, uns cem metros quadrado ele faz um rombo dentro^{II,V}.

Há um temor de que os peixes sejam extintos, mortos pelo agrotóxicos que chegam às águas e pela ação das mineradoras, com seus barcos que “chupam” a areia.

Estava conversando eu e ela esses tempo, analisando, dizendo o que vai ser da pesca. Passar os dias lá para cima com um barco. Que a gente lutou, gastou assim como meu sonho, de ter o barco. A gente não passa mais trabalho dormindo em barraca, que tem tudo dentro, tudo dentro, cozinha, balcão. Eu estava dizendo para ela e a mãe, que vai terminar isso. Quer dizer, os meus guris não gostam de pescar, daqui mais uns seis anos terminou. Dos meus irmãos a mesma coisa, os meus sobrinhos nenhum pesca. Daqui na volta os outros meus primos são deles nenhum pesca. Os meus tios já estão tudo parado, não pescam mais. Daqui uns anos nesse lugar, só tem os filhos deles também e aqui na Ilha a mesma coisa^I.

Não há um final heroico. Méia, no tecer do seu discurso, enuncia um quadro social sobre o qual ele não tem domínio. São tempos difíceis para o pescador artesanal da Ilha da Pintada, pois para poder viver da pesca, terão de cada vez ir mais longe em busca de peixes e para tanto, terão de comprar embarcações, ter mais gastos com combustíveis. Se antes a família vivia da pesca, hoje os filhos já não seguem os avós, pais, tios na profissão e os saberes se perdem. Meia já enfrentou muitas adversidades na pesca, mas agora está frente a frente com a maior delas, a dissolução da comunidade tradicional e a escassez de peixes. Sem peixes não há vida.

6 HORA DE RECOLHER AS REDES E CONCLUIR A PESCARIA

Aqui encerro a singradura. As considerações que teço são resultantes das leituras de sete narrativas de quatro pescadores e três pescadoras artesanais, que se distribuem pela Praia do Paquetá (Canoas), Capão Novo (Litoral Norte do RS) e Ilha da Pintada (Porto Alegre).

Nomeei-os como pescadores e pescadoras, porém, esclareço que os reconheço na sua singularidade. Não se tratou de ouvir excluídos, de dar-lhes voz, mas sim, fui em busca do indivíduo, daquele e daquela que reconstruísse a sua experiência e que lhe desse significado, no momento da cápsula narrativa (CALDAS, 1999a).

Trabalhei com este conceito/procedimento, a partir do qual, cada narrador/a escolheu uma origem voluntária para iniciar e imprimiu um eixo narrativo para sua fala. Sem a imposição de conteúdo ou temas, esses exprimiram suas experiências de vida, envolvendo a atividade pesqueira, suas lutas e temores cotidianos.

Apenas para mim mesma, havia delimitado previamente o que gostaria que aparecesse nas narrativas: o perfil dos pescadores, suas percepções sobre políticas públicas para a pesca, o acesso ao conhecimento sobre as agendas, a relação com as suas entidades representativas, gestão dos territórios para a pesca nas localidades em que vivem e pescam e suas experiências de representatividade junto aos poderes públicos e nos espaços de discussão sobre pesca artesanal.

Tive o cuidado de não lhes impor esses temas. Nos contatos iniciais solicitei que discorressem sobre suas vidas. Intimamente, esperava ansiosa que as minhas inquietações fossem respondidas nas suas falas. Confesso que foi muito difícil não interferir na sequência narrativa e abrir-me para uma escuta incondicional. Felizmente, aquilo que eu já pressentia, apareceu como pontos sensíveis extraídos das cápsulas, narrados de diferentes formas.

A primeira consideração é sobre a construção dos problemas de pesquisa. Denominei-os de questionamentos a partir de pontos sensíveis, os quais eu já detectara, quando de encontros com pescadores artesanais, por conta de minha atividade profissional. Isto remete à segunda consideração, ou seja, a escolha do objeto e sujeitos da pesquisa foi relacionada à essa particularidade.

Como terceira consideração, aponto os estudos sobre memória de pescadores artesanais no Rio Grande do Sul informando sobre cotidiano e conflitos nos usos dos territórios de pesca, a relação entre pescadores e ambiente, a qualificação dos pescadores em relação ao manejo sustentável e às políticas públicas para pesca, as construções identitárias, os saberes tradicionais, a ocupação do espaço próximo aos assentamentos de pescadores por construções urbanas. Estudos realizados no restante do país têm trabalhado as territorialidades, as associações de pesca, a relação entre pescadores e intermediários, a relação entre os rios e os pescadores, a implantação e implicações do Zoneamento Ecológico-Econômico, as transformações do trabalho pesqueiro, pescadores afetados pela construção de usinas e/ou barragens, entre outros. Estes iluminaram o início da minha pesquisa, principalmente auxiliando-me a justificar a relevância do estudo que me propus a desenvolver.

A quarta consideração é sobre a legislação para a Pesca. O Rio Grande do Sul, em 2018, estabeleceu a política estadual (Lei Estadual Nº 15.223/2018) que trata sobre o Desenvolvimento Sustentável da Pesca no Estado do Rio Grande do Sul e a criação do Fundo Estadual da Pesca. O Brasil é precursor em políticas que preservam os saberes de comunidades tradicionais, mas isso não significa que essas são efetivas na sua aplicação. No que diz respeito à esfera federal, tem-se como maior dificuldade a alternância da tutela da pesca que a cada mudança de governo é alocada conforme decisões presidenciais.

Os pescadores enfrentam seguidas mudanças nas regras e nas responsabilidades governamentais, desde o reconhecimento de sua atividade profissional, ocorrido em 1919. Mais de cem anos depois, continuam a sofrer com a alternância de responsabilidade em instâncias públicas. Ainda são alvo de políticas públicas que preconizam a participação e orientam a inclusão de representantes dos territórios ocupados por comunidades tradicionais, mas o que constatei foi que a ocupação destes espaços não se concretiza. Isto demonstra a fragilidade de suporte institucional governamental, não se conseguindo estruturar um planejamento a longo e médio prazo.

A quinta consideração, refere-se aos pescadores artesanais no Rio Grande do Sul. Os dados oficiais são deficitários e ações governamentais são difusas, não havendo sinergia entre elas. As pesquisas realizadas no Estado demonstram a falta de suporte para a implementação das políticas públicas para a pesca. Ainda,

explicitam a carência de infraestrutura nos locais em que os pescadores vivem, com diminuição de seus territórios tradicionais frente a outras atividades econômicas, como por exemplo, a expansão da urbanização, turismo e instalação de indústrias que conflitam com sua atividade.

Os eixos de políticas públicas para a pesca identificados no estudo foram nomeados de produtivo, ambiental e sociocultural. O produtivo é a categoria que versa sobre a comercialização, consumo, estímulo à renda, linhas de crédito e financiamentos. O eixo ambiental refere-se à gestão territorial e a questões de fauna e flora, usos diversos das águas, conflitos com outros setores econômicos (exemplo: indústria e saneamento com lançamento de dejetos nos rios). No sociocultural foram elencadas as práticas sociais e culturais da pesca artesanal como identidade, memórias, religiosidades e todos os aspectos de saberes tradicionais que são salvaguardados por lei. Situações que destaquei algumas no Quadro 12 a seguir.

Quadro 12 - Exemplo das Temáticas das políticas públicas nas narrativas.

Eixo temático	Exemplo de pontos nas narrativas
Produtivo	Referências aos custos da pesca e regularização da atividade com na fala da Mosa: “[...] a carteira de amador que dá direito a uma quantidade bem menor e não é isso que acontece todo mundo quer a profissional para ter direito a bastante “terreno”. Já na fala do Paulo inicia sobre o valor pago e volume “Só hoje foi vendido 300 kg de peixe, em pouca quantidade o quilo fica por oito pila [forma com que alguns sul-rio-grandenses referem-se à moeda corrente] e até cinco dependendo da quantidade, mas vem tudo, não é para escolher.” A fala de Nego também reflete as negociações setoriais “fomos só em reuniões, em várias, para discutir esse negócio de lugar, carteira, de pesca muitas carteiras aí foram anuladas, também do pessoal parece que não era pescador, moravam aqui, como pescador, e não era, aí o que eles pegaram eles anularam tudo”.
Ambiental	Exemplo do conhecimento e influência em suas atividades como sanções e regramentos ambientais como exposta na fala do Méia “A situação dos pescadores são a mesma. E do bagre não tem nenhum acordo é proibido, mas tem um monte. E a multa para cada um que você pega são cinco mil reais. A fala da Rosane sobre espaços participativos de discussão “Eu fui no Fórum da Pesca agora, uns dois meses atrás em Tramandaí, eles falaram, porque o que está aí é nosso, é a proibição do bagre. É, a proibição do bagre, a proibição da, que é, não aparece muito, só se tu pescar mesmo lá fora. A viola. A viola está para ser proibida também. É, a gente vai, Mas quase não é horário que tá na praia. A maioria quem vai sou eu que vou.
Sociocultural	Situações relacionadas às práticas, saberes e transmissão de suas tradições. Como na fala de Miro que contempla a origem longínqua

Eixo temático	Exemplo de pontos nas narrativas
	<p>“Eu espero que tenha o rio para pescar, porque isso aí teve desde o começo do mundo então eu acho que nunca vai terminar.” A Jaque também demonstra em seu relato a relevância de manter as heranças culturais identitárias “Eu conheço isso aqui (o rio) desde que eu me conheço por gente, sou neta de pescador. A vida toda ele foi no rio e nossa família sempre morou nas beiras de rio aqui. Então foi de criança que comecei a pescar também.”</p>

Fonte: Autoria própria.

A sexta consideração trata dos narradores e dos passos para a realização das cápsulas narrativas, envolvendo desde a concepção do projeto, método desenvolvido por Caldas (1999a, 1999b), até a leitura e interpretação dos textos transcritos. As narrativas são desenvolvidas de forma espontânea pelos narradores plenos, que trazem a sua singularidade.

A partir das leituras, encontrei respostas para as minhas inquietações iniciais, para os pontos sensíveis que transformei em questionamentos. Não separei o capítulo, que denominei de Leituras, em temas, interpretando-os a partir de sequência de trechos de falas dos sete narradores. Escolhi trazer o resultado da leitura, apresentando os pontos sensíveis interpretados a partir do eixo narrativo de cada pescador/a. Apresento então, na sequência, o que considero respostas para as minhas inquietações, a saber:

- perfil dos pescadores^I;
- percepções sobre políticas públicas^{II} para a pesca;
- acesso ao conhecimento^{III} sobre as políticas públicas;
- conhecimento sobre suas entidades representativas^{IV};
- gestão dos territórios^V para a pesca;
- experiências de representatividade^{VI} junto aos poderes públicos e nos espaços de discussão sobre pesca artesanal.

Sobre o perfil dos pescadores, compreendo que todos, com exceção do Paulo, têm baixa escolaridade e tem sua origem em famílias que já viviam da pesca. Seus temores incidem em sobre como se manter nas localidades e sobre as proibições que envolvem períodos de pescar e espécies de peixes. Expressaram o receio de que

termine com eles o viver da pesca, em razão de dificuldades para a continuidade da profissão.

Em relação às políticas públicas, as falas indicam a ausência concreta de ações. Em minhas considerações possíveis ficou evidente o não suporte governamental para a criação e efetivação das agendas para a pesca. Este foi o eixo narrativo das memórias dos sete pescadores artesanais que foram os narradores plenos ouvidos neste trabalho.

Os pescadores artesanais do Rio Grande do Sul lutam constantemente pelo reconhecimento de seu espaço frente aos avanços de outras atividades econômicas, disputando recursos e usos do ambiente natural em que estão inseridos.

Os aspectos relacionados ao seu conhecimento sobre políticas públicas para a pesca, narrados a partir da construção de suas memórias é fruto de um processo coletivo, balizado pelas referências de vínculo comunitário, como bem apontou Halbwachs (2002), em sua obra memória Coletiva.

Em relação ao interesse sobre a gestão dos territórios de pesca, foram pontos difusos nas falas. Pode-se entender que existem os territórios, mas não uma efetiva gestão destes. Os conflitos existentes com os demais usos ficaram presentes em todos os relatos, também com o papel de fiscalização do Estado.

As percepções referentes às entidades que consideram como suas representantes junto ao poder público, no que tange às políticas públicas, percebi um cansaço de tanto esperar por algo concreto. Em suas experiências próprias de representatividade que trazem a partir da narrativa de sua trajetória de vida, identifiquei narradores tanto ativos quanto passivos, mas todos de alguma forma buscavam soluções para suas demandas e serem representados.

Sobre os diferentes espaços que tratam de políticas públicas sobre pesca artesanal, questões como planejamento são colocadas em segundo plano. Verifiquei que os assuntos mais imediatos que afetam o seu dia, ganham destaque na pauta das suas demandas.

Durante a análise comecei a me deparar com os *punctuns* (BARTHES, 2002) que surgiam a partir de suas narrativas. Não precisei guiar nem conduzir, eram conversas em cenários próprios dos pescadores: no bar (porque muitos têm comércio), de área de serviço, varanda, sala de casa ou no atracadouro de seus barcos.

Essa leitura proposta com a marcação dos pontos sensíveis foram as guias da Leitura proposta por Caldas (1999, 2009). Assim cada leitura foi única em sua cápsula, contendo o presente daquele momento em que conversávamos. Foram fruto do vivido e revivido naquele exato momento, uma das possíveis leituras como Caldas (1998) assim sugere. Trouxeram exemplos que ilustraram suas experiências de representatividade, gestão de territórios e conhecimentos de políticas públicas, projetos e soluções propositivas para as suas problemáticas.

A tese de que os pescadores artesanais não percebem sua representatividade efetiva na elaboração das políticas públicas se evidenciou. Principalmente na questão de planejamento e gestão de território, as suas participações são, em geral, reativas a conflitos imediatos. Em relação à minha hipótese de não participação junto às entidades, espaços de decisões e outros, identifiquei que os pescadores não participam em massa, pois não tem condições financeiras que permitam estar em todos os espaços participativos, o que não significa que não lutem pelos seus anseios diários e que não se sintam representados nas lideranças locais.

A recorrência dos pontos sensíveis nas narrativas evidencia indícios de que os pescadores artesanais têm um cotidiano de lutas e desafios para sobreviver em meio a um contexto desfavorável.

Tive a oportunidade de trabalhar com personagens tão ricos na sua essência e de observar como as suas experiências auxiliam na construção de agendas que são apresentadas para a elaboração de políticas públicas, No entanto, nem sempre são ouvidos, nem seus saberes levados em consideração.

Ao valorizar e destacar os narradores plenos, espero que o protagonismo de suas caminhadas e discussões se transformem em resultados. Os pescadores demonstram uma profunda ligação com o espaço, e também se veem como parte das práticas do dia em sua vida, sua rotina é repleta de saberes e de interação com o ambiente.

Para finalizar, as principais dificuldades e a limitação de minha pesquisa foi junto aos poderes constituídos. Foi preciso recorrer as redes de relações comunitárias e contatos diretos com os pescadores para realizar a pesquisa. Outros pontos sensíveis evidenciados nas narrativas, os quais se apresentam como possibilidade de futura pesquisa, são: questões de gênero, acesso a equipamentos sociais, projetos

governamentais baseados em conhecimentos populares, estímulo à cadeia produtiva de complementação de renda.

Busquei narradores plenos e os encontrei. Espero ter contribuído com os estudos em História Oral, a partir de uma perspectiva desafiadora — a das cápsulas narrativas. Foi por meio delas que extraí o que me foi possível observar sobre os pescadores artesanais.

[...]
É por isso meu companheiro
Pescador meu velho Amigo
Que neste mar traiçoeiro
Rogo a Deus verdadeiro
Que esteja sempre contigo.

Quem esses versos ler
Pense nisso com amor
Para que possa dizer
Eu sinto muito prazer
No nosso amigo pescador.

(João Silvério Sousa. O pescador).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Simone Lopes de. **Lagoa da Areia Dos Marianos: História, Memória e Oralidade**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Alagoas. 2016.

ALVES, Andréia Duarte; JUSTO, José Sterza. **Espaço e Subjetividade: Estudo com Ribeirinhos**. *Psicologia & Sociedade*; 23 (1): 181-189, 2011. Universidade Estadual Paulista, Assis, Brasil.

ANDRADE, Claudio Roberto Bernardes. **Um empreendimento de memória social: lembranças de funcionários e ex-funcionários sobre a TV Bandeirantes RS**. 2015. Disponível em: <http://repositorio.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/1243/1/crbandrade.pdf>. Acesso em: 28 fev 2020

ARENDT, Hannah. **Hannah Arendt Entre o Passado e o Futuro**. [Trad: Mauro W. Barbosa]. 5a. Ed. São Paulo: Perspectiva. 1979. pp. 43-68 (Cap. 1 "A Tradição e a Época Moderna").

ATLASBRASIL. Arquipélago: Ilha da Pintada (norte). **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. Disponível em: http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_udh/22074#caracterizacao. Acesso em: 28 fev 2020

BARBOSA, Fabíola Holanda. **Experiência e memória: a palavra contada e a palavra cantada de um nordestino na Amazônia**. 2006. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

BARTHES, Roland. **Oeuvres complètes**. Tome V. Nouvelle édition revue, corrigée et présentée par Éric Marty. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

BENJAMIN, W. **O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERND, Zilá. **A persistência da memória: Romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional**. Edições BesouroBox, 2018.

BIRD. Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento. **Projeto de Assistência Técnica Para o Fortalecimento da Gestão Pública e Desenvolvimento Territorial Integrado**. Relatório Nº: 83270-BR. 2014

BOMFIM, Natanael Reis; DOS SANTOS, Thaís Souza; LIMA, Luciana Bispo Brasileiro. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A LINGUAGEM COMO MEDIADORA DE APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS. **Linguagens, Educação e Sociedade**, n. 31, p. 170-190, 2019.

BRASIL. **Decreto Nº 5.051/2004**. Promulga a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT sobre Povos Indígenas e Tribais. de 19 de abril de 2004

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5051.htm

_____. **Decreto Nº 6.040/2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm

_____. **Decreto Nº 8.750/2016**. Institui o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8750.htm

_____. **Decreto Nº 9.465/2018**. Altera o Decreto nº 8.750, de 9 de maio de 2016, que institui o Conselho Nacional dos Povos e Comunidades Tradicionais, o Decreto nº 9.122, de 9 de agosto de 2017, que aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Ministério dos Direitos Humanos, o Decreto nº 9.137, de 21 de agosto de 2017, que aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança da Secretaria de Governo da Presidência da República, o Decreto nº 9.417, de 20 de junho de 2018, que transfere a Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres e o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher para o Ministério dos Direitos Humanos, revoga dispositivos do Decreto nº 8.949, de 29 de dezembro de 2016, que aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Ministério do Desenvolvimento Social, e remaneja e transforma cargos em comissão. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Decreto/D9465.htm

_____. **Decreto Nº 10.088/2009**. Consolida atos normativos editados pelo Poder Executivo Federal que dispõem sobre a promulgação de convenções e recomendações da Organização Internacional do Trabalho - OIT ratificadas pela República Federativa do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D10088.htm

_____. **Lei Decreto Nº 9.004** Transfere a Secretaria de Aquicultura e Pesca do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e a Secretaria Especial da Micro e Pequena Empresa da Secretaria de Governo da Presidência da República para o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, e dá outras providências. 2017.

_____. **Lei Federal nº 10.683/2003**. Cria a Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca. 2003.

_____. **Lei Federal nº 10.779/2003** - Seguro Defeso – Pescador Artesanal: É o benefício concedido ao Pescador Profissional Artesanal durante o período de defeso da atividade pesqueira para a preservação da espécie.

Disponível em: <https://www.inss.gov.br/beneficios/seguro-desemprego-do-pescador-artesanal/>. Acesso em 22.jan.2020.

_____. **Lei Federal nº 11.958 /2009**. Dispõe sobre a transformação da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca da Presidência da República em Ministério da Pesca e Aquicultura; cria cargos em comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores – DAS e Gratificações de Representação da Presidência da República; e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2009/lei-11958-26-junho-2009-589089-norma-pl.html>

_____. **Lei Federal nº 11.959 /2009**. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, regula as atividades pesqueiras, revoga a Lei no 7.679, de 23 de novembro de 1988, e dispositivos do Decreto-Lei no 221, de 28 de fevereiro de 1967, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm.

_____. **Lei Federal nº 12.651/2012** - Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis nºs 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis nºs 4.771, de 15 de setembro de 1965, e 7.754, de 14 de abril de 1989, e a Medida Provisória nº 2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências.

_____. **Decreto nº 4.297**. Regulamenta o art. 9º, inciso II, da Lei no 6.938, de 31 de agosto de 1981, estabelecendo critérios para o Zoneamento Ecológico-Econômico do Brasil - ZEE, e dá outras providências. 2002.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Artigo 23º define as competências da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. 1988.

_____. **Leis Federal nº 6.938**. Política Nacional de Meio Ambiente. 1981.

CAETANO, Marta Coutinho. **Memória das Águas: práticas culturais e educativas de pescadores artesanais nas ilhas de Abaetetuba** – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2012.

CALDAS, Alberto Lins. **Seis Ensaios De História Oral**. Caderno de Criação, UFRO/Centro de Hermenêutica do Presente, nº15, ano V, p. 37/57, Porto Velho, junho, 1998

_____, Alberto Lins. **A Noção De Capsula Narrativa**. Caderno de Criação: 52/58, Centro de Hermenêutica do Presente, nº 20, ano VI, Porto Velho, outubro, 1999a.

_____, Alberto Lins. **Oralidade texto e história: para ler a história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1999b.

_____, Alberto Lins. **“Transcrição em história oral”**. In: NEHO-HISTÓRIA, Revista do Núcleo de Estudos em História Oral da USP. São Paulo, n.1, USP/FFLCH/DH, Novembro, 1999c.

_____, Alberto Lins. **Nas Águas do texto: palavra, experiência e leitura em história oral**. Porto Velho, RO: EDUFRO, 2001.

_____, Alberto Lins. **Outra História Oral**. 2003

_____, Alberto Lins. **História e Memória**. ANO III, Nº181 MARÇO - PORTO VELHO, 2005. VOLUME XII. ISSN 1517-5421. Disponível em http://www.primeiraversao.unir.br/atigos_pdf/numero181alberto.pdf. Acesso em: 02 dez. 2016.

_____, Alberto Lins. **“Pontuação em História Oral”**. In: Oralidades. Revista de História. USP. 2008.

_____, Alberto Lins. **Cápsula Narrativa em História Oral**. 2009

_____, Alberto Lins. **Geografia Oral**. 2011

_____, Alberto Lins. **Experiência e narrativa: uma introdução à história oral**. 2013

_____, Alberto Lins. **Espaço e Oralidade**. Maceió, AL. EDUFAL.2016

CAYMMI, Dorival. Canção de 1954: **Pescaria (Canoeiro)**. Série Retratos. Disponível em: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/musica-e-trabalho-pescaria-canoeiro-de-dorival-caymmi/>. Acesso em 28 fev 2020

CHRISTMANN, Juliana Pugliese. **Pescando memórias na praia do Paquetá**. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11690/881>. 2015. Acesso em 22.jan.2020.

CIDREIRA-NETO, Ivo Raposo Gonçalves; FRAGOSO, Marília Lacerda Barbosa; RODRIGUES, Gilberto Gonçalves. PESCA ARTESANAL DO MARISCO NO LITORAL PARAIBANO: RELAÇÕES SOCIOAMBIENTAIS E TECNOLOGIAS SOCIAIS. **Revista de Geografia (Recife)**, v. 36, n. 1, 2019.

DEVOS, Rafael Victorino. **A “questão ambiental” sob a ótica da antropologia dos grupos urbanos, nas ilhas do Parque Estadual Delta do Jacuí, Bairro Arquipélago, Porto Alegre, RS**. UFRGS, Tese de Doutorado, 2007.

_____. **A crise ambiental sob a perspectiva da memória e dos itinerários no mundo urbano contemporâneo**. Ambiente & Sociedade. Campinas v. XII, n. 2. p. 293-306. jul.-dez. 2009

DIAS, Sammer Maravilha Chagas Gilio . **Conhecimento ecológico local dos Pescadores Artesanais sobre bagre (família Ariidae), no Litoral Norte do Rio Grande do Sul**

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. 169 p. ISBN 8527103451.

_____. **A Pesca Construindo Sociedades**. 2004. São Paulo: NUPAUB/USP.

_____. **A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil**. Revista Etnográfica, n. 2, vol. 3, 1999, pp. 361-375. Disponível em: <http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_03/N2/Vol_iii_N2_361-376.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2016.

FAO. **Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura**. Disponível em: <http://ois.sebrae.com.br/comunidades/fao-organizacao-das-nacoes-unidas-para-a-alimentacao-e-a-agricultura/>. Acesso em: 28 fev 2020

FEPAM. **Regiões Hidrográficas do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <http://www.fepam.rs.gov.br/qualidade/qualidade.asp> FEPAM, 2017. Acesso em: 12 mai. 2017.

FREY, Klaus. **Políticas Públicas: Um Debate Conceitual e Reflexões Referentes À Prática da Análise de Políticas Públicas no Brasil**. Planejamento e Políticas Públicas. Ed.21. 2000.

GARCEZ, D. S.; BOTERO, J. I. S.. **Comunidades de pescadores artesanais no estado do Rio Grande de Sul**. Atlântica, Rio Grande, RS, v. 1, p.17- 29, 2005.

GONDAR, Jô. **Cinco proposições sobre memória social**. In: Por que memória social? / Amir Geiger ... [et al.] ; Vera Dodebei, Francisco R. de Farias, Jô Gondar (Org.) — 1. ed. — Rio de Janeiro : Híbrida, 2016. 379 p. : il. ; 23 cm. — (Revista Morpheus : estudos interdisciplinares em Memória Social : edição especial, ISSN 1676-2924 ; v. 9, n. 15)

GRAEBIN, C. M. G. ; CHRISTMANN, J. P. ; CHALA, A. **HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA**. In: Zilá Bernd e Nádia Maria Weber Santos (Orgs.). (Org.). HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA. 1ed.Canoas: Unilasalle, 2016, v. 01, p. 45-60.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva** (LT Benoir, Trad.). Sao Paulo: Centauro Editora.(Original Publicado em 1950), 2004.

_____, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

_____, Maurice. **Os quadros sociais da memória**. Esta edição electrónica foi conduzido por Jean-Marie Tremblay, a partir do livro de Maurice Halbwachs (1925) Os quadros sociais da memória. Paris: Felix Alcan, 1925. Coleção de Obras Ano sociológica. Paris: Presses Universitaires de France, New Edition, 1952, 299 páginas. Coleção da filosofia contemporânea. Edição concluída 19 de julho de 2002 em Chicoutimi, Quebec.

HEIDEGGER, Martin. **Identidade e diferença**. Vozes de bolso. Edição de Bolso (Português) Livro de bolso – Edição padrão. 2008. 56 p. ISBN-10: 8532657923

HÖFLING, Eloisa de Mattos. **Estado E Políticas (Públicas) Sociais**. Cadernos Cedes, ano XXI, nº 55, novembro/2001.

INESC. **Política Socioambiental Do BNDES: Presente E Futuro**. INESC Instituto de Estudos Socioeconômicos. 1ª Edição Brasília, 2015.

JOBIM, Antônio Carlos. **Correnteza**. Ano 1976. Álbum Urubu. Disponível em: <https://genius.com/Antonio-carlos-jobim-correnteza-lyrics> Acesso em 09.mar.2020

JOUTARD, Philippe. **Desafios à História Oral do século XXI**. In ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. História oral: desafios para o século XXI [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-1. Disponível em: SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 27 fev 2020

KALIKOSKI, D.C.; Vasconcellos, M. 2013. **Estudo das condições técnicas, econômicas e ambientais da pesca de pequena escala no estuário da Lagoa dos**

Patos, Brasil: uma metodologia de avaliação. FAO, Circular de Pesca e Aquicultura No. 1075. Roma, FAO.

LHO. LABORATORIO DE HISTORIA ORAL. 2016. **Histórico do Laboratório.** Disponível em: <<http://lhouniville.wixsite.com/novo/historia-do-lho>> Acesso em: 21.ago.2017.

LIMA, Adriana Luzia. **Filhos-De-Santo, História E Candomblé: Narrativa E Experiência Do Xangô Em Alagoas.** Dissertação. 2016.

LITTLE, Paul E. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade.** 2002. Departamento de Antropologia Instituto de Ciências Sociais Universidade de Brasília. Brasília.

MAIA, Tim. **O Descobridor dos Sete Mares.** Ano 1983. Álbum O descobridor dos sete mares. Disponível em: <https://analisedeletras.com.br/tim-maia/o-descobridor-dos-sete-mares/> Acesso em: 09.mar.2020

MANHÃES, Manuela Chagas; ESTEVES, Júlio Ramos. Uma reflexão sobre memórias e elementos culturais da comunidade tradicional em Arraial do Cabo: pesca artesanal e isolamento social e geográfico/a reflection on memories and cultural elements of the traditional community in Arraial do Cabo: crafts and soc. **Revista ECOS**, v. 25, n. 2, 2018.

MAZURANA, Juliana. **Povos e Comunidades Tradicionais do Pampa** / Juliana Mazurana, Jaqueline Evangelista Dias, Lourdes Cardozo Laureano - Porto Alegre, Fundação Luterana de Diaconia, 2016.

MDS. Ministério do Desenvolvimento Social. **Povos e Comunidades Tradicionais.** Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/direito-a-alimentacao/povos-e-comunidades-tradicionais>. Acesso em: 28 fev 2020

MEIHY, J. C. S BOM. **Manual de História Oral.** 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Manual de história oral.** 4. ed., rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2002. 246 p. ISBN 851501324X.

MMA. Ministério do Meio Ambiente. **Ecodesign.** Disponível em: <https://www.mma.gov.br/informma/item/7654-ecodesign.html>. Acesso em: 28 fev. 2020

_____. Ministério do Meio Ambiente. **Programa Zoneamento Ecológico-Econômico:** diretrizes metodológicas para o Zoneamento Ecológico-Econômico do

Brasil. 3 ed. Brasília: MMA/SDS, 132 p. 2006. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/destaques/item/7529-diretrizes-metodologicas>. Acesso em: 29 dez. 2016.

_____. Ministério do Meio Ambiente. **Zoneamento Ecológico-Econômico nos Estados**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/gestao-territorial/zoneamento-territorial/zee-nos-estados>. Acesso em: 29 mai. 2017.

MOURA, Sérgio Cardoso de. **Colônias de pescadores e a luta pela cidadania**. DFE./ UFPA Campus de Bragança Mestrando em Educação na UFRN. 2012.

MPP. **Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais**. Desde 2012. Disponível em: <http://campanhaterritorio.blogspot.com/2013/04/campanha-nacional-pela-regularizacao-do.html>. Acesso em: 28 fev 2020

NETO, André de Faria Pereira; MACHADO, Bárbara Araújo; MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral no Brasil: uma análise da produção recente (1998/2008)**. Revista História Oral Vol 10 N 2. História Oral, v. 10, n. 2, p. 113-126, jul. Dez. 2007. Disponível em: http://www6.ensp.fiocruz.br/repositorio/sites/default/files/arquivos/Hist%C3%B3riaOralBrasil_0.pdf. Acesso em: 15 jul 2017

OBSERVAPOA. **Observatório da Cidade de Porto Alegre**. Territorialidades. Disponível em: http://observapoa.com.br/default.php?reg=272&p_secao=46. Acesso em: 28 fev 2020

OLIVEIRA, Joycelaine Aparecida de. **1982 - Ciclo de águas e vidas: o caminho do rio nas vozes dos antigos vapozeiros e remeiros do são Francisco**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Uberlândia, 2009.

PAES, Vanessa Generoso. **Mulheres no Seringal**. Porto Velho: Universidade Federal. 2004.

PAULA, Cristiano Quaresma de; SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Diálogo de Saberes Ambientais e Territoriais - O Caso do Fórum Delta do Jacuí**. Programa de Pós-Graduação em Geografia–Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013.

PERUCCHI, Loyvana Carolina. **Cartilha do pescador artesanal: etnoecologia, direitos e territórios na Bacia do Rio Tramandaí** / Organizado por Loyvana Carolina Perucchi e Gabriela Coelho-de-Souza. - Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural), UFRGS, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/96687> Maquiné: Via Sapiens, 2015.

PESSOA, M. L. Regiões do RS. **PESSOA, ML Atlas FEE. Porto Alegre: FEE, 2017.** Disponível em: <http://atlas.fee.tche.br/rio-grande-do-sul/territorio/regioes-do-rs/>. Acesso em: 2 de fev de 2020.

PILA. *In*: FISCHER, Luís Augusto. **Dicionário de Porto-Alegre**. Coleção L&PM Pocket. Porto Alegre. Setembro de 2007

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: http://www.pgdef.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Cap raro/memoria_e_identidade_social.pdf. Acesso em: mar. 2014.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Tradução de Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. PP.71-9.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RAPOZO, Pedro; WITKOSKI, Antônio Carlos. **Pescadores e as Transformações Sociais do Trabalho na Amazônia Brasileira: Memória Social e as Dinâmicas de Apropriação Comum dos Recursos**. Araraquara, v.16, n.31, p.511-528, 2011.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei Complementar Nº 14.476**. Dispõe sobre o Conselho Gaúcho de Aquicultura e Pesca Sustentáveis – CONGAPES. 2014.

_____. **Decreto Estadual nº 49.255**. Cria a Comissão Estadual do ZEE-RS.

_____. **Lei Estadual nº 11.362** Define a SEMA-RS como Órgão competente pelo ZEE. 1999.

_____. **Lei Estadual 10.350**. Institui O Sistema Estadual De Recursos Hídricos, Regulamentando O Artigo 171 Da Constituição Do Estado Do Rio Grande Do Sul. 1994.

ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994.

SANTOS, Mayra Laborda; SILVA, Marina Hastenreiter; CONTI, Bruna Ranção. Memória coletiva, cogestão de recursos comuns e turismo no Amazonas. **RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 9, n. 1, p. 123-137, 2019.

SANTOS, Milton. **PENSANDO O ESPAÇO DO HOMEM**. Edusp, São Paulo, 2007.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. **História e Memória: o caso do Ferrugem**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.25, nº 46, PP. 271-295, 2003.

SANTOS, Nilson. **Seringueiros da Amazônia – Sobreviventes da Fartura**. Tese. 2002.

SANTOS, Veronica Macedo dos; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. **Relação e Vivência de Canoístas e Caminhantes com o Rio das Contas em Ubaitaba-BA**. Revista Caminhos de Geografia. V. 14, N. 48 (2013), p. 171-185.

SDR. Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo do Estado do Rio Grande do Sul. **Quem Somos**. Disponível em: <<http://www.sdr.rs.gov.br/quem-somos>> . Acesso em 10 abr. 2017. SDR. 2017 (Extinta em 17 de abril de 2019 – Disponível em: <https://www.agricultura.rs.gov.br/nova-estrutura-da-secretaria-da-agricultura-e-publicada-no-diario-oficial-do-estado>)

SEAPDR. Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural. **Quem somos**. Disponível em: <https://www.agricultura.rs.gov.br/quem-somos>. Acesso em: 28 fev 2020

SEMA. Secretaria do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. **Relatório Síntese Oficinas de Pré-diagnóstico**. 2017A. Disponível em: <www.zee.rs.gov.br>. Acesso em 13 abr.2017.

_____. Secretaria do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. **Oficina de Salvaguardas Sociais – Pescadores Artesanais**. Local: Secretaria Desenvolvimento Rural SDR. Julho/17. Porto alegre. 2017B Disponível em: <www.zee.rs.gov.br>. Acesso em 13 abr.2017.

SPH. Superintendência de Portos e Hidrovias - **foi extinta pela Lei número 14.983/2017, que dispõe sobre a extinção da Superintendência de Portos e Hidrovias (SPH) e redireciona as funções por ela desempenhadas para o Porto de Rio Grande**. Disponível em: http://www.sph.rs.gov.br/sph_2006/content/home/index.php. Acesso em: 27 fev 2020.

SPGG. Secretaria de Planejamento Gestão E Governança. **Termo de Referência do ZEE-RS** 2015. Disponível em: <http://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201603/16151227-1408385329-zee-rs-tr-final.pdf> >. Acesso em 15 abr. 2017.

SENADO FEDERAL. **Legislação pesqueira**. – 2. ed. – Brasília: Senado Federal. 2014.

SILVA, Adriano Prysthon da. **Pesca artesanal brasileira. Aspectos conceituais, históricos, institucionais e prospectivos**. Palmas: Embrapa Pesca e Aquicultura, 2014.

SILVA, Christian Nunes da Silva. **Territorialidades e modo de vida de pescadores do Rio Itaquara, Breves – PA**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UFPA, Belém, 2006.

SILVA, Ederson Pinto da; WALTER, Tatiana. **Pesca Artesanal E Conflitos Ambientais: A Disputa Pela Natureza Na Zona Costeira Do Rio Grande Do Sul**. In: VII Seminário Internacional Pensamento Crítico - Constitucionalismos, democracias e educação: o presente e o futuro da América Latina, Pelotas, 2015.

SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES DA PESCA E AQUICULTURA. **Registro Geral da Atividade Pesqueira**. 2011. Disponível em: <http://sinpesq.mpa.gov.br/rgp_cms/index.php?option=com_content&view=article&id=1:rgp>. Acesso em: 12 dez. 2016.

SOUZA, Celina. **Políticas Públicas: uma revisão da literatura**. Sociologias, Porto Alegre, ano 8, nº 16, jul/dez 2006, p. 20-45

SOUZA, João Silvério. (Poema na edição impressa de abril de 2015) Disponível em <https://diariodalagoa.pt/arquivo/17245> Acesso em 9.mar. 2020.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo/Caxias: UPF/EDUCS, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RIO GRANDE – FURG. **Projeto de Extensão Estatísticas de Desembarque Pesqueiro da região sul do Rio Grande do Sul implementado pelo Laboratório de Estatística Ambiental/IMEF/FURG**. 2012. Disponível em: <<http://trabalhocompescadores.furg.br/index.php/websig-cadeia-produtiva.html>>. Acesso em 05 mai. 2016

VERLINDO, Avelino. Pesquisa. **História de Capão da Canoa**. Disponível em: <http://www.capaodacanoa.rs.gov.br/site/home/pagina/id/62/?Historia-do-Municipio.html>. Acesso em: 27 fev 2020

XAVIER, Luciana Yokoyama. **A Participação de comunidades de pescadores tradicionais na implementação do Zoneamento Ecológico-Econômico Marinho e suas implicações: Um estudo de caso no Litoral Norte de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Ciências, área de Oceanografia Biológica), USP, 2010.

ZEE-RS. **Zoneamento Ecológico-Econômico do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <https://codexremote.com.br/home/projetos/zee-rs/>. Acesso em: 27 jan 2020



APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O presente termo tem por objetivo autorizar a sua participação na pesquisa, **“MEMÓRIAS DE PESCADORES ARTESANAIS SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A PESCA (2013-2019): PRAIA DO PAQUETÁ, ILHA DA PINTADA E LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL”**, que será desenvolvida, entre outros, por meio da aplicação de entrevistas junto aos pescadores artesanais do RS doravante, para efeitos desse termo, chamado de colaborador). As entrevistas serão realizadas em local a ser indicado pelo colaborador. Estas informações estão sendo fornecidas na forma de participação voluntária que visa realizar um estudo a respeito do grupo de pescadores da artesanais do RS. Esta pesquisa está sobre a coordenação da Professora Dr.a Cleusa Maria Gomes Graebin do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle de Canoas, com a execução da mesma pela doutoranda Juliana Pugliese Christmann. Em qualquer etapa do estudo, o colaborador terá acesso aos investigadores para esclarecimento de eventuais dúvidas. Contato: Juliana Pugliese Christmann, telefone (51) 9910-2838, endereço eletrônico: julipugli@gmail.com e Cleusa Maria Gomes Graebin, telefone: (51) 3476-8708, endereço eletrônico: prcleusa@unilasalle.edu.br. É garantida ao colaborador da pesquisa a liberdade da retirada de consentimento e o abandono do estudo a qualquer momento, bem como a garantia, caso seja do seu interesse, do sigilo dos seus dados de identificação de forma que se assegure a sua privacidade e o seu anonimato. Fica assegurado, também, o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa, assim que esses resultados sejam conseguidos pelo pesquisador. As entrevistas no formato áudio e ou vídeo, bem como sua transcrição serão armazenadas em suporte digital e farão parte de Banco de Dados sob a responsabilidade do Programa de Pós Graduação do Unilasalle, podendo ser acessado para novas pesquisas e análises. As informações concedidas serão utilizadas para a pesquisa em questão, apresentadas em em formato digital texto sobre os Pescadores Artesanais do RS e sob a forma de trabalhos científicos. Não há despesas pessoais para o colaborador em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelos Coordenadores da pesquisa. O local da realização da entrevista será onde o colaborador desejar. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será emitido em duas vias: uma delas a ser retida pelo colaborador da pesquisa e outra a ser arquivada pelo pesquisador. Pelo presente documento, eu,

_____, brasileiro (a), Carteira de Identidade: _____,

CPF: _____,

Endereço: _____,

depois de conhecer e entender os objetivos da pesquisa, através do presente termo, declaro ceder ao Centro Universitário La Salle, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao Centro Universitário La Salle, na cidade Canoas, num total de ____ horas gravadas perante a pesquisadora Juliana Pugliese Christmann. O La Salle fica, conseqüentemente, autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo as normas do Centro Universitário La Salle, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do Colaborador



APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – IMAGENS

O presente termo tem por objetivo autorizar a sua participação na pesquisa, que será desenvolvida, entre outros, por meio de utilização de imagens fotográficas de seu acervo pessoal e ou registro fotográfico de sua imagem.

Esta pesquisa está sobre a coordenação da Professora Dra. Cleusa Graebin, **“MEMÓRIAS DE PESCADORES ARTESANAIS SOBBRE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A PESCA (2013-2019): PRAIA DO PAQUETÁ, ILHA DA PINTADA E LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL”**

Em qualquer etapa do estudo, o colaborador terá acesso aos investigadores para esclarecimento de eventuais dúvidas. Contato: Juliana Pugliese Christmann, telefone (51) 9910-2838, endereço eletrônico: julipugli@gmail.com e Cleusa Maria Gomes Graebin, telefone: (51) 3476-8708, endereço eletrônico: prcleusa@unilasalle.edu.br.

É garantida ao colaborador da pesquisa a liberdade da retirada de consentimento e o abandono do estudo a qualquer momento. Fica assegurado, também, o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa, assim que esses resultados sejam conseguidos pelos pesquisadores.

As imagens serão armazenadas em suporte digital e farão parte de Banco de Dados sob a responsabilidade do Programa de Pós Graduação do Unilasalle, podendo ser acessadas para novas pesquisas e análises. As imagens concedidas serão utilizadas para a pesquisa em questão, apresentadas em texto sobre os pescadores artesanais do RS e sob a forma de trabalhos científicos e ou culturais.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelos Coordenadores da pesquisa. Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será emitido em duas vias: uma delas a ser retida pelo colaborador da pesquisa e outra a ser arquivada pelo pesquisador.

Pelo presente documento, eu, _____, brasileiro (a), Carteira de Identidade: _____, CPF: _____, Endereço: _____, depois de

conhecer e entender os objetivos, AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores do projeto de pesquisa intitulado , **“MEMÓRIAS DE PESCADORES ARTESANAIS SOBBRE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A PESCA (2013-2019): PRAIA DO PAQUETÁ, ILHA DA PINTADA E LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL”**, a utilizar, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, fotografias de meu acervo pessoal num total de ____ imagens, discriminadas em documento anexo.

Autorizo-os, também, a captar a minha imagem em fotografias quando for julgado necessário e em conformidade com as finalidades da pesquisa.

Declaro, também, ceder ao Centro Universitário La Salle a plena propriedade das imagens de meu acervo pessoal e ou direitos de imagem associadas às fotografias realizadas durante a pesquisa, na cidade de Canoas, o qual fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais e acadêmicos, as mencionadas imagens bem como permitir a terceiros o acesso às mesmas para fins idênticos, segundo as normas do Centro Universitário La Salle, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Assinatura da Pesquisadora



APÊNDICE C – Carta de Apresentação da Pesquisa

Prezado (a) colaborador(a):

A partir dessa carta, apresento a pesquisa, “MEMÓRIAS DE PESCADORES ARTESANAIS SOBRE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A PESCA (2013-2019): PRAIA DO PAQUETÁ, ILHA DA PINTADA E LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL”, realizada pela Doutoranda Juliana Pugliese Christmann vinculada ao Unilasalle - Centro Universitário La Salle no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais.

A pesquisa será desenvolvida durante os anos de 2014 e 2019, por meio da aplicação de entrevistas junto a Pescadores Artesanais do RS. Para tanto, estou convidando-o(a) a colaborar com a mesma, com testemunho oral sobre suas memórias a respeito das suas vivências e experiências no mesmo. Estas informações serão fornecidas na forma de participação voluntária nesse estudo, que visa realizar um estudo a respeito do grupo de pescadores artesanais do RS.

Em qualquer etapa do estudo, o colaborador terá acesso aos investigadores para esclarecimento de eventuais dúvidas. Contato: Juliana Pugliese Christmann, telefone (51) 9910-2838, endereço eletrônico: julipugli@gmail.com e Cleusa Maria Gomes Graebin, telefone: (51) 3476-8708, endereço eletrônico: prcleusa@unilasalle.edu.br.

É garantida a você a liberdade da retirada de consentimento e o abandono do estudo a qualquer momento, bem como a garantia, caso seja do seu interesse, do sigilo dos dados de identificação de forma que se assegure a sua privacidade e seu anonimato. Fica assegurado, também, o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa, assim que esses resultados sejam conseguidos pelos pesquisadores.

As entrevistas no formato áudio e ou vídeo, bem como sua transcrição serão armazenadas em suporte digital e farão parte de Banco de Dados sob a responsabilidade do Programa de Pós Graduação do Unilasalle, podendo ser acessado para novas pesquisas e análises., sempre observando o que for disposto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As informações concedidas serão utilizadas para a pesquisa em questão, apresentadas em texto de e-book sobre os Pescadores Artesanais do RS e sob a forma de trabalhos científicos. Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelos coordenadores da equipe.

Juliana Pugliese Christmann
Pesquisadora